

Universidade Federal de Pelotas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais



Dissertação

“A Caravana do Amor”:

**Um estudo sobre reciprocidades, afetos e sexualidade em um
estabelecimento prisional que comporta homens e mulheres em
seu interior, Rio Grande/ RS**

Sabrina Rosa Paz

Pelotas, 2009

Sabrina Rosa Paz

“A Caravana do Amor”:

Um estudo sobre reciprocidades, afetos e sexualidade em um estabelecimento prisional que comporta homens e mulheres em seu interior, Rio Grande/ RS

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Profª Orientadora: Drª Flávia Maria Silva Rieth

Pelotas, 2009

Dados de catalogação na fonte:
Aydê Andrade de Oliveira CRB - 10/864

P348c Paz, Sabrina Rosa.

“A caravana do amor” : um estudo sobre reciprocidades, afetos e sexualidade em um estabelecimento prisional que comporta homens e mulheres em seu interior, Rio Grande/RS / Sabrina Rosa Paz. – Pelotas, 2009.

128f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas.

1. Encarceramento feminino. 2. Reciprocidades. 3. Afeto. 4. Sexualidade. I. Rieth, Flávia Maria Silva, orient.
II. Título.

CDD 303.32

Em memória de Ana Helena Alaniz
Pereira – dona de uma generosidade
e humor inigualável.

AGRADECIMENTOS

Ao Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas e à CAPES, pelos respectivos apoios institucionais no desenvolvimento da pesquisa.

À minha orientadora e amiga Flávia Maria Silva Rieth, que me possibilitou compreender o que é ser um antropólogo. Na verdade, passado nove anos desde que me deu aula pela primeira vez, não sei exatamente como agradecê-la.

Ao professor Rogério Réus Gonçalves da Rosa e a professora Cláudia Turra, pelas orientações durante o meu estágio docente. Obrigada pelo incentivo e confiança.

Ao professor Luiz Antônio Bogo Chies, que me aproximou da temática do sistema penitenciário e que me proporcionou o aprendizado do trabalho em grupo.

Ao Núcleo de Antropologia e Cidadania – NACI/UFRGS, que me acolheu em suas reuniões e eventos no período da construção deste objeto de pesquisa.

Às mulheres encarceradas, em especial, às que convivi no Presídio Estadual de Rio Grande/RS e nas suas casas. Agradeço por me permitirem compartilhar parte de suas histórias e cotidiano, como também, pelo carinho e generosidade.

À Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul, ao Delegado da 5.^a Delegacia Penitenciária Regional e aos agentes penitenciários, incluindo o administrador e o vice-administrador, do Presídio Estadual de Rio Grande.

Aos colegas e amigos Denise Faria, Dilza Porto, Gislaine Mullet, Flávia Rogrigues, Laura Senna, Carlos Alberto e Tatiane Demarco.

Ao Leocemar, com quem me casei durante a realização desta pesquisa, companheiro de todas as horas, que contribuiu com seu amor, carinho e paciência.

À minha família que, cada um a seu modo, se fez presente durante essa fase da minha vida: Irêne, Guaraci, Guacira, Magela, Cahuê, Joselmo, Max, Rodolfo, João Vítor, Isadora, Edith e Rubiane.

RESUMO

O presente estudo etnográfico foi realizado junto a mulheres de grupos populares que cumpriam pena privativa de liberdade no Presídio Estadual de Rio Grande, Rio Grande do Sul. O estudo propôs-se analisar o sentido das práticas do namoro, do casamento e do exercício da sexualidade, engendradas num presídio que comporta homens e mulheres em seu interior, a partir do ponto de vista das mulheres. Neste termos, observou-se discursos e práticas que apontam a experiência prisional como redimensionadora da gramática das relações do contexto da rua, tendo em vista a fratura dos laços entre consanguíneos e o estreitamento das relações entre mulheres e homens presos. O princípio da reciprocidade é a lógica que orienta as relações sociais das mulheres, inclusive, no que diz respeito às relações afetivo-sexuais.

Palavras-chave: Encarceramento feminino. Reciprocidade. Afetos. Sexualidade.

ABSTRACT

The present ethnographic study has been carried through next to women of popular groups that fulfilled privative penalty of freedom in the State Penitentiary of Rio Grande, Rio Grande Do Sul. The study has been considered to analyze the direction of the practical of courtship, the marriage and the exercise of the sexuality, produced in a penitentiary that holds men and women, from the point of view of the women. In these terms, it was observed practical speeches and that they point the prison experience as resize of the grammar of the social relations of the context of the street, in view of the breaking of the bows between kin and the nip of the relations between women and men imprisoned. The beginning of the reciprocity it is the logic that guides the social relations of the women, including, and especially with regard to the affective-sexual relations.

Keywords: Feminine imprisonment. Reciprocity. Affection. Sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - OS DILEMAS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO	13
1.1 Embaraços metodológicos: o ingresso e os percalços no campo.....	14
1.2 Um olhar disciplinado: o presídio e a relação entre pesquisadora e o grupo pesquisado	25
1.3 A modalidade de ser “afetada” como uma dimensão do trabalho de campo.....	28
CAPÍTULO II – MULHERES E PRISAO	31
2.1 A ala feminina do Presídio Estadual de Rio Grande	35
CAPÍTULO III - RECIPROCIDADE, AFETO E SEXUALIDADE EM GRUPOS POPULARES: ASPECTOS REDIMENCIONADOS NA PRISÃO	42
3.1 Fratura nos laços consanguíneos: é o que faz a cadeia “pesar”.....	50
3.2 A reciprocidade.....	53
3.3 Afetos e a sexualidade.....	56
CAPÍTULO IV -“A CARAVANA DO AMOR”: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO NAMORO, DA VISITA ÍNTIMA E DO CASAMENTO	59
4.1 O namoro por janela.....	59
4.2 O namoro por carta e <i>catatau</i>	64
4.3 Os relacionamentos homoeróticos.....	70
4.4 A visita íntima.....	73
4.4.1 A visita íntima na galeria feminina.....	76
4.4.2 A visita íntima na galeria masculina ou para <i>seguir a caravana do amor</i>	77
4.4.3 A proibição das visitas íntimas: prostituição, gravidez e vírus do HIV.....	78
4.5 O casamento.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE - Termo de consentimento livre e informado	92

ANEXOS	94
Anexo A - Cartas e " <i>catataus</i> "	103
Anexo B - Poemas de De Àguida	119

INTRODUÇÃO

As mulheres estão em minoria nas populações encarceradas. Não obstante, verifica-se, atualmente, um aumento quantitativo de mulheres presas.

Sobre a evolução da população carcerária feminina, conforme dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN)¹, o crescimento da população feminina tem sido maior do que a masculina e vem se mantendo em percentuais elevados. No Brasil, nos últimos quatro anos, houve um crescimento real da população carcerária feminina de 37,47%, o que representa uma média de crescimento anual de aproximadamente 11,19%. [...] No período de dezembro de 2006 a dezembro de 2007, o crescimento foi de 11,99%. Em março de 2008, a população feminina brasileira já se apresentava superior à marca de 27.000. Esse número, no Rio Grande do Sul, em abril de 2009, atingiu um total de 1.503².

Apesar do aumento do número de mulheres vivendo em situação de encarceramento, poucos estudos atentam para o cotidiano prisional, sobretudo no que diz respeito à condição das mulheres na prisão. Não obstante essa carência de atenção, segundo Luiz Antônio Bogo Chies:

[...] os estudos existentes são unânimes em apontar as peculiaridades do encarceramento feminino, seja em termos das representações sociais constituídas sobre, e pela mulher presa; seja no que se refere ao significado das privações prisionais e às dinâmicas de adaptação e enfrentamento das mesmas por parte das internas; seja, ainda, em relação às discrepâncias no tratamento legal e político-criminal [...] (CHIES, et. al. 2008, p.9).

Conforme Chies (2008), o aumento do número de mulheres presas tem assumido contornos específicos no contexto atual da sociedade brasileira, no qual têm levado o sistema penitenciário, na falta de presídios femininos, a recorrer, como estratégia, ao encarceramento de mulheres em estabelecimentos que comportam homens e mulheres em seu interior.

¹ Dados disponíveis através do site: <http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMID598A21D892E444B5943A0AEE5DB94226PTBRNN.htm>

² Dado disponível através do site: <http://www.susepe.rs.gov.br>

Segundo os dados levantados pelo Departamento Penitenciário Nacional, existiam no Brasil, em abril de 2008, 508 estabelecimentos penais contendo mulheres encarceradas, sendo: 58 exclusivos para mulheres e 450 para ambos os sexos.

O Estado do Rio Grande do Sul possui apenas três estabelecimentos penais exclusivos para mulheres e são eles: Penitenciária Feminina Madre Pelletier; Albergue Feminino; e Anexo da Penitenciária Modulada de Charqueadas, chamado de Normelina Muniz⁶. Nenhum destes estabelecimentos penais estão localizados na 5ª Região Penitenciária, que abrange a área geográfica do extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, o que resulta na prática, nessa região, da execução da pena privativa de liberdade de mulheres, em celas ou alas adaptadas em unidades masculinas.

Os estabelecimentos prisionais da 5ª Região Penitenciária estão localizados nos municípios de Camaquã, Canguçu, Jaguarão, Pelotas, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar. Dos seis estabelecimentos penitenciários que integram a 5ª Região Penitenciária, quatro comportam homens e mulheres (localizados nos municípios de Rio Grande, Pelotas, Santa Vitória do Palmar e Camaquã).

Dessa forma, a presente pesquisa se justifica pela tentativa de preenchimento da lacuna de conhecimentos sobre a questão do encarceramento feminino. Esta se singulariza por ter como objeto as relações afetivo-sexuais, sob o ponto de vista de mulheres de grupos populares, presas no maior estabelecimento prisional da 5ª Região Penitenciária – O Presídio Estadual de Rio Grande (PERG), localizado na cidade de Rio Grande/RS.

O universo de pesquisa é composto por quarenta e cinco mulheres, cujas características são representativas do perfil das mulheres encarceradas do Presídio Estadual de Rio Grande, sendo a maioria jovens, brancas, oriundas de bairros da periferia de cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Muitas delas já se conheciam “*da rua*” e praticamente todas tiveram pelo menos um parente ou amigo preso. Outras tantas já conheciam o PERG, seja porque já tinham sido presas, seja como visitantes.

⁶ O primeiro para o regime fechado e os dois últimos para os regimes semi-aberto e aberto. Dois destes estão localizados em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Somente a Penitenciária Feminina Madre Pelletier possui creches e berçários para os filhos das apenadas, os quais permanecem até os três anos de idade com a mãe.

Nunca as questioneei – embora para a maioria fosse importante revelar – sobre os delitos pelos quais haviam sido condenadas ou que lhes haviam sido imputados e pelo qual aguardavam julgamento. Tão pouco utilizei como critério o regime de cumprimento de pena. Pratiquei a imersão no campo com o tempo e a intensidade que os funcionários da unidade prisional admitiram e conversei com todas aquelas que quiseram e o período de convívio nos permitiu.

Tomando o conjunto dos dados sobre o perfil das mulheres investigadas, identificou-se um sistema de representação comum a quatro categorias êmicas de experiência, com relação às suas relações afetivo-sexuais: a) mulheres casadas; b) mulheres que casaram no presídio; c) mulheres que namoram; d) mulheres sozinhas, sendo possível perceber um contínuo nos discursivos sobre as práticas do namoro, do casamento e exercício da sexualidade, que se baseava na condição de classe social, gênero, faixa etária, vida sexual e, sobretudo, na experiência prisional. Optou-se por apresentar este quadro (ver capítulo 2), em razão da não identificação das mulheres entrevistadas.

No primeiro capítulo desta dissertação, reflito sobre a minha própria experiência em campo, quando, a partir da minha inserção, tomei contato mais efetivo com a realidade prisional.

No segundo capítulo, faço uma breve apresentação de estudos que tratam da questão da mulher e o cárcere, como também, uma descrição do lugar onde a pesquisa foi realizada, mais precisamente, a ala feminina do Presídio Estadual de Rio Grande.

O terceiro capítulo atenta para as noções de reciprocidade, afetos e sexualidade em grupos populares, que são dimensionados pela experiência das mulheres na prisão. Nesse, reflito sobre as fraturas nos laços consanguíneos e as especificidades das relações afetivo-sexuais no cárcere, a partir das diferenças das experiências cotidianas das noções nativas de “dentro” e “fora” da prisão.

No quarto capítulo, discorro sobre as práticas que definem o sentido do namoro e do casamento, bem como o significado do exercício da sexualidade para as mulheres em situação de encarceramento.

1 OS DILEMAS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre o trabalho etnográfico e as suas peculiaridades, suscitadas pela escolha de um objeto de estudo que abarca a sexualidade de mulheres envolvidas em contextos penitenciários. O processo de pesquisa, que teve seu início no mês de janeiro de 2008, constitui-se numa segunda aproximação com o campo, já “conhecido”, quando da minha participação como bolsista de iniciação científica na pesquisa “A prisão dentro da prisão: uma visão sobre o encarceramento feminino na 5.^a Região Penitenciária do Rio Grande do Sul”⁷, sob coordenação do professor Dr. Luiz Antônio Bogo Chies, no período de março a dezembro de 2006. Foi o meu “estranhamento” com relação às práticas de namoro no Presídio Estadual de Rio Grande que me instigou a “voltar”, na expectativa de compreender como as mulheres pensam e vivem essas relações.

Elegi como *lócus* desta investigação o Presídio Estadual de Rio Grande (PERG), por ser o maior estabelecimento penitenciário da 5.^a Região Penitenciária do Rio Grande do Sul, mas, sobretudo, por ter sido lá que escutei as queixas das mulheres com relação à proibição, por parte da administração do PERG, da visita íntima, bem como a de qualquer outro tipo de proximidade, entre mulheres e homens que se conhecem na prisão⁸, ainda que fosse possível observar diversas práticas de namoro (“*por janela*”, “*por carta*”, “*por catatau*”⁹).

Decorre desta abordagem uma série de questionamentos relacionados à orientação metodológica da pesquisa, sobre as quais reflito ao longo deste capítulo. Início com a análise das dificuldades e embaraços institucionais encontrados durante o percurso, assim como as estratégias metodológicas adotadas para contorná-los.

⁷A pesquisa foi desenvolvida pelo Grupo Interdisciplinar de Trabalhos e Estudos Criminais-Penitenciários (GITEP/UCPel), com recursos financeiros de fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq tendo por objetivo analisar as peculiaridades do encarceramento feminino em estabelecimentos prisionais que originalmente foram projetados para o aprisionamento masculino.

⁸ No PERG, a visita íntima é permitida para mulheres e homens que comprovem a existência de uma relação conjugal estável anterior à situação de encarceramento.

⁹ O mesmo que bilhete.

Atento especificamente para o modo como me aproximei das detentas, a qual resultou na desconfiança por parte dos agentes penitenciários. A reflexão sobre esta condição aponta para o fato de que, se por um lado dificultou o trabalho, por outro, foi fundamental para a relativização do sentido dado ao namoro e ao exercício da sexualidade por parte do grupo pesquisado e das possibilidades de sua apreensão através do trabalho etnográfico. Num segundo momento, analiso como eu concebia o lugar escolhido para a realização do trabalho, antes e durante a investigação empírica. É delineando os contornos da experiência etnográfica que objetivo demonstrar a maneira como se transformou a minha forma de perceber não só o presídio, mas as minhas próprias relações a partir do encontro com o grupo investigado.

1.1 Embarços metodológicos: o ingresso e os percalços no campo

Por reconhecer a instituição carcerária como uma organização burocrática, cada vez mais porosa às influências políticas, jurídicas e da mídia (CHIES, 1999), razões pelos quais pode ser difícil penetrar, procurei, primeiramente, obter a autorização do Delegado Penitenciário Gilmar Lopes Giacomelli e do Administrador Geral do Presídio Estadual de Rio Grande, Hamilton Luis da Silva Fernandes para dar início às observações no Presídio Estadual de Rio Grande.

O Delegado Penitenciário me recebeu na sede da 5ª Delegacia Penitenciária Regional, em Pelotas/RS. Na oportunidade, falou sobre as deficiências do sistema penitenciário e sobre a mídia, segundo ele, sensacionalista. Mencionou, a este respeito, a reportagem sobre o Presídio Estadual de Rio Grande, veiculada no Jornal Diário Popular, de 07 de fevereiro de 2007, com o título “visita cancelada de última hora” (reportagem em anexo). Tudo isso, para me advertir sobre a proibição da utilização de máquina fotográfica no presídio.

Na ocasião, assinou as duas cópias do requerimento para a realização da pesquisa que eu havia preparado, ressaltando que a sua autorização estava condicionada ao aval do administrador da unidade prisional. Uma das cópias do documento ficou comigo, a outra, com o próprio Delegado, que tratou de enviá-la, por fax, ao administrador do PERG. Essa medida pareceu ter facilitado as negociações com o administrador, haja vista a inexistência, ao menos naquele

momento, de restrições ao trabalho, além daquela que dizia respeito à proibição do uso de máquina fotográfica.

No encontro com o administrador, realizado no próprio Presídio Estadual de Rio Grande, este sugeriu que o acompanhamento das atividades desenvolvidas pelas mulheres presas acontecesse durante as segundas ou sextas-feiras, com o argumento de que nas terças, quartas, sábados e domingos os agentes penitenciários estão ocupados com as visitas e nas quintas-feiras, com as entregas das “*sacolas*” com mantimentos pelos parentes dos(as) internos(as). Para que eu pudesse acessar a instituição semanalmente, disse, ainda, que providenciaria, junto à secretaria do PERG, uma carteira que me identificasse como visitante. Essa carteira, carimbada e assinada pelo administrador, chamava atenção para os locais onde eu poderia ter acesso, bem como, para as instruções ao ingresso na instituição (veja-se a figura 1).

	<p>ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL SJS – SUSEPE – 5ª DPR PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE RIO GRANDE</p>	 <p>Secretaria da Justiça e Penitenciária ESTADUAL Data: 17/12/07 Direção Rio Grande</p> <p><i>S. 007</i></p>
VISITANTE		
Nome: SABRINA ROSA PAZ		
Entidade: Universidade Federal de Pelotas		
Curso: Mestranda em Ciências Sociais		
Acesso: Ala Administrativa e Galeria Feminina		
<p>INSTRUÇÕES</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Os visitantes deverão submeter-se às disposições regulamentares do Estabelecimento Penal 2. Não poderão entregar ou receber diretamente dos reeducandos objetos de espécie alguma, que serão entregues somente após revistados pelos funcionários; 3. Os visitantes somente poderão adentrar o Estabelecimento mediante apresentação desta carteira; 		

Figura 1 – Carteira de identificação fornecida à pesquisadora.

Na época, supus que o recebimento de uma carteira de identificação facilitaria o trabalho. Contudo, isso não se concretizou, na medida em que foi preciso negociar o acesso na instituição, semanalmente, com cada equipe de agentes

penitenciários de plantão. Algumas pessoas destas equipes me facilitaram a entrada na ala feminina. Outras, ainda que já me conhecessem, assim como aos meus propósitos, em todas as vezes, só me permitiram ingressar depois de contatar o chefe de plantão e, quando este também era contrário à minha presença, só depois de contatar o Administrador. Buscavam, assim, excluir de si a responsabilidade sobre a minha presença.

Os procedimentos adotados pelos agentes penitenciários para o meu ingresso no estabelecimento também variavam, de modo que, algumas vezes, a minha presença foi registrada em um livro de ocorrências, outras vezes não. Não obstante, sempre solicitavam que eu deixasse na portaria, mais precisamente, numa gaveta localizada atrás de um balcão do setor administrativo, o meu molho de chaves e o aparelho de celular.

Deste modo, inicialmente, eu acessava o prédio com todo o resto – bolsa, contendo pertences pessoais, tais como: agenda, carteira, canetas, diário de campo, MP3, cigarros, isqueiro – o que gerou certo alvoroço por parte das detentas. As mulheres me perguntavam, por exemplo, se eu não havia sido revistada. Como também se admiravam com o fato de eu portar aquele tipo de aparelho (o MP3), inicialmente, confundido com um celular.

Nas primeiras semanas de observação, inclusive, o MP3 foi acionado desde os meus primeiros passos no PERG, de modo que foi possível registrar todos os ruídos, sobretudo, as minhas conversas com as mulheres. Entretanto, desde o início elas foram esclarecidas sobre as condições de participação na pesquisa. Assegurei-lhes, por exemplo, o sigilo dos seus nomes, mas, apesar disto, algumas chegaram a dizer que não se importavam, a ponto de comentar que se seus nomes fossem utilizados, elas ajudariam a fazer “*propaganda do livro*”, isto é, propaganda da pesquisa.

Minha bolsa e os objetos nela contidos deixaram de causar curiosidade após a primeira semana, passando a ser recorrentemente solicitados a partir disso. Os pedidos de empréstimo do MP3 para escutar música, por exemplo, invariavelmente, aconteciam enquanto estávamos no pátio.

No pátio, diferentemente do que acontece nas galerias, não é possível escutar músicas. Isto porque, segundo as próprias detentas, certa vez, elas receberam autorização para fazer uso de um aparelho de som enquanto estavam no pátio, oportunidade na qual cantaram e dançaram, chamando a atenção dos

detentos, mas, sobretudo, dos agentes penitenciários, que trataram de proibir o uso de aparelhos de som naquele espaço.

De outra parte, não havia hora, nem lugar, para que cigarros, isqueiro, caneta e folhas de caderno fossem solicitados. Às vezes, elas não só pediam as folhas de papel, como também pediam o diário de campo inteiro. Não por curiosidade de saber o que nele tinha sido escrito, mas para ter uma superfície firme e lisa que facilitasse a escrita nas folhas de papel que do diário tinham sido arrancadas.

Eu não via problema em atender aos pedidos delas (embora tivesse que interromper as gravações nos momentos em que emprestava o MP3). Contudo, após Tânia¹⁶ ter retirado a espiral do meu diário de campo, sem minha anuência, passei a questionar sobre até que ponto eu poderia atender determinadas solicitações feitas pelas detentas. Na ocasião, lembro de Tânia ter se negado a responder por que precisava do caderno e não de folhas de papel avulsas e de que quando o caderno foi devolvido, no lugar da espiral, estava uma linha de costura na cor azul. Apesar de ela ter explicado, posteriormente, ter utilizado a espiral para substituir a mola de um fogão de duas bocas pertencente à sua colega de cela, eu me senti extremamente incomodada. Afinal, por que Tânia não havia me dito do que e para que precisava do caderno?

Naquele mesmo dia soube que por alguma razão os agentes penitenciários não costumam permitir a entrada de cadernos com espiral, motivo pelo qual cheguei a duvidar sobre o uso que Tânia havia feito do mesmo.

Como consequência, substitui o meu caderno por outro sem espiral e semanas mais tarde, passei a carregar folhas de papel avulsas, que mais distribuía do que propriamente fazia anotações.

Além disto, percebi que os diferentes pedidos, feitos pelas detentas, como, por exemplo: deixar o isqueiro, levar pão caseiro, transmitir recados para a família, pedir remédio na secretaria do presídio, foram aumentando na medida em que foram sendo atendidos. O que foi um problema, pois, os agentes penitenciários, conhecedores de quase tudo aquilo que eu dava e recebia, começaram a me advertir sobre o fato de eu estar-me “envolvendo demais” com as detentas.

¹⁶ Todos os nomes próprios utilizados para descrever as participantes da pesquisa foram trocados por outros, em alguns casos, escolhidos pelas próprias mulheres. Todas as palavras, expressões e frases grafadas em itálico são das minhas interlocutoras.

Os agentes penitenciários sabiam, por exemplo, que eu comia a comida que as mulheres me ofereciam e que em duas oportunidades uma detenta me emprestou um casaco, devolvido na semana seguinte ao do empréstimo. Como também sabiam sobre os recados que eu transmitia das detentas para suas famílias, tanto que, certa vez, recebi um bilhete escrito por uma detenta das próprias mãos de uma agente penitenciária. Não lembro porque a agente penitenciária estava dentro da galeria, nem mesmo entendi porque a detenta não entregou o bilhete diretamente para mim. Sei, contudo, que a agente penitenciária entrou na cela onde eu estava, alcançou-me uma folha de papel dobrada em várias partes e disse que era para eu entregar para a família da detenta que havia escrito o bilhete.

No entanto, sempre omiti para as(os) agentes penitenciárias(os) o fato de ter levado para casa as cartas que as detentas escreviam e/ou recebiam dos detentos. Era prensando as cartas junto ao caderno ou junto às folhas avulsas que eu carregava, que eu retirava aquele tipo de material da ala feminina, bem como as devolvia na semana seguinte ao do empréstimo.

Assim, eu me encontrava numa situação no qual, quando podia, eu omitia os favores concedidos, tanto por mim às detentas, quanto das detentas a mim. Com isso, eu tentava evitar que os agentes penitenciários desconfiassem de mim, ao mesmo tempo em que lhes dava elementos para isso.

Por essa razão, resolvi dizer às mulheres que, a partir daquele momento, eu passaria a informar à administração do PERG sobre tudo aquilo que elas me pedissem, como condição para a minha permanência no presídio. Com isso, eu não pretendia parar de fazer favores às detentas, nem parar de recebê-los. Entretanto, preocupei-me em assumir uma postura transparente, valorizando a ética, também com aqueles que me permitiam, mal ou bem, realizar a pesquisa naquela instituição.

Todavia, tanto o administrador, quanto o vice-administrador não foram simpáticos a esta postura e na medida em que foram sendo consultados, começou a recair sobre mim uma desconfiança ainda maior.

Os sujeitos responsáveis pela administração do PERG eram radicalmente contrários a que eu atendesse aos pedidos das detentas. Argumentavam no sentido de que não cabia a mim fornecer objetos e/ou transmitir recados às famílias das mulheres presas e sim às assistentes sociais da instituição. Diziam, ainda, que à medida que eu atendesse aos seus pedidos, esses aumentariam, o que configuraria um abuso por parte das detentas e um problema para o estabelecimento.

Por isso, passaram a pressionar o término do trabalho de campo. E, por mais que eu explicasse o método e os objetivos da pesquisa, eles diziam não entender por que passados pouco mais de três meses eu continuava objetivando frequentar a galeria feminina.

Minhas explicações sobre a pesquisa, igualmente, nunca convenceram as mulheres com quem convivi. Elas me chamavam de “*louca*” pelo fato de eu me deslocar de Pelotas ao presídio de Rio Grande para frequentar a ala feminina. A este respeito, lembro de uma situação, na qual Tânia colocou a minha bolsa em seus ombros, tomou o meu óculos e colocou em seu rosto e, caminhando de um lado para o outro no pátio, propôs que trocássemos de roupa para que driblássemos a administração e trocássemos de lugar. Ríamos muito. Elas mais ainda de mim. Quando me despedia, algumas pediam: “*Me carreuga!*” E nos abraçávamos.

Por tudo isto, os agentes penitenciários, com o aval da administração do presídio, passaram a me conceder autorização para acessar o prédio apenas com papel e caneta, além de ser submetida à revista através de um detector de metais. Meus objetos pessoais ficavam retidos atrás do balcão, no setor administrativo, até a minha saída da ala feminina. Por derradeiro, veio a interrupção das minhas atividades semanais em maio de 2008, depois de exatos quatro meses.

Não obstante, em outubro de 2008, contatei o Administrador do presídio com o objetivo de retomar a pesquisa de campo. Como estratégia para convencê-lo a aceitar o meu propósito, acertamos, pelo telefone, uma data para eu realizar a entrega de um relatório. No entanto, na data e hora marcada, o Administrador delegou a conversa que teríamos ao chefe de plantão, uma pessoa até então desconhecida para mim. Com ele, tratei sobre as condições para o meu reingresso na ala feminina, omitindo a existência do relatório. O acordo previu o meu acompanhamento das atividades realizadas pelas detentas durante as sextas-feiras, no mês de novembro de 2008.

Efetivamente, tive acesso à galeria feminina em dois dias do mês de novembro de 2008 e em mais dois dias do mês de fevereiro de 2009. Em pelo menos três dias, voltei para casa, em Pelotas, sem ter feito contato com o grupo pesquisado.

Para contornar as limitações impostas no campo, a pesquisa, retomada em novembro de 2008, foi reorientada com o uso de entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de reconstruir a história de vida e a trajetória afetivo-sexual das mulheres.

Esta estratégia metodológica foi inspirada na reflexão de Roberto Cardoso de Oliveira (1998), para quem a observação participante e a entrevista se complementam.

Tais entrevistas configuram a segunda etapa da pesquisa, na qual, num universo de quarenta e cinco mulheres, dez foram entrevistadas. No presídio, realizei oito entrevistas. Duas ocorreram na sala do vice-administrador e as demais, dentro da ala feminina. De outra parte, outras duas ocorreram nas casas de mulheres, que haviam conquistado a liberdade, na periferia da cidade de Rio Grande – RS.

As entrevistas realizadas na sala do vice-administrador destoaram das que foram efetivadas nas casas das mulheres, bem como no interior da ala feminina do PERG. Isso porque, na sala do vice-administrador, transcorreram de forma extremamente tensa, principalmente, pelo fato de nossas conversas terem sido interrompidas inúmeras vezes, pelo próprio vice-administrador, que abria e fechava a porta, mostrando-se sempre presente.

Na verdade, em todos os momentos no qual os agentes penitenciários estavam próximos de mim, junto das detentas, eu ficava sem saber como me portar em virtude da evidente transformação na forma como as minhas interlocutoras falavam, olhavam e alteravam a postura.

A este respeito, é importante frisar que eu nunca deixei de cumprimentar ou falar com um(a) agente penitenciário(a) porque tinha presa por perto, nem deixei de cumprimentar uma presa porque havia agentes penitenciários(as) próximos, mas nessas circunstâncias eu ficava desconcertada. Quando saíamos da galeria, em direção ao pátio, por exemplo, muitas vezes reagi cruzando os braços, assim como as mulheres faziam. Eu apenas não olhava para o chão, como elas, de modo que era possível visualizar toda a situação: a agente penitenciária muito séria, as presas com os braços cruzados, uma atrás das outras e eu no meio delas, em dúvida se seguia atrás da fila ou se me posicionava ao lado delas. Quando eu estava com uma agente penitenciária no setor administrativo do PERG e passava uma presa, minha reação era de cumprimentá-la, igual como acontecia no interior da ala feminina, mas sempre temi que isso repercutisse negativamente, como numa ocasião escutei: *“Vamos passando, vamos passando. Vocês acham que estão numa colônia de férias? Vocês não estão na casa da mãe Juana!”*

Os agentes penitenciários me diziam que se preocupavam com a minha segurança, principalmente, porque eu não demonstrava receio de estar ali. Numa ocasião, por exemplo, ocorreu uma briga entre duas mulheres, dentro da galeria B, na hora do almoço. Enquanto eu conversava com algumas mulheres em uma cela localizada no fundo do corredor da galeria, os(as) agentes penitenciários(as) apareceram e me mandaram sair, momento em que as celas foram fechadas. Quando já estava no setor administrativo, uma agente me disse: “*Tu viu porque a gente não queria que tu entrasse lá?*” Perguntei se podia ficar na galeria das trabalhadoras por ser mais tranquila – me apropriando da fala de uma agente penitenciária – e a mesma retrucou: “*Lá é a mesma coisa. Tem facada, tesourada igual*”. Então o chefe da segurança disse: “*Eu acho que por hoje chega, né? Elas não vão ter pátio. Sossega*”. Desse modo, me despedi e saí. Não foram poucas às vezes que tive que me despedir antes do tempo desejado. Dava três beijos no rosto das mulheres que podia alcançar, despedia-me da guarda e ia embora.

Nesse sentido, embora a pesquisa realizada pelo Grupo Interdisciplinar de Trabalhos e Estudos Penitenciários, junto aos agentes penitenciários do Presídio Regional de Pelotas (RS), me alertasse para o fato de que os agentes penitenciários constituem-se num grupo que sofre com significativa intensidade de um processo de prisionização similar ao verificado nos apenados (CHIES et al., 2001), eu não conseguia evitar de sentir antipatia por eles(as). Vale, a este respeito, as considerações feitas no artigo “25 minutos e a perversidade aparece: uma experiência de ‘vivências carcerárias’”, com relação à pesquisa desenvolvida por Pedro Bodê (2005) sobre o tema:

O estereótipo que se gera no entorno deste grupo, conforme registra Pedro Rodolfo Bôde de Moraes, é o de que o mesmo é “composto por indivíduos ‘maus’, ‘torturadores’, ‘corruptos’, enfim, piores do que aqueles que eles ‘guardam’ e ‘vigiam’”; trata-se de “um grupo pouco conhecido cientificamente, mas absolutamente antipatizado” (2005, p.43). Entretanto, basta que o observador se distancie do estereótipo que recai sobre os agentes penitenciários e se permita conhecer cientificamente o vínculo, bem como as consequências do vínculo, que se estabelece entre estes sujeitos sociais e os ambientes prisionais que se desvelará um outro nível das perversidades carcerárias (CHIES, et al., 2008, p.14).

Contudo, era justamente pelo fato das mulheres saberem “de que lado eu estava” e, entre outras coisas, nunca censurá-las, que me permitiu conquistar alguma confiança.

Antes da realização das entrevistas no presídio, preparei um roteiro de entrevista, bem como um termo de consentimento livre e informado. Os dois instrumentos foram apresentados ao sujeito que, na ocasião, atuava como chefe de plantão. O termo de consentimento livre e informado passou ileso por essa inspeção, no entanto, diversas questões do roteiro foram riscadas à caneta.

A reflexão sobre o uso do termo de consentimento livre e informado, elaborada por Knauth e Hassen (2000), observa que tal procedimento deve ser entendido como um processo de negociação das condições de pesquisa, pautado pelos aspectos associados às relações de respeito e confiança que se estabelecem entre a pesquisadora e o grupo pesquisado. Deste modo, apesar de já lhes haver esclarecido, anteriormente, sobre os objetivos da pesquisa, bem como sobre as condições de suas participações, com a apresentação do termo de consentimento livre e informado (em apêndice) eu pretendia reforçar o meu comprometimento com elas e com a pesquisa.

O termo foi apresentado às mulheres num dia quente do mês de novembro de 2008. Estávamos no pátio. Algumas mulheres, inclusive eu, estávamos sentadas num banco de cimento, à sombra, quando retirei os papéis de dentro de uma pasta transparente. Enquanto eu explicava o seu conteúdo, mais algumas mulheres se aproximaram e rapidamente as dez cópias que eu possuía foram sendo retiradas da minha mão. Percebi que os papéis circularam pelo pátio e que mulheres que nunca haviam se aproximado de mim, bem como outras recém chegadas na instituição, passaram a assinar o documento. Todos os papéis foram devolvidos, tendo sido preenchidos com as suas assinaturas. Mas, apesar da disposição para participar da pesquisa, não foi possível entrevistar nem um terço das mulheres.

No período em que estive no campo, ocupei-me em registrar os pedidos que me foram feitos, os empréstimos e as doações que eu concedia, bem como as coisas que elas me ofereciam. Na época, aqueles dados não pareciam revelar nada, além do fato de ter sido o motivo pelo qual os agentes penitenciários passaram a dificultar ainda mais o meu acesso ao presídio.

Mas, ao contrário, observo que as trocas que eu realizei com as mulheres foram fundamentais, tanto no que diz respeito à minha aceitação pelo grupo, como e, sobretudo, por serem representativas da dinâmica do lugar.

Embora suas falas sobre a rotina no presídio fossem ricas em detalhes, nenhum depoimento me esclareceu tanto quanto foram esclarecedoras as minhas

próprias experiências no campo. Foi experienciando, que aprendi, por exemplo, como no presídio tudo é trocado.

Certa vez, eu mesma fui trocada! Aconteceu na minha terceira semana em campo. Algumas mulheres e eu estávamos no pátio, sentadas num banco de cimento quando, ao meu lado, Donatela, passou a se comunicar por gestos com um homem da galeria masculina. Aproveitando-se da minha ignorância no que dizia respeito à linguagem de sinais, criada no próprio presídio, Donatela procedeu com a negociação. Fiquei perplexa quando ela contou, tempos mais tarde, rindo muito, que havia “*descolado*” duas trouxas de maconha, em troca de mim.

No período, outras tantas trocas envolvendo mulheres – presas recém-chegadas – e mercadorias, foram feitas. A diferença, é que nestes casos, as mulheres deram cabo à negociação e passaram a se corresponder com os homens que, em troca de uma relação de afeto, consolidada nas trocas de cartas e “*catataus*”, fornecia algo que interessava àquela que mediava a relação.

Na época, pensei: enquanto o sujeito que me “comprou” estiver lá dentro, tudo bem, porque ele nunca receberia a sua parte no negócio, mas e se ele cobrasse a dívida de mim, na rua? É lógico que isto nunca aconteceu e espero que nunca aconteça. Contudo, o que importa registrar é que foi vivenciando que aprendi sobre algumas das práticas cotidianas no presídio, tal qual as trocas, que também e, sobretudo, se oportunizam no que diz respeito ao namoro e ao exercício da sexualidade.

As folhas de papel que as mulheres me solicitavam, serviam, sobretudo, para escrever estas cartas e “*catataus*”. Elas não tinham constrangimento em mostrar o que escreviam. E, percebendo o meu interesse, igualmente, passaram a mostrar-me as cartas e os “*catataus*” que recebiam dos homens da galeria masculina.

Para isto, resgatavam os papéis guardados em sacos plásticos, de baixo dos colchões ou junto das sacolas de roupas. Era interessante a maneira como elas separavam as cartas indicando quem havia escrito cada uma delas, antes que eu pudesse ler. Durante a apresentação das cartas, sem que eu precisasse estimular, elas falavam sobre os homens que as remetiam, e sobre a relação que mantinham ou que mantiveram com eles.

Algumas mulheres, inclusive, ofereceram as suas cartas, especialmente, as que tinham recebido, para eu levar para a casa, fazer cópia e devolver na semana seguinte. A partir daí, foi possível registrar este tipo de material.

Do mesmo modo, acompanhei as suas tristezas no que diz respeito à distância e porque não dizer abandono das suas famílias de origem, não somente através de suas queixas, mas atuando como a pessoa que transmitia recados e/ou enviava correspondência das detentas para as suas famílias. Os recados foram transmitidos por meio de ligações telefônicas e, em um caso, o fiz pessoalmente. Os recados, via de regra, eram no sentido de requisitar visitas, junto com pedidos de dinheiro, comida e objetos de higiene pessoal.

Com as famílias das mulheres que diziam estar abandonadas pelos parentes consangüíneos, não tive um contato expressivo. Nem mesmo sei dizer, por exemplo, se surtiram efeito a transmissão dos recados das detentas para as famílias, efetivas por mim.

Algumas pessoas, membros das famílias das detentas que mantive (e ainda mantenho) contato, recorrentemente, falavam sobre o quanto era difícil visitar a sua parenta na prisão. Lembro, por exemplo, da irmã de uma delas reclamar sobre as queixas e os pedidos de dinheiro da irmã, bem como, da humilhação na revista íntima, antes do ingresso na instituição. E, de uma filha, reclamar da vergonha que sentia quando descia do ônibus e, na frente no presídio, no dia de visita, escutava comentários maldosos, ligados à sua sexualidade, pelo fato das pessoas lhe identificar unicamente como uma mulher que visita o marido e não, como no seu caso, a mãe.

Para as pessoas que não conhecem a realidade prisional, talvez, possa parecer que não existam mulheres no Presídio Estadual de Rio Grande, mas elas estão lá e não são poucas.

Igualmente, não foi através de suas falas que me dei conta sobre a existência de relações homoeróticas. Isso porque esse tipo de relação não era comentado e, aparentemente, nem era vivido. Talvez a maneira como eu as questionava sobre os seus afetos, as tenha inibido de falar sobre tais questões. O fato de eu não compartilhar das mesmas experiências sexuais de algumas mulheres pesquisadas, foi um elemento que, certamente, dificultou a abordagem do tema, bem como a apreensão da experiência vivida por elas. Contudo, foi sendo testada

nos jogos de sedução e, principalmente, com a leitura dos poemas¹⁷ escrito por De Àguida, que dei-me conta sobre este tipo de relação.

1.2 Um olhar disciplinado: o presídio e a relação entre pesquisadora e o grupo pesquisado

Concomitantemente, ao período de minha graduação nos cursos de Ciências Sociais e de Direito eu participei de um grupo interdisciplinar de discussão em torno do tema do sistema penitenciário, intitulado Grupo de Estudos Penitenciários (GAEP/ UCPel), coordenado pelo professor Dr. Luiz Antônio Bogo Chies.

No período, também participei de projetos vinculados ao Grupo Interdisciplinar de Trabalhos e Estudos Penitenciários (GITEP/UCPel), sob coordenação do mesmo professor, atuando como pesquisadora, bolsista de iniciação científica em três projetos de pesquisa: “As Saídas Temporárias na Execução Penal: Ambiguidades e Possibilidades”; “A capitalização do tempo social na prisão: a remição no contexto das lutas de temporalização na pena privativa da liberdade”; “Prisão dentro da prisão: uma visão sobre o encarceramento feminino na 5ª Região Penitenciária do Rio Grande do Sul”. E em atividades de estágio vinculadas ao Projeto Interdisciplinar de Assistência Jurídica e Psicossocial Penitenciária da Universidade Católica de Pelotas e ao Convênio firmado entre esta e a Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul, bem como a 5ª Região Penitenciária Regional. As atividades, neste estágio, consistiram no atendimento jurídico a apenados recolhidos no Presídio Regional de Pelotas e no acompanhamento de processos de Execução Penal.

As atividades do GITEP, como um todo, são orientadas pelo comprometimento que o grupo assume no que diz respeito à redução das dores e perversidades prisionais. Desse modo, busca, na produção de conhecimento científico, contribuir para o desenvolvimento de políticas criminais e penitenciárias mais humano-dignificantes.

Por tudo isso, em todos os aspectos, a minha experiência com o grupo foi riquíssima e marcou a minha trajetória, razão pela qual, em todos os espaços que eu frequentava, o meu discurso sobre o sistema penitenciário e, mais precisamente,

¹⁷ De Àguida define o conteúdo dos seus apontamentos como poemas.

sobre as pessoas que são selecionadas por este sistema, era no sentido de desconstruir noções estereotipadas. Incomodava-me, por exemplo, quando as pessoas me questionavam sobre se eu sentia medo dos detentos. Isto porque me impressionava a forma com a qual a sociedade trata a precariedade como um risco e não que o risco seja as pessoas em situação de vulnerabilidade social.

A este respeito, lembro do comentário de um colega de estágio que igualmente me causou estranheza. Este, certa vez, revelou sentir necessidade de tomar banho e trocar de roupa logo após os atendimentos aos detentos no presídio. Nunca me senti pior, ou melhor, que o meu colega por isto. Eu, simplesmente, não o compreendia. Tal comentário, inclusive, me reportava a algo que eu aprendera quando criança. Refiro-me ao fato de ter sido ensinada a lavar as mãos depois de uma incursão ao cemitério no dia de finados. Nunca entendi porque não me educavam no sentido de lavar as mãos em todas as vezes que eu chegava em casa, mas sim unicamente depois de ter ido ao cemitério. Esta relação tem sentido, sobretudo, quando vislumbramos o título do livro “Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres”, de Julita Lemgruber, obra pioneira tanto no que diz respeito à abordagem das Ciências Sociais sobre os ambientes penitenciários quanto sobre a mulher em situação de encarceramento.

Com isso, quero dizer que, disciplinada por um esquema conceitual apreendido durante o meu percurso acadêmico (OLIVEIRA, 1998), eu acreditava estar familiarizada com as condições de detenção e do sistema de execução das penas, de tal forma que as precariedades encontradas no sistema, tais como: condições materiais deploráveis, cuidados médicos e atendimento jurídico praticamente inexistentes, o estigma, a ociosidade, o abandono, não me afetariam.

Eu fui a campo, enfrentando estas precariedades, para captar algo da experiência das mulheres presas, mais precisamente, o modo pelo qual mantinham e/ou conquistavam afetos em um estabelecimento prisional que comporta homens e mulheres em seu interior, que proíbe, em casos específicos, a visita íntima.

O contato com as detentas no presídio de Rio Grande, antes da realização do projeto desta pesquisa, me conduziu ao entendimento de que o meu objeto de estudo seria um assunto que, inclusive, não atentaria para estas precariedades.

Quando eu estava na galeria feminina, longe do campo de visão dos agentes penitenciários, era acolhida com cumplicidade de gênero e era convidada a entrar nas celas, onde sentava na cama ou no chão e conversávamos; no pátio, ou

ficávamos sentadas, geralmente, olhando e comentando a respeito dos homens que se posicionavam nas janelas gradeadas da galeria masculina, ou caminhávamos de um lado para o outro para nos exercitar; no almoço, comia o que me era oferecido por elas; jogávamos truco e conversávamos muito. Tanto eu perguntava, quanto recebia perguntas sobre temas, tais como: família, namoro, casamento, exercício da sexualidade.

Minhas incursões à ala feminina representavam, para as internas, mais do que tudo, uma distração. Algumas chegaram a agradecer a visita e a oportunidade de conversar com alguém “diferente”. Era igual, como pude observar, quando chegavam novas presas. O cerco em torno das mulheres recém chegadas acontecia em virtude da oportunidade/ curiosidade de conversar com alguém que não tivesse compartilhado nas últimas semanas, meses e até mesmo anos, das mesmas atividades, nos mesmos horários, as mesmas refeições. E, se as recém-chegadas tivessem coisas para oferecer, como, por exemplo, cigarros, o cerco ao redor delas era ainda maior.

Foi assim que nasceu e se fixou entre pesquisadora e o grupo pesquisado uma relação de cumplicidade. Eu lhes dava, entre outras coisas, distração e cigarros, enquanto elas me davam muito mais do que podiam avaliar, dentre estas coisas, as suas histórias.

Muitas vezes fui surpreendida com relatos e explicações sobre seus crimes, suas penas, os castigos, a vida lá fora, a vida lá dentro, quando nada estava a perguntar. Igualmente, recebia diversos conselhos, por exemplo: de como deveria me vestir para ficar mais bonita e chamar a atenção dos homens; e de que poderia ficar “louca” se insistisse em permanecer a tomar anticoncepcional de forma contínua, pois, “*o sangue que não desce sobe para a cabeça*”.

Contudo, algumas pessoas do meu convívio familiar e acadêmico escutavam, às vezes com perplexidade, os meus comentários sobre o quanto eu me divertia com os comentários e as atividades, ou melhor, ociosidades vividas junto com as mulheres presas no PERG.

Tal perplexidade apenas fez sentido para mim no momento da ruptura entre experiência de campo e a fase de análise dos dados. Ocasão na qual me dei conta do quanto tinha sido “afetada” pela experiência vivida junto daquelas mulheres.

Utilizo a noção de “afeto” tal como foi definida por Favret-Saada (2005), tomando a sua experiência singular como ilustração de um trabalho etnográfico

capaz de gerar analogias com outras situações de pesquisa e com outros objetos de investigação.

Deste modo, no tópico seguinte, darei destaque não para como as mulheres com quem convivi pensam e vivem os seus afetos, mas para a maneira como eu fui “afetada”, já que, como observa Favret-Saada (2005), “afetar-se” não informa nada sobre os afetos do outro, mas quer dizer a modificação do próprio estoque de imagens do pesquisador.

1.3 A modalidade de ser “afetada” como uma dimensão do trabalho de campo

A noção de “afeto”, definida por Favret-Saada aponta para uma modalidade ou dispositivo diferente daquilo que entendemos por observação participante. Neste sentido, como preconiza a autora:

“[...] aceitar ‘participar’ e ser afetado não tem nada a ver com uma operação de conhecimento por empatia, qualquer que seja o sentido em que se entende esse termo... segundo a primeira acepção a empatia supõe distância: é justamente porque não se está no lugar do outro que se tenta representar ou imaginar o que seria estar lá, e quais ‘sensações, percepções e pensamentos’ ter-se-ia então. Ora, eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas ‘sensações, percepções e pelos pensamentos’ de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria. Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, é pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los. Uma segunda acepção de empatia insiste, ao contrário, na instantaneidade da comunicação, na fusão com o outro que se atingiria pela identificação com ele. Essa concepção nada diz sobre o mecanismo da identificação, mas insiste em seu resultado, no fato de que ela permite conhecer os afetos de outrem. Afirmo, ao contrário, que ocupar tal lugar no sistema de feitiçaria não me informa nada sobre os afetos do outro; ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aquele dos meus parceiros (2005, p. 159).

Para quem vivencia, compreender as mudanças inscritas na própria forma de sentir, ver e falar o mundo leva um tempo. A este respeito, cabe acrescentar as palavras de Favret-Saada, que diz:

“[...] as operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde (2005, p. 160).

No meu caso, foi minha orientadora que me chamou a atenção para o fato de que o meu discurso sobre o presídio havia mudado. Ocorre que ela ainda não tinha escutado de mim, até o momento da análise dos dados, que depois de um dia no presídio, eu chegava em casa tão cansada que só me ocorria dormir. E que o cansaço era tão intenso e o trabalho de redigir no diário de campo, de certa forma, tão penoso, que eu o fazia apenas um, dois, dias mais tarde, apesar dos registros no diário de campo versar sobre assuntos que eu considerava pouco penosos, como os namoros, as cartas, aos poemas, as piadas, as relações de reciprocidades.

Igualmente, me permiti falar das vezes em que senti dor no estômago, durante e depois de um dia de observação, ocasionado, não sei se em virtude de um mau cheiro (que eventualmente eu sentia) ou se em função da comida muito temperada que elas me ofereciam ou como uma reação do corpo às informações que eu captava e processava na experiência do trabalho de campo.

Ocorre que tais emoções de ambiguidade persistiam, apesar do meu afastamento do presídio. Não obstante, este afastamento foi relativo porque mantive, “na rua”, contato com algumas mulheres com quem convivi no presídio, após as mesmas terem alcançado a liberdade. Frequentei as suas casas em dias que previamente agendava pelo telefone. Afinal, como elas estavam fora do presídio, a utilização deste tipo de meio de comunicação passou a ser possível, o que facilitava o meu trabalho.

Observo, com isto, que não se sai ilesa de uma experiência como esta¹⁸. Isto porque, mesmo que se possa sair do presídio, quem nele viveu, mesmo que num curto período de tempo, carrega um pouco daquele lugar aonde se vai.

As mulheres com quem mantive contato já fora do presídio, sobretudo, revelavam, a todo o momento, o quanto as suas vidas estavam marcadas pela vivência no cárcere. Suas falas demonstravam, para além das queixas de “*problemas nos nervos*”, uma completa desadaptação social.

Quando estão em liberdade, impressiona a maneira como o quarto, por exemplo, parece reproduzir a cela. Dona Helena, ou melhor, Ana Helena Alaniz Pereira, a quem dedico este trabalho, ao sair do presídio, passou a morar com uma

¹⁸ Esta também é a conclusão que chegam outros trabalhos, tais como: ZIMBARDO, Philip G.. **El experimento de la Cárcel de Stanford**: Un estudio de simulación de la psicología del encarcelamiento llevada a cabo en la Universidad de Stanford. Disponível em <http://www.prisonexp.org/spanish/indexs.htm>; CHIES, L.A.B.; et. al. “**25 minutos e a perversidade aparece**: uma experiência de ‘vivências carcerárias’”, no prelo, 2008.

de suas filhas, numa casa onde lhe proporcionavam um quarto individual, com cama, guarda-roupa e estante. Contudo, ela insistia em guardar suas roupas em sacolas plásticas, assim como fazia na cela.

Na casa da filha, assim como no presídio, ela não permitia que eu saísse sem que eu me alimentasse. A sua generosidade e habilidade no cozimento de alimentos, por certo, eram conhecidas por aqueles que tiveram contato com ela.

Dona Helena, depois de onze anos na prisão, estranhou a vida fora de lá. Muitas vezes, chegou a comentar sobre a saudade que sentia do cárcere, na medida em que não se acostumava com a vida fora daquele lugar. Contudo, o tempo que passou em liberdade foi muito curto para que ela pudesse se adaptar (se é que ela se adaptaria) porque depois de poucos meses liberta veio a falecer.

De outra parte, quando digo que a partir do trabalho de campo transformaram-se as minhas próprias relações, me refiro ao resultado engendrado pela escolha do meu objeto de estudo propriamente dito, ou seja, a prática do namoro e o exercício da sexualidade.

Lembro do dia em que mostrei a um amigo o fragmento de um verso escrito por De Àguida, intitulado "*Paixão Prisioneira*".

No verso, chamava a atenção do meu amigo a menção à música "Mulher de quarenta" de Roberto Carlos. Seu comentário destacou a importância deste cantor e compositor no cenário da música popular brasileira. Naquela ocasião, lembro de ter me posicionado de forma a criticar a postura do cantor o qual, em plena ditadura militar, cantava, "apenas", o amor. Hoje, reconheço o quanto fui "afetada" pela relação com estas mulheres.

Conforme Velho (1994), transmitir o "tom", o "clima", ao narrar um evento, é uma das tarefas mais difíceis de alcançar. Aqui, buscou-se mesclar poemas, comentários jocosos e queixas, sobretudo, relacionadas à privação e o abandono da família de origem e dos parentes afins, que informam a vivência das mulheres no presídio, no que diz respeito às suas relações afetivas e sexuais.

2 - MULHER E PRISÃO

Poucas pesquisas dão visibilidade ao encarceramento feminino¹⁹, destacando-se os trabalhos de Julita Lemgruber (1999), Samantha Buglione (2002), Luiz Antônio Bogo Chies, et. al. (2008) e Mirella de Brito (2007), que tomo como referencial para pensar as especificidades da experiência prisional feminina, no que diz respeito às respostas ou “modos de adaptação” à situação de encarceramento e a “punição adicional” que o afastamento da família implica.

Nesse sentido, a pesquisa “Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres” (1999), desenvolvido por Julita Lemgruber (1999), aponta algumas das especificidades do encarceramento feminino quando da análise do Instituto Penal Taverna Bruce, localizado no subúrbio carioca de Bangu/RJ.

No capítulo “da privação à adaptação”, Lemgruber (1999) analisa a organização social das presas e os papéis que se destacam naquele contexto. Os modos de adaptação (respostas individuais à situação de encarceramento) elencados como mais representativos daquele espaço seriam: o afastamento psicológico, que se traduz num comportamento apático; a rebelião, que corresponde à prática de infrações disciplinares; a colonização, que é igual à absorção gradual e contínua da cultura prisional; e o envolvimento homossexual. Nesta perspectiva:

¹⁹ Na temática sobre o encarceramento feminino, o livro “Prisioneiras: vida e violência atrás das grades” (2002) de Bárbara Musumeci Soares e Lara Ilgenfritz, mapeia as condições em que se encontram as mulheres presas no Estado do Rio de Janeiro; o livro “Mulheres e prisão: a experiência do observatório de direitos humanos da penitenciária feminina Madre Pelletier (2007), de Maria Palma Wolff, analisa os meandros de uma prisão feminina no Estado do Rio Grande do Sul; o trabalho “As implicações do aprisionamento materno na vida dos(as) filhos(as)” (2001), de Cláudia Stella, descreve e contextualiza experiências de aprisionamento discutidas pela literatura nacional e estrangeira sobre o tema da maternidade e gravidez no contexto prisional e a manutenção de vínculos entre presas e seus filhos; o livro “Cela forte mulher” (2003), de Antônio Carlos Prado (jornalista que trabalha na editora da Revista Isto É), como fruto de uma experiência de convívio quase diário, durante sete anos, com mulheres que cumpriam pena em estabelecimentos prisionais femininos, em São Paulo, descreve com riqueza de detalhes tanto os problemas dos presídios, como a história de vida de algumas mulheres presas; a pesquisa “A mulher encarcerada em face do poder punitivo” (2004), de Olga Espinoza, ocupa-se da mulher presa em relação ao sistema punitivo, com um enfoque direcionado para o direito do trabalho, como categoria que possibilitou o estabelecimento de ligações com distintas esferas da vida das mulheres presas na Penitenciária Feminina da Capital de São Paulo. Constituindo um referencial teórico baseado na criminologia feminina e na análise do discurso legislativo, algumas de suas conclusões destaca a incongruência entre os preceitos normativos e a prática penitenciária, desmistificando, fundamentalmente, o potencial ressocializador da prisão e do trabalho.

Os modos de adaptação à vida prisional e os papéis que surgem a partir da interação entre os presos são a chave para a compreensão da organização social da prisão. Note-se que os modos de adaptação são resultado específico de características de personalidades individuais, enquanto que os papéis sociais surgem a partir das necessidades do grupo e vão definir a posição de cada um na medida em que, sobretudo, procura-se superar as 'dores do encarceramento', ou seja, as privações a que estão sujeitos (LEMGRUBER, 1999, p. 114).

Desse modo, no que diz respeito aos afetos de mulheres presas em presídios femininos, tal qual foi observado por Lemgruber (1999), o envolvimento homossexual é um dos modos de adaptação à situação em que as mulheres se encontram no cárcere.

Conforme Lemgruber (1999), o mundo da prisão é, antes de tudo, complexo. Nesse sentido, entre outras questões, observa o processo de institucionalização e o baixo nível de solidariedade. Com relação ao último elemento, percebe uma intensidade maior no caso das prisões femininas, motivo pelo qual a interação social seria mais aflitiva.

Contudo, o aspecto mais importante desta análise talvez seja a percepção de que a situação da privação de liberdade é revestida de características ainda mais dolorosas para as mulheres presas, em virtude do rompimento do contato contínuo com seus familiares.

Segundo Lemgruber (1999), uma vez presa, a mulher passa a ser julgada como irresponsável por não se preocupar com os seus filhos. Conforme esta autora:

A mulher presa é vista como transgressora em dois níveis: a) a ordem da sociedade; b) a ordem da família, abandonando seu papel de mãe e esposa – o papel que lhe foi destinado. E deve suportar uma dupla repressão: a) a privação de liberdade comum a todos os prisioneiros; b) uma vigilância rígida para 'protegê-las contra elas mesmas', o que explica porque a direção de uma prisão de mulheres se sente investida de uma missão moral (LEMGRUBER, 1999, p. 100).

Observa, ainda, que quando as mulheres recebem visitas, há um mecanismo de transposição do estigma da mulher para a família. Nesse sentido, se a mulher infringiu a lei, suspeita-se que os seus parentes possam ter o mesmo comportamento e a humilhação imposta transforma-se em mais uma forma de punição adicional.

Numa perspectiva semelhante, encontra-se o trabalho "O dividir da execução penal: olhando mulheres, olhando diferenças" (2002), de Samantha Buglione, que atenta para a execução penal a partir da ótica de gênero, focando a

execução penal de mulheres. Seu objetivo foi o de discutir o significado da individualização. Desse modo, o trabalho aponta os paradoxos presentes no pensamento e exercício da individualização da execução da pena privativa de liberdade. Sua crítica é no sentido de que, apesar da previsibilidade garantista²⁷, não há uma previsibilidade de questões de gênero.

Para esta autora, o problema reside no fato da individualização na execução penal ter um modelo masculino, razão pelo qual gera uma dupla punição às mulheres. Primeiro, porque haveria o entendimento de que a mulher criminosa/transgressora teria invadido a seara pública da criminalidade, que é masculina. Com base nessa percepção, é que se condenaria a mulher que se afastou do lar, dos filhos. Segundo, pelo crime que cometeu. Desse modo, observa que “da mesma forma que a criminalidade das mulheres esteve associada ao desvio do comportamento feminino ideal, a execução penal também tem como base a necessidade de ‘reeducar’ as mulheres” (BLUGLIONE, 2002, p. 136).

O estudo “A prisão dentro da prisão: uma visão sobre o encarceramento feminino na 5ª Região Penitenciária do Rio Grande do Sul” (2008), realizado pelo Grupo Interdisciplinar de Trabalhos e Estudos Penitenciários, sob coordenação do Prof^o Dr. Luiz Antônio Bogo Chies, atenta para as sobrecargas punitivas que recaem sobre as mulheres presas em estabelecimentos prisionais que comportam homens e mulheres, localizados nos municípios de Pelotas, Camaquã, Santa Vitória do Palmar e Rio Grande.

Nesta pesquisa, Chies (2008) observa que a prática do encarceramento de mulheres em presídios originalmente projetados para homens, ampliam a invisibilidade da mulher presa, bem como aumentam as perversidades do encarceramento em virtude das sobrecargas de punições dirigidas àquelas que nele são inseridas. Sobrecargas tais como: o rompimento dos vínculos e das relações sócio-afetivas externas; privações afetivas; privações materiais; responsabilidades materiais; afetação da identidade e da auto-estima; rótulos e estigmas; violação de direito.

²⁷ No contexto jurídico, garantismo refere-se a garantir, tutelar algo. O objeto sob o qual recai a tutela são os direitos subjetivos ou a pretensão de acessar bens que satisfaçam as necessidades humanas. O Garantismo se vincula ao conceito de Estado de Direito, modelo jurídico destinado a limitar e evitar a arbitrariedade do poder estatal.

Não obstante, percebe como aspecto positivo dessa opção política penitenciária de encarcerar mulheres nos presídios já existentes no sistema regional, a possibilidade desta prática diminuir o afastamento das mulheres presas em relação à residência da família, o que favorece a manutenção dos laços afetivos.

Por outro lado, a pesquisa desenvolvida por Mirella de Brito (2007) descreve as práticas sociais no Presídio Feminino de Florianópolis/ SC. A autora perseguiu o objetivo de identificar como se organizam as mulheres presas em Florianópolis, como se relacionam e que práticas coletivas são encenadas naquele contexto. Conforme essa autora:

[...] para o estudo desse espaço não é relevante identificar uma tipologia dos modos de vida dentro da prisão, mas reconhecer que as relações de dentro do presídio correspondem, em parte, ao que se experimenta fora dele, refletem e remetem às experiências anteriores que também e, certamente, adquirem outros sentidos – são ressignificadas – a partir dessa situação tão nova, e que provocam a quebra de visões conhecidas sobre os modos e formas da vida destes indivíduos. As presas, entretanto, vêm para a prisão com um repertório de significados, experiências e relações que não se quebram nem se perdem. Da mesma forma, os agentes prisionais não rompem com seus modos de ver o mundo, de classificar, de organizar coisas e pessoas. São suas representações e conceitos sobre o mundo que, no espaço prisional e na vivência lá dentro, se refazem, significam e ressignificam aquela experiência e aquelas pessoas. Não há dois sistemas de representação, não há dois modos de ver o mundo, um da vida fora da prisão e outro de dentro. São partes de uma mesma forma de conhecer, apreender, significar, repensar, revistas ou apenas reafirmadas, a partir de situações particulares, eventuais, contextuais (BRITO, 2007).

O trabalho afirma que as representações sociais da prisão atravessam o cotidiano da instituição e o constituem como lugar de perigo. Sugere, ainda, que muitas das práticas violentas entre agentes prisionais e presas devem-se a uma espécie de institucionalização de papéis, noções de pertencimento e de identidades, experimentadas como fixas. Contudo, apesar de identificar lutas de forças em que se opõem presas e instituição, a autora apresenta um fluxo dinâmico de informações, objetos e relações que povoam o cotidiano, descaracterizando a noção de isolamento vinculado às instituições prisionais.

Esta autora entende que, na prisão, práticas e valores como os do namoro, do casamento, da família, da maternidade, não são novos e tampouco são perdidos quando da passagem para a situação do encarceramento. Essas, ao contrário, estão presentes naquele espaço, podendo, naquela situação adquirir novos contornos, por vezes se reafirmando, na situação de aprisionamento.

No tópico seguinte, será apresentada uma descrição do lugar onde a pesquisa foi realizada, mais precisamente, a ala feminina do Presídio Estadual de Rio Grande. Neste estudo, a reciprocidade, os afetos e a sexualidade vivenciadas pelas mulheres presas no PERG apresentam contornos particulares, por esta experiência estar localizada em uma instituição total, que comporta tanto mulheres quanto homens no seu interior.

2.1 A ALA FEMININA DO PRESÍDIO ESTADUAL DE RIO GRANDE

A casa é identificada por Da Matta (1997), como expressão não apenas de um espaço geográfico, mas de um lugar de práticas sociais, de domínio cultural institucionalizado e, por causa disso, capaz de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas, imagens. No presídio, a casa é representada pela cela. Ao entrar numa cela encontra-se uma série de objetos que tornam este lugar “familiar”. São fotografias, desenhos, almofadas, bonecas, panos bordados, que podem ser reconhecidos como coisas que revelam quem mora naquele espaço.

O presídio é a casa em relação à rua. “Fora” significa estar livre, enquanto “dentro” remete à prisão. Mas quando se trata das relações de dentro do presídio, a casa pode ser a galeria feminina e/ou masculina, na relação com as(os) detentas(os) e pode ser a cela, na relação com as companheiras de cela.

No Presídio Estadual de Rio Grande, a ala feminina comporta duas galerias que corresponde a dois corredores compridos, estreitos e escuros que não se comunicam. São muitos e diferentes os cheiros: de umidade, de comida, às vezes, de esgoto. Nas celas, também é possível sentir o cheiro dos esmaltes, cremes e xampus, quando elas possuem esse tipo de apetrecho.

São dez celas por galeria. As galerias são identificadas por números. Na galeria A, local onde as detentas dizem morar apenas as trabalhadoras, estão as celas cujos números são pares. Na galeria B, onde elas dizem morar as que não trabalham, as celas possuem números ímpares.

Segundo uma agente penitenciária, as mulheres da galeria A, são mais “tranquilas”. O entendimento é o de que para preservar “vantagens”, como o trabalho, o qual, entre outras coisas, lhes garante a remição (a cada três dias trabalhados, diminui um dia de pena), as detentas precisam agir conforme as determinações do estabelecimento.

Entenda-se que nem todas as mulheres da galeria A trabalham, (haja vista o número reduzido de oportunidade de trabalho oferecido pela instituição), de modo que, para além do trabalho, o que as qualifica, parece ser a cooperação realizada junto às agentes penitenciárias, na medida em que praticamente todas são identificadas, especialmente, pelas moradoras da galeria B, como *perdigão* e/ou de *presas que trabalham para a polícia*.

Na galeria B, também há presas que trabalham. No entanto, ali a atividade laboral é realizada na própria galeria, no qual o trabalho é associado à cooperação entre as próprias presas, motivo pelo qual possuem *status* diferente daquelas que *trabalham para a polícia*. As atividades que ocupam as identificam pelas seguintes nomenclaturas: *paneleira*, se refere à detenta que trabalha servindo a comida para as demais; *plantão* é a detenta que trabalha abrindo e fechando as celas da galeria.

Quem determina qual mulher irá ocupar as atividades de *paneleira* e *plantão*, são as(os) agentes penitenciárias(os). Assim, embora não se diga (pelo menos com frequência), em relação a elas, que são presas que “*trabalham para a polícia*”, também é possível verificar conflitos nas relações entre as presas.

Nesse sentido, tal como foi observado no estudo “O trabalho e os dias: enfoque antropológico sobre trabalho e prisão” (2002), de Maria de Nazareth Agra Hassen, “na prisão, os espaços adquirem significados conforme as pessoas se associem ou não ao trabalho” (p. 63).

Além de o espaço na ala feminina ser distinto para as mulheres trabalhadoras e as não-trabalhadoras, as que trabalham em atividades fora das galerias, em tarefas de faxina do setor administrativo, na cozinha dos agentes e “*no artesanato*”, recebem o “privilégio” de acessar outros espaços possíveis de por elas serem transitados, como: os corredores que ligam as galerias aos setores administrativos; as dependências de setores da administração; e a sala de artesanato, que corresponde a uma cela localizada em um setor diferente ao da ala feminina.

Em cada cela, “*moram*”, em regra, duas ou três mulheres. Tentei gravar na memória, bem como fiz anotações que buscaram registrar quem morava com quem. Contudo, o fluxo nas celas é dinâmico. Havia mudanças semanais dos locais de “moradia” (as celas) das detentas, motivadas por diversas razões, quase sempre a pedido das próprias presas. Em cada mudança, sacolas contendo fotografias, almofadas, roupas, lençóis, cobertores, produtos de higiene, alimentos, além de

outros utensílios, tais como: rádio, televisão, fogão de uma ou duas bocas, eram transportados de uma cela para a outra. O que configurava, além da mudança das moradoras, uma modificação no cenário das celas.

O fluxo era menor de uma galeria para outra, motivo pelo qual apresento uma tabela com alguns dados a respeito das mulheres pesquisadas, para demonstrar quem morava em cada uma das galerias, suas idades e categoriasêmicas de experiências, descritas como: a) mulheres casadas; b) mulheres que casaram no presídio; c) mulheres que namoram; d) mulheres sozinhas.

Durante a realização da pesquisa de campo, algumas mulheres (como, por exemplo, Vitória, Dona Helena, Marta, Flor, Liane, Paula) foram libertas e outras (Paola, Camila) foram selecionadas pelo sistema. A realidade é dinâmica, tanto no que diz respeito ao entra e sai de mulheres no PERG, como em relação às experiências afetivo-sexuais vividas por elas. A inclusão da tabela, neste capítulo, objetiva, apenas, apresentar as mulheres com quem convivi, assim como elas se apresentaram para mim.

Pesquisadas (nomes fictícios) Galeria feminina A	Idade	Experiência
Paola	21 anos	Casada
Amanda	26 anos	Casada
Bruna	24 anos	Casou no presídio
Luci	26 anos	Casada e namora
Vitória	23 anos	Namora
Vilma	56 anos	Sozinha
Dulce	52 anos	Sozinha
Mara	25 anos	Casada com homem que faz visitas e namora
Marina	44 anos	Sozinha
Francisca	45 anos	Casada e namora
Rosa	22 anos	Namora
Pequena	20 anos	Namora
Mainha	33 anos	Namora

Lívia	25 anos	Casada e namora
Flor	49 anos	Sozinha
Fernanda	24 anos	Casada e namora
Raquel	23 anos	Casada e namora
Sinara	27 anos	Namora
Marcele	28 anos	Namora
Pesquisadas (nomes fictícios) Galeria feminina B	Idade	Experiência
Maurem	20 anos	Casada e namora
Zilda	30 anos	Namora
Luana	28 anos	Namora
Suzana	22 anos	Casada
Giovana	24 anos	Casada
Fátima	50 anos	Sozinha
Camila	45 anos	Namora
Helena	60 anos	Sozinha
Donatela	23 anos	Casada e namora
Cahuana	27 anos	Casada
Cátia	23 anos	Casada
Vida Louca	20 anos	Casou no presídio
Paula	22 anos	Casada
De Águida	48 anos	Namora
Marta	30 anos	Namora
Denise	21 anos	Namora
Zina	31 anos	Casada
Tânia	52 anos	Namora
Mais oito mulheres que cumpriam pena no regime aberto, com as quais não tive contato.	-	-

A cela número um, localizada na galeria feminina B, se diferencia das demais por ser maior, assim como possuir cerca de quatro beliches de madeira. Distingue-se, também, por ser ocupada, em regra, apenas pelas mulheres que cumprem pena no regime aberto²⁸. Estas passavam o dia fora do estabelecimento penitenciário, retornando, para dormir, à noite.

Nas demais, são duas lajes de concreto que saem perpendiculares da parede de concreto que servem de cama às detentas. Como essas celas são muito menores, se há uma terceira moradora, essa dorme em um colchão no chão, em um espaço exíguo.

Contudo, todas as celas possuem: uma janela gradeada localizada no alto da parede de concreto; um tanque onde lavam as mãos, as roupas, a louça; uma pequena mesa construída em cimento; um chuveiro elétrico; e um *buraco*, revestido de metal, onde as mulheres urinam e defecam.

A cela número um não é a única na qual, para ser moradora, é preciso preencher determinada condição (cumprir pena no regime aberto). A cela número cinco, por exemplo, tem a especificidade de que as moradoras ocupem as funções de “*paneleira*” e/ou “*plantão*”. Desse modo, caso haja a troca da pessoa que exerce uma dessas funções, também há troca de cela.

Por outro lado, as galerias se diferenciam no que diz respeito à posição das janelas das celas. As janelas da galeria A dão acesso a uma galeria masculina, de maneira que suas ocupantes conseguem se comunicar com os presos. De outra parte, as janelas da galeria B dão acesso ao pátio, no qual, tanto as mulheres da galeria A, quanto as mulheres da galeria B são exigidas a passar três horas diárias. Das 10h às 11h e das 15h às 17h.

Nas galerias, elas permanecem invariavelmente trancadas, exceto na hora de se “*pagar a comida*”²⁹. Nas quatro horas diárias, nas quais as celas permanecem abertas (hora do almoço e do jantar), as mulheres circulam num vai-e-vem permanente e ruidoso. Nesses momentos, quase nenhuma mulher permanece na própria cela – com ressalva daquelas que estão “*na tranca*”³⁰. Elas caminham pelo

²⁸ Com a exceção da Bruna que, embora cumprisse pena no regime aberto, “morava” numa cela da galeria A. O fato de ela trabalhar no presídio durante o dia, explica ser a sua situação diferente das demais.

²⁹ “*Pagar*” significa receber, dar, servir.

³⁰ Estar “*na tranca*”, no que se refere ao encarceramento feminino no PERG (é diferente para os homens presos), significa estar de castigo na própria cela, sem direito ao pátio e a transitar pelo corredor da galeria feminina.

corredor, visitam outras celas ou se enfileiram na frente da grade de ferro que dá acesso ao setor administrativo, na busca pelo contato com as(os) agentes penitenciárias(os) ou com os detentos que circulam pelo presídio em função de suas atividades como presos trabalhadores. São esses homens, presos trabalhadores, que costumam “*fazer a mão*”, ou seja, fazer algum favor às detentas, como, por exemplo, levar recados delas, por meio da entrega de bilhetes, para outros homens presos.

A comida é feita em panelões, na cozinha geral³¹. Geralmente duas enormes panelas são largadas no chão das galerias. As presas buscam, nas suas celas, os seus pratos e/ou potes de plástico e se posicionam próximo à “*paneleira*” que fica de cócoras na frente da grande panela, servindo a comida. O cardápio não muda, de modo que nas sextas-feiras, por exemplo, a comida é sempre arroz com pedaços de carne e feijão. Às vezes, também é largado no chão da galeria um pote contendo frutas, geralmente bananas, ou pão. As mulheres portadoras do vírus do HIV recebem, ainda, um litro de leite.

No entanto, nem todas comem daquela comida. A Senhora “*mais antiga no sistema*”, por exemplo, fazia comida na própria cela. O cozimento dos alimentos era feito numa espécie de fogareiro com uma boca, ligado à luz. Apesar da infraestrutura precária, ela fazia uma comida variada que vendia por R\$ 3,00. Contudo, para algumas pessoas a refeição não era cobrada em dinheiro e sim trocada por objetos que a interessavam. Outras, ainda, recebiam a comida gratuitamente.

Algumas mulheres da galeria A, mais precisamente aquelas que trabalham na cozinha dos agentes penitenciários, complementavam as suas refeições com os restos da comida feita na cozinha dos funcionários do presídio. Levar as sobras dessas refeições para a galeria feminina, geralmente, é bem aceito pelos agentes, contudo, já foi motivo para a perda do trabalho de cozinheira para algumas delas.

Outras, quando possuem dinheiro, adquirem produtos alimentícios e de higiene pessoal, mediante prévia encomenda, junto ao preso que trabalha no recolhimento das listas de compras e do dinheiro. Esse preso trabalhador é o mesmo que realiza as compras, com obtenção de lucro, mediante autorização dos funcionários do presídio, num mercado externo à unidade prisional.

³¹ No Presídio Estadual de Rio Grande há duas cozinhas. Na cozinha dos agentes penitenciários, a comida é feita por mulheres/ presas trabalhadoras. Na cozinha geral, onde é feita a comida para a massa carcerária, trabalham homens/ presos trabalhadores.

Muitas delas também recebem alimentos dos companheiros presos, de modo que por meio deles adquirem produtos que complementam a sua alimentação.

O pátio, tal qual as galerias, é todo cimentado. Nele, existe um tanque para a lavagem de roupas; uma corda para estendê-las; bancos de cimento; e um pequeno banheiro, no qual há um vaso sanitário. Do pátio, é possível avistar três das quatro galerias masculinas existentes. Lá, como será possível observar no capítulo etnográfico, é um espaço privilegiado para namorar.

3 RECIPROCIDADES, AFETO E SEXUALIDADE EM GRUPOS POPULARES: ASPECTOS REDIMENSIONADOS NA PRISÃO

Para falar de relações entre homens e mulheres em grupos populares³² os Antropólogos têm recorrido às discussões sobre “honra e vergonha”. Nesta teoria, “originalmente construída a partir de etnografias sobre a região mediterrânea, o prestígio e o poder de um indivíduo dependem, em grande medida, do controle familiar da sexualidade feminina” (FONSECA, 2000, p. 135). A honra, entretanto, não seria uma particularidade dos povos mediterrâneos e poderia apresentar muitas variantes, entre nações, classes sociais e entre comunidades.

Na literatura sobre a honra, existe em geral a suposição de que, enquanto os homens exercem a malandragem viril, as mulheres constroem sua identidade em torno dos ideais de castidade e pudor.

Para Julian Pitt-Rivers a honra é a “soma das aspirações do indivíduo e o reconhecimento que os outros lhe concedem” (PITT- RIVERS, 1992, p. 18). A honra varia de acordo com a posição da pessoa na sociedade e da observância de um comportamento condizente com a sua posição em termos de *status*, classe, idade, gênero.

No primeiro capítulo do livro “Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares” (2000), de Cláudia Fonseca, a autora adota a noção de honra de Pitt-Rivers para aproximar-se do universo simbólico de sujeitos de grupos populares, numa vila porto-alegrense. Seguindo essa linha de investigação, ela desenvolve o seu argumento sob dois aspectos analíticos: primeiro, sublinha o sentimento individual que é o esforço de enobrecer a própria imagem, conforme as normas socialmente estabelecidas, e o segundo, refere-se a um “código de honra”, como “um código social de interação, no qual o prestígio pessoal é negociado como o bem simbólico fundamental de troca” (FONSECA, 2000, p. 15). Portanto, a intimidade dos habitantes e sua interdependência constante são apresentadas como regidas por esse código de honra, no qual a proteção e a

³² A noção de grupos populares aqui é entendida enquanto um recorte de análise através do qual se vislumbra um conjunto de práticas sociais constituídas pelas experiências heterogêneas dos indivíduos na sociedade complexa. Ver sobre o tema: Zaluar (1985), Duarte (1986), Fonseca (2000).

homenagem – ato ou palavra que realçam a imagem pública de um sujeito – são as principais moedas de troca.

De acordo com a autora, “enquanto o código de honra é um regulador de interação necessariamente partilhado pelos membros do grupo, sejam quais forem seus respectivos papéis, os critérios de prestígio pessoal variam conforme a idade, o sexo, o *status* econômico e civil de cada pessoa” (FONSECA, 2000, p. 26).

Ao analisar a honra individual entre os jovens solteiros, a honra familiar entre os homens casados e a honra entre as mulheres, a autora percebe que, na vila, a bravura, apoiada na virilidade e na generosidade, é apresentada como sendo a tática para projetar a imagem pública de prestígio entre os jovens solteiros. Já o homem de família expressa o seu prestígio social, tanto na virilidade, ligada à procriação, quanto na bravura, também ligada à proteção das mulheres. A honra da mulher, de outra parte, depende do reconhecimento de suas capacidades de mãe e dona de casa.

Para analisar a dimensão social do sistema – o código de comportamento/interação que rege a rede de relações sociais e garante a coerência do grupo – a autora procurou no discurso das mulheres da vila tudo o que se relacionava à noção de honra. Conforme Fonseca (2000), nessas falas, não foi empregada a palavra honra, mas sim a palavra “respeito”.

Tal como a noção de honra, o respeito não existe fora da relação concreta, e na vila serve para descrever o modo de agir de uma pessoa em relação à outra. Para a autora, esse tipo de relação raramente é entre iguais e a força física entra como variável para definir os termos da relação. Dito de outro modo, a palavra respeito revela o papel da força física masculina na rede de trocas simbólicas.

Respeitar os outros é o privilégio dos fortes e significava aceitar não usufruir tirar proveito dessa superioridade. Já o respeito que existe entre os fortes significa mais do que mera abstração do uso da violência, pois está presente a homenagem. No entanto, Fonseca (2000) observa que existem formas de neutralização da força física, que é a maneira pelo qual os mais fracos (os idosos, os pacíficos e as mulheres) restabelecem o equilíbrio na troca social.

Neste mesmo livro¹⁷, Cláudia Fonseca problematiza as relações de gênero em grupos populares. Superando a noção de ‘estratégias de sobrevivência’, a autora

¹⁷ Capítulos segundo e quinto do livro “Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares”.

prefere considerar os elementos do universo simbólico ligado à honra, humor e afeição, a fim de sublinhar questões de alteridade cultural e agência humana.

Nos estudos sobre honra, as relações de gênero revelam o complexo simbólico “honra e vergonha”, característico das sociedades tradicionais. Segundo Fonseca (2000), o modelo “mediterrâneo” da discussão sobre “honra e vergonha” já foi longamente criticado, sobretudo, chamando a atenção para o etnocentrismo das primeiras análises, quando antropólogos estrangeiros teriam simplificado as relações de gênero nas sociedades meridionais, criando estereótipos do homem macho e da mulher submissa para assim realçar as vantagens de seu próprio modelo cultural.

Nesse sentido, para a autora, as relações ‘hierárquicas’ do casal latino não representam simplesmente o oposto do modelo ‘moderno/igualitário’. Ao contrário, percebe a necessidade de captar as sutilezas de um universo simbólico que não é nem a cópia nem o oposto do universo do pesquisador.

Para Fonseca (2000), na vila, as piadas, as fofocas e as acusações apresentam-se como entrada apropriada para os discursos ‘alternativos’. A autora reconhece que nesse humor aparecem representações estereotipadas das relações homem/mulher, mas, como estes estereótipos diferem dos que estão presentes no discurso normativo, foi justamente a partir desses discursos, situados num contexto de práticas e valores, que procurou construir a lógica, subjacente à criatividade cotidiana, das relações de gênero num bairro urbano.

Por consequência, apresenta uma descrição etnográfica que matiza os estereótipos sobre a relação autoritária entre homens e mulheres em grupos populares, mostrando situações em que as mulheres detêm considerável poder, apesar das relações entre cônjuges divergirem das esperadas no ideário das camadas médias. Ao mesmo tempo, mantém a noção de alteridade.

Conforme a autora, na vila, brinca-se sobre as proezas sexuais dos homens, (a malandragem masculina/o homem safado) de modo que fica subentendido que, na sua relação com a mulher, é isso que necessariamente o homem quer.

As mulheres não correspondem à imagem de vítimas passivas e apresentam-se como “interesseiras”, tanto quanto os homens. As mulheres buscam homens que possam lhes sustentar. Ao mesmo tempo, teme-se que, se o homem não oferece à mulher um nível adequado de conforto, a mulher possa não se sentir na obrigação de ser uma esposa fiel (FONSECA, 2000).

As brincadeiras e fofocas ainda levariam a crer que a mulher, além de interesseira, pode ser “malandra”, por isso se teme que a mulher possa não dar para o homem que a sustenta o monopólio de suas atenções sexuais.

Segundo Fonseca (2000), a malandragem feminina não goza da mesma aceitação que a virilidade masculina. Pois existe a noção de que a mulher deve ser recatada. Contudo, no caso das mulheres, a distinção entre “malandragem”/“esperteza” e a “sem-vergonhice” não depende do ato cometido por uma mulher, mas sim da relação entre quem está descrevendo o ato e quem o cometeu. Ou seja, as mesmas mulheres que fazem críticas a cunhadas e noras podem louvar afilhadas e vizinhas pela mesma suposta liberdade sexual.

Para compreender esse tipo de distinção, a autora situa o casal dentro do contexto do bairro. Mostra que o público e o privado se confundem; que tanto as mulheres quanto os homens contribuem para o orçamento familiar realizando atividades irregulares (setor informal); que os horários de trabalho flexíveis faz com que ambos estejam presentes e ativos nas suas casas e na vida cotidiana do bairro; que boa parte da contribuição masculina pode assumir a forma de serviços; que as mulheres tendem a recorrer tanto a parentes consanguíneos quanto ao marido, para ver satisfeita a realização de algum serviço. Esse fato pode desencadear rivalidade entre esposas e irmãs de um homem, motivo pelo qual as cunhadas e sogras possam ter interesse em denegrir a imagem da cunhada/nora e ao mesmo tempo, realçar a vulnerabilidade masculina dentro da relação sexual.

Fonseca (2000) sugere, ainda, que os seus dados diferem muito das situações clássicas de honra mediterrânea, visto que, na vila, as sanções socialmente aceitas contra o adultério feminino não eram suficientes para intimidar todas as mulheres. Mais do que isso, a moralidade sexual era raramente evocada para difamar uma mulher, não se constituindo, pois, o comportamento sexual das outras mulheres como uma categoria de censura coletiva.

Para pensar sobre o *status* das mulheres, nesta configuração de valores, a autora se utiliza da noção de reciprocidade entre marido e mulher, em grupos populares, no qual “sexo e sustento material seriam as moedas básicas de troca” (FONSECA, 2000, p. 154).

Assim sendo, qualquer infração contra o pacto de reciprocidade, seja o infrator o homem ou a mulher, lança reflexos negativos sobre a imagem do homem e não da mulher. Conforme Fonseca:

Pelas fofocas, piadas e acusações – armas femininas por excelência – as mulheres manipulam a imagem pública dos homens. Diante da irresponsabilidade dos homens, elas ficam vulneráveis, em perigo de sucumbir à decadência material; contudo, pela palavra feminina, os homens são submetidos a sanções simbólicas de importância proporcional (FONSECA, 2000, 155).

Desse modo, “as mulheres redirecionam a moralidade que pretende cercar a liberdade feminina contra os próprios homens” (2000, p. 158).

Flávia Rieth (2000), atentando para uma visão relacional de gênero¹⁸, coloca que “de acordo com tal complexo cultural, existiria uma assimetria nas relações de gênero através da valorização do masculino face ao feminino. Todavia, a noção de honra é central na construção da identidade masculina, na qual a virilidade está sempre à prova e na dependência da conduta da mulher”.

Na análise da noção de reciprocidade – aquilo que é trocado entre homens e mulheres na vila – Fonseca (2000) não desconsidera o carinho e o companheirismo existentes nas relações cotidianas de muitos casais de grupos populares, contudo, pondera ser essa afeição diferente da dimensão do afeto em termos de um “amor romântico”.

A este respeito, demonstra que o modelo familiar dos segmentos populares é nitidamente diferente do das camadas médias, com a prevalência de uniões consensuais, alta taxa de instabilidade conjugal e recasamento, além da frequência de circulação de crianças, no qual, em virtude da relação entre os parentes consanguíneos ser pensada de modo substancial, a distância não anula o sentimento de pertencimento à família.

Para explorar a lógica particular que subjaz à organização familiar dessa população, a autora recorre aos conceitos de aliados (consanguíneos e vizinhos) e rivais (companheiros/maridos) na família como representativo do modelo familiar dos grupos populares.

Para Fonseca (2000), a oposição entre parentes consanguíneos e parentes por aliança é patente entre muitos grupos populares latino-americanos. E, na análise sobre o sistema familiar, em particular das relações de gênero, sugere que os laços consanguíneos são privilegiados (mais fortes) porque são considerados os únicos

¹⁸ Rieth (2000) trabalha com o universo de camadas médias do interior, contrastando a ideologia igualitária ordenadora destes grupos com o complexo “honra” e “vergonha”. Neste trabalho, salienta-se que a valorização e a vulnerabilidade constituem o masculino relacionalmente, o que toma como universal.

que permanecem. Ou seja, na perspectiva dos moradores da Vila, conforme Fonseca (2000), o laço entre parentes afins é tão efêmero quanto são duradouros os laços entre consanguíneos.

Numa perspectiva semelhante, apesar das especificidades dos contextos de investigação, Adriane Boff, no livro “O Namoro está no ar... Na onda do outro: um olhar sobre os afetos em grupos populares” (1988), opta pela noção de “grupo popular”, para pensar o “outro”, no qual se inscreve numa lógica que lhe é específica e que configura a particularidade e a historicidade do namorar. Conforme essa autora:

Apesar da ambigüidade da categoria ‘popular’, esta serve para delimitar fronteiras e estabelecer distinções sociais, quando é definida relacionalmente em oposição às manifestações culturais consagradas como legítimas, ou seja, contrastando com o que se chama de ‘cultura dominante’. Isso traz no seu bojo o entendimento das noções de ‘cultura popular’ e ‘cultura dominante’ não simplesmente como sistemas simbólicos distintos e em confronto, mas como portadores de condições desiguais, de diferenças sociais ligadas aos sistemas simbólicos referidos. Essa forma de utilização do ‘popular’ não perde de vista, então, as diferenças sociais e, portanto, serve bem para sublinhar particularidades (BOFF, 1988, p. 50).

A autora trata dos afetos em grupos populares como uma construção social que está articulada a outras dimensões da vida. Desse modo, ela constrói seu recorte do “popular” a partir do modo de vida “móvel” (mobilidade conjugal, empregatícia, residencial) de seus interlocutores, que traduzem relações específicas dessas pessoas com os espaços, com os comportamentos e os corpos e que esculpe uma forma particular de namorar. Assim, nesse estudo, a mobilidade é um conceito chave para pensar os empregos, as moradias e, sobretudo, os afetos. Essa modalidade de afeto, assim como em Fonseca (2000), contrasta com as representações das camadas médias sobre o “amor romântico”.

Para pensar sobre os princípios da reciprocidade, Boff (1988) atenta para o fluxo das trocas, observando se os sujeitos vêm proveitos através da cooperação com seus companheiros, bem como se eles podem usufruir de certas prerrogativas somente se cumprirem seus deveres.

De outra parte, Jurema Brites, na sua tese de doutorado “Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico” (2000), abre vias para outro tipo de interpretação no que diz respeito aos afetos de mulheres em grupos populares.

Esta autora observa o princípio da reciprocidade como a lógica que orienta as relações sociais das mulheres e traz à tona histórias de homens e mulheres de grupos populares que envolvem tanto interesse quanto afeto. Ou seja, o sustento que as mulheres costumam exigir de seus homens, para além da atitude pragmática, seria uma forma legítima encontrada por elas para garantirem outra dimensão fundamental da relação: o afeto e a fidelidade do companheiro amado, de tal forma que assuntos românticos estavam presentes nas falas das suas interlocutoras, tanto no que dizia respeito à fase de sedução quanto na fase de consolidação do relacionamento conjugal. Nesse sentido, conforme esta autora:

O ciclo apaixonado talvez não dure a vida toda. É provável que quando a maturidade se aproxime, o pragmatismo fale mais alto. Mas durante muitos anos da vida de uma mulher, ela procura num marido muito mais do que alguém para sustentá-la. Procura realizar um projeto de amor que tanto ela, quanto suas vizinhas consideram central na vida. Porém, diferentemente das ilusões do amor romântico, não acreditam na máxima: 'um amor e uma cabana'. Um dos momentos marcantes de decepção dessas mulheres vêm quando buscam reconhecer o afeto de seus homens através de sua disposição de sustentá-las (BRITES, 2000, p. 164).

O estudo “Da visita íntima na prisão: a corporalidade negociada” (1995), desenvolvido por Maria de Nazareth Agra Hassen, igualmente lança questões para a análise do afeto e da sexualidade de mulheres em grupos populares. Contudo, nesta abordagem, as experiências afetivo-sexuais das mulheres estão matizadas pela situação de encarceramento dos maridos.

Ou seja, Hassen (1995) entrevistou mulheres que não tiveram a vida social suspensa em consequência de uma situação de encarceramento. Mas, que a partir da prisão do companheiro, se viram sobrecarregadas de atribuições, assumidas na falta do parceiro ausente. Nesse contexto, atenta para a inversão nos papéis sexuais, observada, sobretudo, nos relatos sobre as situações de visitação dos maridos em dias de visitas íntimas, ocasião, na qual são as mulheres que vão ao encontro dos seus companheiros:

[...] o homem, de conquistador, passa a aguardar a chegada da mulher. Trata-se de uma questão de sexo e poder, em que se altera a correlação de forças entre o casal, o que repercute na atitude sexual da mulher. Ela aprende a tomar iniciativas e esse aprendizado se introjeta (HASSEN, 1995, p. 280).

Este estudo ainda nos leva a crer que as adversidades da situação de encarceramento dos homens teriam concorrido para o fortalecimento das relações dos casais, na medida em que tal experiência foi descrita pelas mulheres como

tendo sido possibilitadora da descoberta de qualidades um no outro que, antes da prisão, dificilmente teriam sido percebidas: elas se sentem mais desejadas, independentes e percebem no companheiro mudanças relacionadas à valorização da família.

Contudo, Hassen (1995) observa que as análises das mulheres sobre as suas relações afetivo-sexuais eram realizadas preferencialmente no sentido de projeção: que a relação do casal era boa, mas poderia ser ainda melhor após a libertação do companheiro, momento no qual as mudanças nas suas atitudes poderiam ser notadas. Neste sentido, conforme esta autora:

Há dois princípios opostos atuando na situação de detenção. Ou ela resgata a base sólida que havia no relacionamento, adormecida pelo cotidiano que precedeu à prisão, na forma de solidariedade, do apoio, do companheirismo. Ou promove uma situação artificial de vida a dois, juntos e separados ao mesmo tempo (juntos na vontade e separados pela força das circunstâncias), que, mascarando um cotidiano insustentável, faz aparecer uma relação que na verdade não existe. Na base destas colocações está a idéia do amor verdadeiro (sem grandes ardores, mas duradouro) *versus* a paixão avassaladora (chama que arde e logo depois se apaga), freqüentemente sustentada por poetas e por psicólogos que escrevem artigos em revistas femininas populares (HASSEN, 1995, p. 285).

Outra pesquisa que merece destaque por tratar da temática da organização familiar e relações de gênero no âmbito do direito penal/penitenciário é “Mulher de preso, mulher de respeito: uma etnografia sobre as relações familiares entre as mulheres e seus homens presos no sistema prisional do Rio Grande do Sul” (2002), de Simone Ritta dos Santos.

Esta autora, também está distante do universo do encarceramento feminino e observa a importância das mulheres para a articulação de redes que permitem a sobrevivência física e moral dos parentes (filhos, irmãos, maridos) que vivem presos numa penitenciária masculina, localizada no Município de Charqueadas, no Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, para Santos, “a situação prisional exige uma atualização da norma – mas, de certa forma, os valores básicos de família e dos papéis masculinos e femininos são mantidos, se não fortalecidos” (SANTOS, 2002, p. 64).

Assim sendo, mostra que quando a mulher assume seu familiar preso ela age de forma coerente com o ethos feminino dos grupos populares. Em tal caso, os valores de sangue entre consangüíneos e de reciprocidade entre cônjuges explicam as obrigações morais que fazem a diferença, naquele contexto, entre uma “mulher

de respeito” e a que abandona o homem na prisão. Desse modo, a pesquisa apresenta os diferentes contextos nos quais as mulheres estão inseridas, bem como as estratégias acionadas por elas para garantir a manutenção dos vínculos familiares.

Na lógica que orienta as relações sociais entre as mulheres, a autora destaca o valor da família e o princípio de reciprocidade. Ao pensar nessas questões utiliza a categoria “família pertencentes a grupos populares, caracterizada na experiência prisional”, apresentando não uma, mas variadas perspectivas sobre relações de gênero e família existentes naquele contexto.

Os dados da pesquisa, desta forma, sugerem que no estabelecimento prisional de Charqueadas/RS não há inevitavelmente interrupções sociais, mas um rearranjo das relações, de forma a dar conta do afastamento do preso da família.

A autora também analisa as estratégias utilizadas pelas mulheres para enfrentar os estigmas decorrentes da prisão do homem que recaem tanto sobre o presidiário quanto sobre elas. Fazendo uso do conceito de estigma desenvolvido por Goffman (1988), dá sentido à relação que envolve o ato de se afastar ou repudiar o outro a partir de estereótipos negativos ou desabonadores.

O objetivo desta dissertação de mestrado é apresentar o sentido atribuído às práticas do namoro e do exercício da sexualidade, pelas mulheres presas em um estabelecimento prisional que comporta homens e mulheres em seu interior, localizado na cidade de Rio Grande/RS.

Os tópicos seguintes estão estruturados a partir das noções nativas “de dentro” e “fora” da prisão, experiência que redimensiona as questões tratadas nesta dissertação. Razão pelo qual, buscou-se caracterizar o universo de classe popular no tocante às relações entre homens e mulheres para então pensar sobre continuidades, inversões ou rupturas das relações ao *puxar* (ou não) *junto a cadeia*.

3.1 - Fratura nos laços consangüíneos: é o que faz a cadeia “*pesar*”

No Presídio Estadual de Rio Grande, nota-se que pouquíssimas mulheres recebem visitas de seus maridos.

[...] homem dificilmente puxa cadeia com mulher. Quem puxa mesmo é mulher com homem. Homem não tem sangue pra puxar cadeia com mulher. Mulher é que tem sangue de puxar com homem. Lá na cela que eu vô as mina vêm todos dias. Não falta nenhuma visita, mesmo sendo domingo e terça que fica muito pesado. Pra mim ficaria pesado porque domingo e terça

fica muito em cima. Elas vêm. Tem uma que vem lá de Pelotas visitar o marido dela e não falta uma visita. Homem não segura cadeia.” (Vida Louca).

“Os homens são mais procurados... a maioria dos maridos aqui puxam um mês, dois mês, três mês, com a mulher e largam, não vem mais!” (De Águida)

“Agente tem a consciência de que se a gente sai, a gente precisa puxar com eles, mas eles não têm essa consciência porque eles saem e aí: eu não vou voltar de novo pro inferno. Eles não se ligam que a gente foi pro inferno com eles”. (Giovana)

Em muitos casos, não somente os maridos, como também a família de origem abandonam as mulheres na prisão, o que nos permite pensar que na situação de aprisionamento a relação entre as mulheres e sua parentela se altera, considerando a discussão travada por Fonseca (2000) sobre família em grupos populares.

Segundo Paula, o oposto pode ser dito com relação aos presos homens, na medida em que, com relação a eles, há manutenção desses laços:

Seja estuprador, seja o que for, mas as mãezinhas estão sempre na visita. Sol e chuva elas vêm com a sacolinha sempre, né? Sempre. Toda a vida assim. Pra mulher é mais difícil. A mulher tem que puxar sozinha mesmo. Tem que puxar na tranca. A maior parte da família abandona, né? A gente vê aí! A maioria! Mulher é mais fiel no relacionamento em questão de compromisso. Homem é mais desleixado, não aguentam nem um mês de cadeia.

Esse abandono da família de origem e de procriação parece ser uma forma de punição adicional, como já foi apontado por Julita Lemgruber (1999) e Luiz Antônio Bogo Chies (2008), para quem as privações por que passam as mulheres em situação de encarceramento é revestida de características ainda mais dolorosas, em virtude do rompimento do contato contínuo com seus familiares e, sobretudo, com os filhos.

Nesse sentido, recorrer à oposição entre parentes consanguíneos e parentes afins, tal como apresentado por Fonseca (2000), nos ajuda a pensar sobre o significado da perda, na prisão, desse tipo de vínculo.

Na realidade das mulheres presas no PERG, apesar da importância conferida aos parentes consanguíneos, são justamente esses laços que são desfeitos¹⁹.

¹⁹ Esses vínculos não se rompem quando, por exemplo, mãe e filha/filho, como também, irmãs/irmãos, estão presas(os) na mesma instituição (o que é comum). Embora seja minoria, também há casos em que as mulheres recebem apoio extramuros da família de origem.

Em tal cenário, a figura mais importante é a mãe. Excetuando as conversas sobre namoro, é possível dizer que a saudade dos filhos e a falta da mãe são os assuntos mais recorrentes, talvez o principal motivo que faça a “cadeia pesar”.

Muitas vezes escutei queixas, lamentações, choros e pedidos, tais como: “*telefona pra minha mãe*”; “*telefone pra minha irmã*”; “*pede pra falar com a minha filha*”; “*diz que estou com saudades, que é pra ela vir me visitar*”.

No PERG, Dona Helena, que foi condenada por “*mandar matar o marido que abusou (sexualmente) da filha*”, era muito “*respeitada*”, porque “*por um filho, uma mãe faz qualquer coisa*”, já que “*mãe é mãe*”. Helena era considerada a “*mãe das presas*” e era “*respeitada*” também porque se fazia respeitar, como demonstra o seu relato:

Eu não tenho medo. Não faço nada pra prejudicar elas, mas se me fazem qualquer coisa eu viro bicho. Faço tremer a cadeia. Uma vez eu me botei de tesoura numa aqui e tinha um agente aqui. Se um outro (agente) não me pega eu tinha arrancado os olhos dela com a tesoura. Eu chamei a juíza de figueira do inferno, não vou chamar elas. Botei o dedo na cara da juíza. Tu nunca pariu infeliz, eu disse para ela. Tu nunca abriu as pernas pra parir. Tu é uma figueira do inferno. Tu não sabe o que é uma dor de uma mãe. Bá! Essa mulher tremia. Botaram assim: mais dois anos de reclusão. E eu: Cagando e andando. Eu tiro de letra, mas cuidado pra não encontrar comigo quando eu sair daqui. A única pessoa que gosta da cadeia sou eu. Ninguém gosta da cadeia. Eu gosto! Não quero sair! Depois que tu comer, lê uma carta que eu tenho aqui para ti ver quem eu sou. Onze anos de cadeia, o que tu acha que eu aprendi? Só maldade.

A ausência do contato com a família e os amigos, por meio das visitas, representa, além da fratura dos laços afetivos, a total desinformação sobre o “*mundão*”, ou seja, sobre o que acontece no espaço extramuros, no que diz respeito aos lugares que frequentavam e as pessoas que conviveram fora da prisão.

Em muitos casos, em virtude da ausência da assistência da família de origem, essas mulheres dependem do apoio de outras pessoas que se encontram na mesma instituição²⁰, apesar de preferirem depender de parentes. Esse apoio se refere tanto à aquisição de materiais de higiene pessoal, de comida e de informações “*da rua*”²¹, quanto de afeto.

²⁰ Além do namorado e/ou marido preso, recebem apoio de outras mulheres e/ou homens na mesma situação.

²¹ As mulheres recebem informações “*da rua*” através dos detentos que, por sua vez, recebem informações de suas parentas (além das visitas que os homens recebem da família, diz-se que na galeria masculina é possível falar ao celular). Os recados são transmitidos tanto nos dias de visita íntima, quanto durante as conversas “*de janela*” ou por carta. As mulheres, igualmente, recebem informações das detentas que saem “*de banda*”, ou seja, que saem do presídio em virtude do

3.2 A reciprocidade

O princípio da reciprocidade é aqui entendido como um fato social total (MAUSS, 2003; BRUMANA, 1983). As trocas, que transcende à coisa dada e recebida, encerram uma obrigação de dar que se explica pelo poder que o doador obtém sobre o receptor; e uma obrigação de devolver, que tem como resultado a criação ou fortalecimento de vínculos sociais entre os sujeitos.

Com relação à reciprocidade entre as presas, pode-se dizer que ao mesmo tempo em que o discurso é no sentido de que se deve apoiar, como no relato: *“Quando eu tenho, eu apoio. É uma troca”* (Amanda). Igualmente se argumenta que: *“Para darem, só se depois tu tem para dar também”* (De Águida); *“Quando se tem alguma coisa, todas ficam na volta, quando não se tem, ninguém tem pra apoiá. Não apoio mais também”* (Paula); *“Quando não tenho nada, ninguém vem fala comigo”* (Tânia).

Em outras palavras, as mulheres presas no PERG cooperam umas com as outras, no entanto, “dar” (bens materiais, atenção), sem “receber” algo em troca é ser “otária”, coisa que quem quer obter “respeito” não pode ser.

Não obstante, o apoio do marido e/ou namorado preso acaba sendo o mais expressivo, visto que os produtos e as informações “da rua”, que são levados para eles, pelas mães e/ou irmãs e até mesmo pelas esposas, costumam ser repassados para as mulheres presas.

Os produtos, via de regra, são levados nos dias de visita, em sacolas que são revistadas pelas(os) agentes penitenciários de plantão. Às vezes os homens solicitam dinheiro para as suas parentas para satisfazer um pedido especial da mulher, mas também acontece das mães dos parceiros assumirem as mulheres na prisão, trazendo elas próprias os produtos solicitados (veja-se a figura 2).

direito/“benefício” das saídas temporárias; Como, também, por meio daquelas que, por cumprirem pena no regime aberto, passam o dia fora da unidade prisional e retornam à galeria feminina à noite.

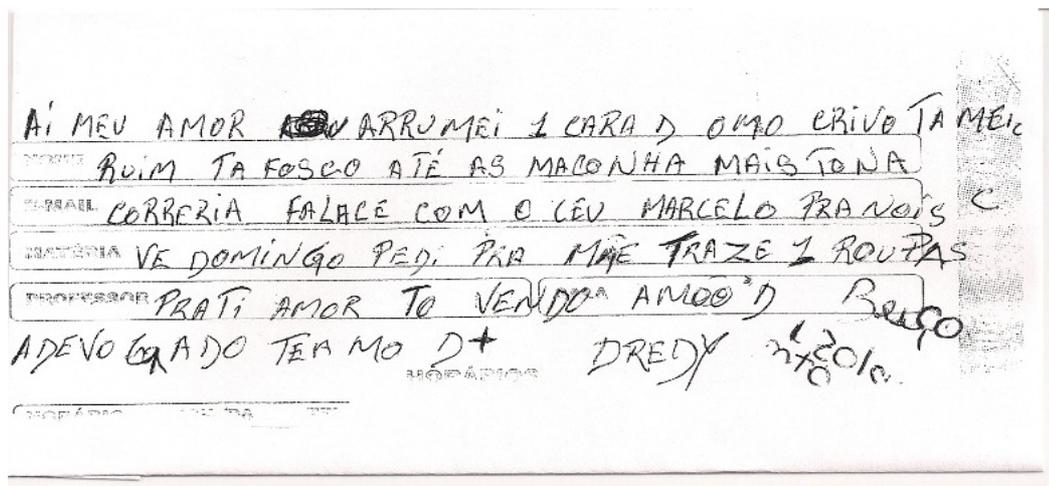


Figura 2 – “Catatau” escrito por um homem à sua mulher, ambos recolhidos no PERG.

Os homens repassam os objetos às mulheres presas, tanto nos dias de visita íntima, quanto por meio do “papagaio”²². Eles apóiam, principalmente, com o fornecimento de cigarros, xampu, condicionador, sabonete, papel higiênico, absorvente, sabão, detergente, drogas/remédios, roupas e comida em geral.

Vida louca, a este respeito, diz o seguinte:

A mãe dele (a sogra) é tri minha amiga. Me ajuda um monte. Me trás coisas. Me dá mais valor que a minha família. Que eu tenho uma família grande, mas ninguém me visita. Só a minha sogra me visita porque o resto não estão nem aí pra mim. É eu por mim mesma. Eu tenho um monte de irmãs. Uma quadrilha, mas ninguém vem me ver. São sete mulheres. Elas não dão apoio [...].

No caso de Vitória, tanto a mãe quanto o pai do namorado a ajudam, embora a sogra não seja a favor do namoro do filho com “uma mulher da cadeia”:

Ele manda ela (a sogra) comprá as coisa pra mim e ela vai lá e compra, mas quando a mãe dele vem é um inferno, né? Quando a mãe dele vem aí ele não me manda nada no dia. Ele deixa ela sair pra no outro dia mandar. Ela não gosta, sabia? Ela diz que não vai tá dando coisa pra ele dá pra uma mulher da cadeia, mas aí o pai dele vai lá e trás. Tudo que eu mando ele pedir pro pai dele o pai dele vai lá e trás... mas agora até que ela compra as coisa. Tá bem calminha. Eu acho que ela tá vendo que tá... Eu acho que ela pensou que era só papo de cadeia, aquela coisa toda. Mas não! Agora

²² “Papagaio” é o nome dado para o ato de alcançar objetos para uma pessoa, através da janela, por meio de uma corda, com o auxílio de chinelos de dedo. Acontece, por exemplo, da seguinte maneira: no centro de uma corda o detento amarra uma sacola, na qual contém o objeto que ele pretende entregar à detenta. Numa das pontas da corda ele amarra um chinelo e o lança pela janela da cela da galeria masculina, na direção da galeria feminina A, localizada em frente. A mulher, em sua cela, faz o mesmo, ou seja: amarra um chinelo na ponta de uma corda e o lança pela janela em direção à galeria masculina. Os chinelos amarrados se encontram no ar e se entrelaçam. A mulher puxa a corda, alcança os chinelos, desenlaça-os e continua puxando até alcançar a sacola com o objeto. Depois, o homem, que permanecera segurando uma das pontas da corda, é quem a puxa, até recuperá-la por completo, assim como ao seu chinelo.

ela vem e me cumprimenta... O pai dele não! O pai dele me adora! O pai dele me adora de paixão! O pai dele tem uma adoração por mim que tu precisa ver. Quando me vê me chama, me abraça! Me chama de minha nora. Todo bobo.

As mulheres, em contrapartida, costumam lavar as roupas dos detentos, bem como preparar alimentos cujos ingredientes foram por eles fornecidos.

Quem não recebe visita e está só (algumas mulheres acima de cinquenta anos), ganha esporadicamente presentes de algum “*amigo*”²³ e vive daquilo que o presídio lhes oferece. Isso significa, muitas vezes, ficar sem material de higiene. Nesses casos, toalhas e lençóis costumam ser cortados e utilizados como paninhos/absorventes. Elas procuram estar limpas e arrumadas (principalmente para ir ao pátio), bem como costumam manter a limpeza das celas. Para isso, com poucas exceções, tomam vários banhos por dia e limpam repetidas vezes as celas, mesmo que o único recurso seja água. Limpar a cela é uma das maneiras de ocupar o tempo, bem como de controlar as baratas e as moscas. Em geral, elas são muito vaidosas: passam creme no corpo, fazem as unhas, gostam de pentear os cabelos e exibir as suas tatuagens²⁴.

As mulheres sozinhas frisam que não possuem namorados porque não querem e não por falta de oportunidades matrimoniais. Dizem que se na rua elas “*não tinham homem pra não se incomodar*”, não seria no presídio que iriam arrumar.

Assim, é possível resumir com poucas palavras a reciprocidade no cárcere: os homens recebem apoio material (e também afetivo) das parentas, sobretudo, das mães, das irmãs e das esposas, de “fora” da prisão. Com as mulheres de “dentro”, acontece diferente. No caso delas, a manutenção dos laços consangüíneos não é óbvia. A maior parte das mulheres, especialmente, as que não possuem parentes presos²⁵, se descrevem como pessoas abandonadas por seus parentes “de sangue”. Em substituição, elas buscam obter apoio material e afetivo com os homens de “dentro”. Esses homens, vêm proveitos nessa cooperação e as apóiam. Há reciprocidade entre as mulheres presas, contudo, é menos expressivo, aja visto que

²³ As mulheres casadas, que possuem namorados na prisão, costumam chamá-los de “*amigos*” ou “*rolos*”. Os “*amigos*” também podem ser os pretendentes e/ou sujeitos que dão e recebem “*apoio moral*”.

²⁴ Nas tatuagens figuram gnomos, fadas, borboletas, figuras abstratas, nome do filho e/ou companheiro. Também há tatuagens elaboradas pelas próprias apenadas, feitas nas celas e com material precário.

²⁵ Escutei queixas de detentas que, assim como as demais, se sentiam abandonadas pelos parentes (filho e marido) reclusos na mesma instituição. Nesses casos, o motivo que justificava o abandono (entendido como a falta de apoio material e afetivo) era o vício do crack.

as mulheres se encontram em uma situação de desvantagem em comparação com os homens. Ou seja, entre elas, há menos o que trocar.

Não obstante, as mulheres que cumpriam pena privativa de liberdade em regime semi-aberto ou aberto e que saíam do presídio “*de banda*”, ou seja, nas saídas temporárias²⁶, frequentemente, contavam que em pelo menos dois dias, durante a saída, ficavam na casa de parentes (mães e irmãs).

Assim, apesar do “abandono” da família no período de reclusão das mulheres, isso, não altera nelas o sentimento de pertencimento à família.

Desse modo, não há, nestas relações, uma inversão. Estas, na verdade, são redimensionadas, com uma perversidade que atinge particularmente, as mulheres.

3.3 - Afetos e sexualidade

Os homens fornecem ajuda material às mulheres no presídio, mas reduzir esse tipo de reciprocidade ao aspecto econômico seria um erro, pois além do valor prático há o valor simbólico dessa “obrigação de dar” que corresponde às expectativas deles e de suas mulheres com relação ao papel de provedor do homem (FONSECA, 2000).

E, além disso, muitas outras vantagens são descritas no que diz respeito à prática do namoro, como o fornecimento de carinho e “*apoio moral*”, ambos, de suma importância. De modo que para além da ordem material, há a busca por alcançar certa satisfação afetiva. Dimensões que se misturam ao “*puxar junto*” a cadeia.

É na comparação, feita pelas próprias mulheres, com relação aos relacionamentos que tiveram “fora” (antes da situação do encarceramento) e aos de “dentro” (na prisão), que se depreende a mudança, no cárcere, do sentido atribuído aos afetos.

Tanto na fala das mulheres solteiras, quanto das casadas que namoram, as práticas do namoro, no presídio, foram descritas como situações na qual “*descobriram o verdadeiro amor*”.

²⁶ O direito/“benefício” das saídas temporárias (art. 122 a 125 da Lei nº 7.210/84 - Lei de Execução Penal) é destinado aos apenados do regime semi-aberto. Mas segundo a jurisprudência e a doutrina, este benefício pode ser concedido aos sujeitos que cumprem pena no regime aberto, por uma questão lógica do sistema progressivo, o qual a cada progressão aumenta os benefícios do apenado. Para saber sobre o nº de saídas a serem concedidos no período de um ano, os requisitos objetivos e subjetivos para a sua concessão, entre outras questões ver: CHIES, L. A. B. *Et al*, 2006.

Conforme os relatos de boa parte das mulheres, antes do encarceramento, elas se relacionavam, sobretudo, com homens que “*viviam na rua*”, eram viciados em droga, como o crack, e nunca estavam interessados em “dar” carinho. No presídio, em dias de visita, ao contrário, esses homens estão sempre dispostos a “dar e “receber” atenção.

Nesse sentido, para Tânia, namorar na prisão é melhor do que na rua porque: “*Quando a gente tá na rua e a gente conhece um cara, é diferente porque geralmente tu conhece primeiro o sexo pra depois conhecer a pessoa. Na cadeia não. Na cadeia tu conhece primeiro a pessoa pra depois o sexo*” [...]²⁷.

Lívia, comparando a forma como as mulheres são tratadas pelos homens “na prisão” e “na rua”, diz que os homens, “na prisão”, “*reparam nos detalhes, percebem as mudanças no cabelo, mudanças nas unhas, elogiam*”.

Fátima complementa, afirmando que na prisão “*tem mais respeito que na rua... os homens viram de costas quando passam pelas mulheres*” [...].

Para De Àguida, o namoro na prisão é melhor (comparando com o contexto da rua) porque “*tem mais apego, a mulher se sente mais amada e porque eles se mostram por inteiro e mudam o comportamento*” (veja-se a figura 3).

²⁷ A sexualidade é aqui apresentada como uma esfera específica do comportamento humano, que compreende práticas, relacionamentos e significados que estão enraizados no conjunto das experiências que constituem os sujeitos como seres sociais. Desse modo, a construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana e implica, conforme Michel Bozon: [...] “de maneira inevitável, a coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendidas ambas através da cultura. A sexualidade humana não é um dado da natureza. Construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui, em retorno, para estruturar as relações culturais das quais depende, na medida em que as ‘incorpora’ e apresenta” (BOZON, 2004, p. 14).

GATA
 Oi MEU AMOR PORQUÊ EU SOSTO
 DE VÔU D+ OLMA ONTEN E UNO
 FUI NA JANELA PORQUÊ E UNO
 ASUENTAVA PARAR EN PE POIS
 NÔO DORMI TOJA NOITE! BON PAI KÔO
 VÔO PRIMEIRO TAIS TÔO LINDA!
 E UNO ASUENTO MAIS VER VÔO
 QUE VONTADE DE TE BEIJAR
 COISA BÔA E TU!!! SÊPRE VOU
 ESTAR CON TIÇO LINDA TIAMO
 TA! DETARDE EU MANDO ALSO
 POIS TATA DEFICIL MAIS JA VAI
 MELHORA TIAMO MUITO MESMO BEIJO
 MIL

Figura 3 – “Catatau” escrito por um homem a uma mulher, ambos recolhidos no PERG.

No entanto, também há desvantagens e De Àguida faz essa referência dizendo que o ruim é “*não poder chegar na grade e não ser todo o dia*”, na medida em que a visita íntima têm dias e horários determinados.

De outra parte, Vitória pensa que:

[...] um relacionamento assim é estranho, entendesse? Não sei como é que pode... A gente acaba conhecendo muita gente, mas a gente não se conhece. Só se conhece por... o namoro é por beijo, cartinha. Carta eu tenho um monte, né? Bilhetinho, essas coisas assim... E tu já pensou guria? É estranho, né? É estranho tu se apaixonar por uma pessoa que tu não tem nem contato, que tu não conhece. É que nem um namoro de adolescente, que é só beijinho. É isso que é ruim.

Resta saber se essa modificação (ou no dizer das presas, aprendizado) no sentido atribuído aos afetos, dimensionada pela experiência do encarceramento, acompanha a mulher quando esta obtêm a liberdade.

As mulheres que “*moram*” nas celas da galeria A e B costumam “*namorar*”, tanto por carta e “*catatau*”, quanto “*por janela*”. São sobre estas práticas, assim como, sobre as praticas do casamento e da visita íntima, que o próximo capítulo se refere.

4 “PARA SEGUIR A CARAVANA DO AMOR”: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO NAMORO, DA VISITA ÍNTIMA E DO CASAMENTO

Aqui, estão descritas as práticas do namoro (“*por janela*” e “*catatau*”), da visita íntima e do casamento, experienciadas no Presídio Estadual de Rio Grande, sob o ponto de vista das mulheres presas. Os afetos que são trocados adensam a relação de conjugalidade conforme a experiência feminina e constituem a forma de “*puxar junto*” a prisão.

4.1 O namoro “*por janela*”

No pátio, localizado ao lado da ala feminina, é possível enxergar os homens que se posicionam nas janelas das celas das galerias masculinas²⁸. Antes de saírem para o pátio, elas dormem, tomam banho, passam cremes, se arrumam.

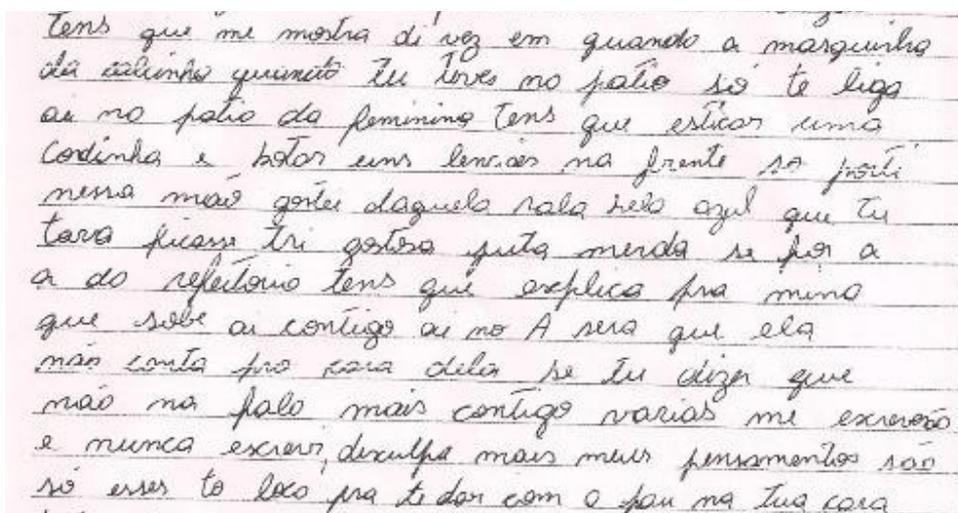
As mulheres que precisam de ajuda para se embelezar (nem todas podem ser ajudadas porque quase tudo é pago em maços de cigarro) o realizam preferencialmente, nas celas. Unhas são decoradas e tranças são feitas.

No pátio elas se posicionam nos lugares que consideram mais apropriados para verem e serem vistas pelos namorados, maridos ou pretendentes. Elas estendem cobertores que não são os mesmos que usam para dormir e sentam sobre eles. Algumas vão espichando o corpo e acabam deitadas. Outras utilizam parte do tempo para caminhar para lá e para cá e se o dia estiver ensolarado, privilegiam ficar ao sol. Embora cada grupo tenha mais ou menos o seu lugar determinado para se reunir, os espaços são buscados, sobretudo, dependendo da intenção das mulheres: se elas querem ou não “*ficar na vitrine*”.

O namoro “*por janela*” acontece por gestos. Esses gestos, naturalmente, dizem coisas. Elas costumam beijar a palma das mãos, para dali a pouco assoprar o beijo na direção das janelas da galeria masculina; desenham um coração no ar com os dedos indicadores; fecham as mãos, mantendo os dedos indicadores levantados

²⁸ Existem quatro galerias masculinas. Cada galeria corresponde a um prédio/pavilhão. Esses prédios são identificados por números do um ao quatro, mas também são conhecidos como: “FG” (Pavilhão 1), “Sul” (Pavilhão 2), “Norte” (Pavilhão 3) e Pavilhão 4.

e fazem com grande agilidade sinais variados. Esse código é criado e recriado, podendo traduzir informações de forma mais evidente, quando o que se tem para dizer pode ser compartilhado, ou menos evidente, mas igualmente compartilhado. Estratégias como pendurar lençóis e cobertores na corda, quando o varal não está sendo ocupado, pode ajudar a camuflar, para as demais, o contato feito por uma delas a um ou mais homens (veja-se a figura 4). Falar com o namorado e/ou marido de outra mulher, sobre qualquer assunto, pode se tornar um grande problema, combatido com agressão verbal ou física.



Tens que me mostra di' vez em quando a marquinha
da calçada quando tu toves no patio só te liga
ai no patio do feminino tens que esticar uma
cordinha e botar em lençóis na frente do patio
muna mão gotei daquele sala de azul que tu
tava ficam tri goteira puta merda se for a
a do refeitório tens que explica pra mimo
que sabe ai contigo ai no A sera que ela
mão conta pra cara dela se tu digir que
mão na fala mais contigo variad me exereção
e nunca exere, desculpa mais meus pensamentos são
só esse to loco pra te dar com o pau na tua cara

Figura 4 – Fragmento de uma carta escrita por um homem a uma mulher, ambos recolhidos no PERG.

Eu procurava olhar pouco para a galeria masculina, primeiro, porque não queria arrumar um namorado e segundo porque não queria causar qualquer tipo de problema com as mulheres – sabia que assim como observava era observada. Com o tempo, algumas me mostraram os maridos e/ou namorados e também fui apresentada para alguns deles, de modo que eu começava a ser iniciada no “código de sinais”.

No dia 04 de fevereiro de 2008, escrevi no meu diário de campo sobre a dinâmica do namoro na janela. Tal descrição objetiva demonstrar o vaivém das mulheres no pátio e a maneira como se expressam, entre falas e gestos entrecortados:

Tânia me apresenta o amigo que estava na janela. Ela pede através de sinais para ele colocar a camisa. Chamo a Vida Louca, que estava caminhando no pátio, para conversar, mas ela não quis conversa. O marido “saiu de banda de três dias” e estava fazendo aniversário. Pediram para sair juntos, mas o seu pedido foi

negado. Tânia novamente manda o amigo colocar a camisa, pois o peito dele estava lhe provocando e diz: “*Aqueles baita peitão e a gente a nada. Tortura a detenta!*” Ela me mostra, ri, conversa por sinal. Voltamos a falar sobre a filha dela. Depois ela volta a se comunicar por sinais com ele e me conta que estava transmitindo a seguinte mensagem: “*tu é colírio para os olhos*”. Outra mulher pergunta se ele é o marido dela e ela diz: “*Eu não! Aquele lá é meu amigo cara! É muito ficar me cuidando, né? É muito me cuidar. Vou namorar todos agora. Vou dar para todos, principalmente para os do Norte*”. Tânia diz que o amigo se aborreceu e saiu da janela. Marcele não estava namorando por sinal, disse que só vai ver o namorado no turno da tarde porque pela manhã ele está no pátio da galeria masculina. Suzana, como sempre, fala por sinais com o marido. Um dos presos parece estar pendurado na janela.

As mulheres que “*moram*” em celas localizadas na galeria A (diferentemente do que ocorre com as que moram na galeria B) enxergam, através das janelas gradeadas das suas celas, os homens nas janelas das celas da galeria masculina, de modo que parece haver um tempo, no qual acontecem mais conversas de janela e, inclusive, *striptease* (veja-se a figura 5).

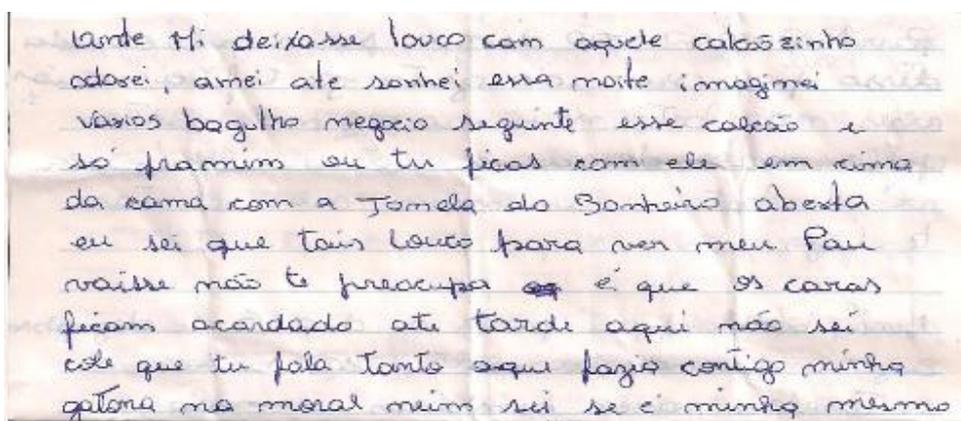


Figura 5 – Fragmento de uma carta escrita por um detento a uma detenta.

Nessas conversas, relacionamentos são discutidos, namoros são desfeitos e refeitos, criam-se novos rearranjos, casamentos são planejados.

Vida Louca “*mora*” na galeria B e diz que um dos motivos pelo qual não quer trabalhar é para não ter que morar na galeria das trabalhadoras/ galeria A. Conforme o seu relato:

“*Para mim não serve o outro lado (galeria A). É muito homem. O cara não pode nem ficar à vontade na cela. Não dá para ficar de sutiã se dá vontade.*”

Elas que gostam. É que tem umas que gostam porque são casadas. Claro! Estão de frente para o marido, mas pra mim nem era morar do outro lado. Eu não gosto... ali tu abre a janela (elas utilizam um pano/cortina) e tem sempre dez ou vinte te espiando. Para mim não serve isso. Tu não tem liberdade, não tem o teu espaço”.

De outra parte, Vitória não observa qualquer desvantagem com relação à galeria onde mora – galeria A. Sobre a sua relação com o namorado e o namoro “*por janela*” comenta que:

[...] o tempo todo ele está sempre demonstrando que me ama. Tu vê! Ele se mudou de cela por minha causa. Prá ficá bem na frente da minha janela. Antes de dormir ele me dá boa-noite. Diz que me ama. Os guris tão sempre mexendo com ele... Começam a dizer que o amor é cego, umas coisas assim. Começam a mexer com ele pra deixar ele já... é que eu trabalho aqui na frente com a polícia... porque pra eles trabalhar pra polícia é um horror, né? Chamam de perdigão... eu disse pra ele não dá bola, que isso é inveja de quem não tem com quem fique com eles. Mas aí ele já fica com ciúme, já começa a brigá quando eu vou pra janela. Passa todo o tempo brigando... a gente passou uns dois dias brigando, hoje que a gente começou a melhorá. Aí ele começa assim: Tu não me ama mais. Aí eu digo: Eu te amo sim. Aí é assim: ele briga, diz que me ama, a galeria toda escuta. Eu faço coração e ele faz coração de lá.

As mulheres casadas devem ser fiéis aos maridos, no entanto, existem inúmeras transgressões – que podem vir a ser punidas com violência física pelos maridos – pois as mulheres casadas namoram tanto quanto as solteiras.

Os homens suspeitam de suas mulheres, por isso tentam controlar a roupa que elas usam, o local que se posicionam no pátio, para onde olham e com quem conversam.

Os namorados e/ou maridos também tentam impedir que suas mulheres trabalhem “*na frente*”²⁹, pois, além de outras questões, elas terão mais facilidade para namorar outros sujeitos, em virtude do contato mais facilitado com o sexo oposto.

Eles se sujeitam a conviver com essa desconfiança, pois, como disse uma importante interlocutora que aqui é chamada de Donatela: “*Ele vai tê que aturá porque eu sou a única mulher que tem aqui pra ele (risos) até ele sair pra rua*”.

Na ocasião, Donatela estava contando como tinha sido a “*íntima*”³⁰ com o marido. Disse que o marido estava com “*neurose*” em cima dela. Que ela estava com medo de ser agredida porque ele teria descoberto que ela estava com outros

²⁹ Trabalhar “*na frente*” significa trabalhar na parte frontal do prédio do PERG, onde se localiza o setor administrativo, a cozinha dos agentes penitenciários, etc.

³⁰ O mesmo que visita íntima.

(tem dois namorados). Mas, de qualquer maneira, ela negou e sobre isso disse: “*sorte que tem mais de uma (disse o seu nome) na cadeia*”.

Os relatos das mulheres com quem convivi leva a crer que fora da prisão os incidentes de transgressão feminina podem vir a ser punidos com violência física. O que é igual no presídio, do contrário, Donatela não teria mencionado o medo que sentiu de ser agredida pelo marido no dia de visita íntima. Contudo, as implicações para o mesmo ato de violência são diferentes “dentro” e “fora” da prisão, como observou Dona Vilma:

“muitas vezes se briga, se discute, quer dizer que não é como se tivesse na rua, que se casa, se descasa. Pode dar certo, pode ser que não deu. Ninguém tá vendo nada, né? Na rua tu até pode dizê assim: Eu tava indo e tropecei e caí e machuquei a cara. E aqui?”

Fora da prisão às mulheres podem camuflar a violência do marido, podem também, recorrer à Delegacia de polícia, na busca por mediar a relação do casal (Paz, 2005). Contudo, no presídio, as marcas no corpo da mulher que sofreu violência física levariam, necessariamente, a punição do companheiro preso, o que nem de dentro e nem de fora do presídio se quer. E, também, a conseqüente suspensão da visita íntima.

Por outro lado, as mulheres que namoram – por janela ou carta – podem ser ameaças de sofrer uma violência física por parte dos namorados³¹. Contudo, nestes casos, a ameaça projeta o ato violento para o tempo em que se estará em liberdade. Na medida em que no namoro entre mulheres e homens presos no PERG, em regra, não existe contato físico (diferente do que acontece com os sujeitos casados, que se encontram em dia de visita íntima) uma traição dificilmente é punida com o uso da violência, sendo, o término do envio da correspondência (o que corresponde ao fim do namoro), aquilo que melhor traduz a punição dos namorados para a traição das mulheres (veja-se figura 6).

³¹ Para os homens/namorados, a relação da mulher com o marido, não configura, necessariamente, uma traição. É traição, contudo, se a mulher “*fala na grade*” ou troca cartas com outros sujeitos, além do marido e do namorado.

cada pessoa assim como também passar a pena
 mas outros havia que não não mandava cartas
 se pra mim pede pra cara escreve pra ti
 as minhas cartas não vai ter nunca tu
 não muda já tá acreditando em ti quando
 vi esse pra de baixo do toldo fizese coração
 e mandasse escreve disse não precisa das minhas
 cartas pra nada não tá na pura comigo
 já era pra coração lá pra F.B nem fala
 Anais comigo na janela tá legal de
 pessoas falar duas cara vai lá pra patife
 a mim não

não fala mais comigo retirasse no uso
 de tinha te mande até um tiro na perna

Figura 6 – Fragmento de uma carta escrita por um detento a uma detenta.

Os homens casados podem ser violentos, mas, em geral, se sujeitam a viver com a desconfiança, haja vista que as conseqüências de colocar em xeque o comportamento da mulher seriam, para eles, menos vantajoso, por correrem o risco de ficar sem a visita íntima.

4.2 O namoro por cartas e “*catataus*”

O começo de um namoro pode acontecer pela “*janela*”, com a troca de olhares e de gestos, contudo, só se confirma nas cartas. É nas cartas que se negocia o tipo de relacionamento que cada um quer investir (veja-se a figura 7).

No pátio, pode acontecer de “*voar um catatau*”, com algum recado, pedido ou verso. São os homens que se utilizam desse recurso em virtude das galerias masculinas ficarem no alto. As mulheres entregam os seus bilhetes e/ou cartas para algum homem trabalhador que passa pelas galerias femininas e que possa “*fazer a mão*”³² para elas. Essas cartas são entregues nos poucos momentos em que elas podem circular na galeria, fora de suas celas.

³² O mesmo que favor.

Bom Dia
 Você quer se conhecer
 des amigo. Mas eu não defalo
 eu quero uma pessoa que me
 quera de verdade pois eu quero
 uma pessoa que me ame de
 verdade pois eu estou cansado
 de sofrer pois que eu te falto
 esboço que você queira algo,
 amigo pois você sabe que
 eu sempre fui ganho em
 você, mais eu preciso de você
 perto de mim eu não gosto
 de na mais a distancia eu
 quero você bem pertinho
 Você não acha
 Vou finalizando esbaran
 do seu celular me desculpe
 algo
 beijo
 do

Figura 7 – Carta escrita por um detento a uma detenta.

Elas gostam muito de escrever, principalmente, copiar versos/poemas nas cartas e “catataus” que mandam para os presos, por isso folhas e canetas são muito disputadas. Qualquer papel é aproveitado (veja-se a figura 8).

Muitas vezes, os namorados insistem em saber se o sentimento da presa é verdadeiro e referem a intenção de largar das suas mulheres “da rua”, por elas, caso elas se comprometam a ser boas companheiras, o que implica, vir visitá-los e “fazer as caminhadas”, quando estiverem em liberdade.

As mulheres fazem o mesmo, ou seja, dizem que pretendem se separar dos maridos para se relacionar com um homem que lhes apóiem mais (veja-se a figura 9).

Quisera eu ter a aventura de te conhecer para mais de perto te admirar.

Se as cartas falam muito mais um olhar, mundo misto de ternura, carinho e.

Teria o mundo, o sol, a lua, as estrelas e o mar pudesse a sombra de um sorriso teu viver.

Tu penetraste no meu coração, e te condeno pela culpa e mimbra, estando bem tu eu perco o que não li só resta saudade junto a solidão.

AO homem que me ensinou o que realmente o que é o amor, uma pessoa faz

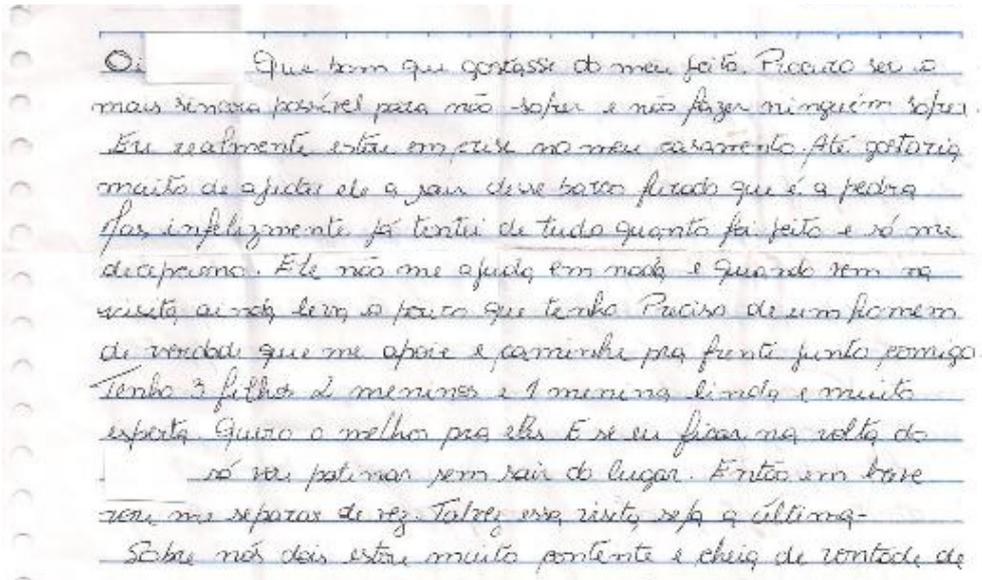
tática que me mostrou como ser feliz.

Meu homem, meu namorado, meu amigo, você realmente faz a diferença. Obrigado por existir e ser tão especial.

Te amo, como jamais amei ninguém, você é especial.

meu sb 25.03.08

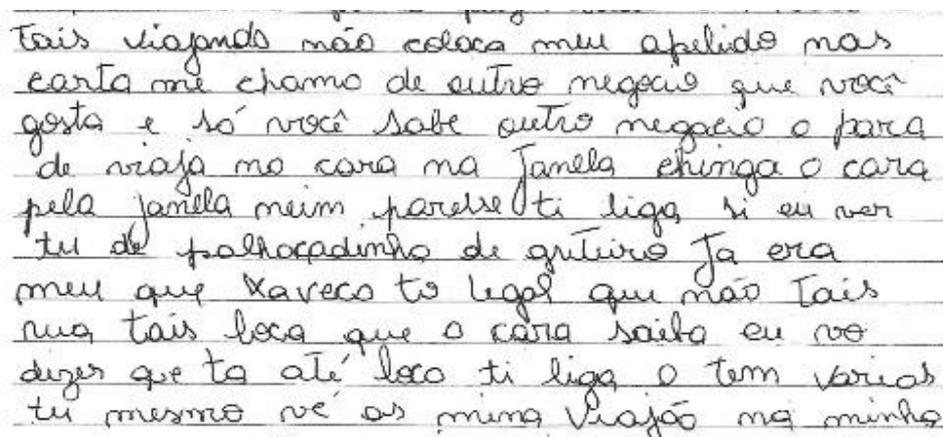
Figura 8 – Carta escrita por uma detenta a um detento.



Oi Que bom que gostasse do meu foto. Preciso ser a
 mais demora possível para não sofrer e não fazer ninguém sofrer.
 Eu realmente estou em crise no meu casamento. Até gostaria
 muito de ajudar ele a sair desse buraco fixado que é a pedra
 das infelizesmente já tentei de tudo quanto foi feito e só me
 decepção. Ele não me ajuda em nada e quando tem na
 vontade de não tem a paciência que tenho. Preciso de um homem
 de verdade que me apoie e caminhar pra frente junto comigo.
 Tenho 3 filhos de meninos e 1 menina linda e muito
 esperta. Quero o melhor pra eles. E se eu ficar na volta do
 só vai piorar sem sair do lugar. Então em breve
 vou me separar de vez. Talvez uma coisa seja a última.
 Sobre nós dois estou muito contente e cheio de vontade de

Figura 9 – Fragmento de uma carta escrita por uma detenta a um detento.

Algumas vezes, as cartas e “catataus” não são identificadas pelos nomes dos remetentes e dos destinatários, justamente, para evitar a descoberta do relacionamento por parte dos maridos das detentas ou das mulheres e/ou namoradas dos detentos que estão presas no PERG (veja-se a figura 10).



Tais viagens não coloca meu apelido mas
 esta me chamo de outro nome que você
 gosta e só você sabe outro nome a para
 de viajar no carro na janela chinga o cara
 pela janela meim parece te liga si eu ver
 tu de falocadinho de griteiro já era
 meu que Xavero tá legal que não Tais
 sua tais loco que o cara sabe eu no
 digis que tá ali loco ti liga o tem varias
 tu mesmo né os minha viagem na minha

Figura 10 – Fragmento de uma carta escrita por um detento a uma detenta.

Por isso, as cartas e os bilhetes que as mulheres recebem dos maridos e/ou namorados são cuidadosamente guardadas. Outras vezes, elas são destruídas para que nenhum desafeto possa entregá-las (veja-se a figura 11).

Cotinha se n'õ for pedir
 muito quando fores man-
 dar as minhas coisas p/ o
 Leo, te peço pra não man-
 dar uma sacola, se não me
 engano azul, q' tem outros
 catatais, a foto do meu ex.
 O resto pode mandar tu-
 do tá, a sacola q' não for,
 põe aí num cantinho pra
 mim, q' quando ~~for~~ a
 Arícia for buscar eu peço
 pra ela pegar.

obrigado

✎ Manda um gran-
 de abraço p/ o Gergo -
 fazendo o favor.
 Se me escreveres novamente
 manda junto a foto.

Figura 11 – Fragmento de uma carta escrita por uma mulher, presa no PERG, para outra mulher, presa no Presídio de Camaquã. A primeira, pede para a sua antiga companheira de cela em Camaquã, entregar seus objetos pessoais para o marido. Observa, contudo, aquilo que não pode ser entregue: os “catatais” que recebera de outros homens.

As mulheres e os namorados, ainda combinam, por carta, de se encontrar, tanto na rua, quanto no próprio presídio. Para marcar um encontro “na rua”, acertam entre si e reivindicam a saída temporária na mesma data (veja a figura 12).

Coloquei bandeira para o dia 28 mas ainda não avisei. Talvez
 já esteja no Natal. É claro que quero marcar contigo e tu enche
 de coisa pra ficar esperto pra continuar com seu Ribeiro. Quando
 chegar mais perto e eu avisar aí tu avisa e agente combina
 melhor tá? Aqui tenho pra te dizer é que te acho todo de bom
 e por esse tempo quem sabe ficamos juntos. Eu também queria
 muito encontrar alguém maduro e de responsabilidade frente
 em ti. Vamos aproveitar o momento e já imaginando como vai
 ser bom estar perto no teu corpo.

Ofício teu. Pensa em mim e me imagina todo teu com
 direito a muito carinho e uma paixão de embuquar.

Figura 12 – Fragmento de uma carta escrita por um detento a uma detenta.

Os encontros com os namorados, no próprio presídio, acontecem, por exemplo, em dias de visitas, quando as mulheres inventam uma desculpa para os maridos ou para outros parentes presos (como para o irmão ou o filho) e deixam de visitá-los, procurando, na verdade, os namorados que “*moram*” em celas da galeria masculina, igual ou diferente, a dos seus maridos e/ou demais parentes. Esses encontros também se oportunizam na cozinha dos agentes (quando mulher e homem trabalham naquele espaço) ou em outros espaços dentro da galeria masculina (veja-se a figura 13).

Os encontros no presídio também podem acontecer na própria cela da mulher, na galeria feminina. Para isso, o homem preso, necessariamente, precisa trabalhar na manutenção do presídio. Quando o chuveiro estraga, por exemplo, são esses homens que realizam o conserto, momento em que aproveitam para ficar junto das mulheres. Assim, aconteceu com De Àguida: “*Eu conheci ele (o namorado) arrumando o meu chuveiro! Sempre tem alguma coisa pra arrumar, sempre tem alguma coisa estragada... (risos)*”.

Na manhã acho melhor nos pararmos de se falar
 por como tu disse não se cria + nada sempre te falei
 que não estava fugindo ~~minha~~ minha cabeça falando
 que ia vir não acredito mais nada do que não
 fala não sei quei se tu quiser eu te pago lá
 embora vamos para a refeitório todo mundo já tá
 ligado e não me apois tem que ficar esperta com
 as linguas não sei de nada em te liga ficar falando
 que nãois embora talvez venha mi ver para de
 menti tem que vir para cá quando o [redacted]
 ficar sozinho ai sim tudo era tem que vir
 mais vezes vamos pararmos com esse papo. tá no parti
 ma colinho que não usa não está bonito quero
 usada não não tá loco pra pode não aguenta
 mais loco pra qora em ti em todo seu corpo
 tá loco ~~para~~ para te morde todoinho mete a lingua
 em varios lugar tá no parti tem que se nunca
 guarda menos movimento te espere no refeitório
 tem que dizer que tá com mal e não deu para
 ir mas no domingo era vou te mostrar o que
 e pode tá loco faz varios mais vejo direto o
 magrao no corredor tá pedindo mesmo tá loco
 pra ti comer todo tu ~~me~~ meim saber no parti se
 e pra mi queima em tá tem que se arrum se
 tu não querem vou para de falar contigo tá certo
 não achar vou mi queima se falamos contigo então
 tenho que tá tá loco tá tri carente e quer me dar
 na minha cara tá certo bicho feroz ti chamo porque
 sei que tu e minha se não, não te chamo acho
 que é eu que sei desse lombo tanto se uma coisa

Figura 13 – Fragmento de uma carta escrita por um detento a uma detenta.

As cartas e “*catataus*” demonstram a reciprocidade implicada pelo relacionamento afetivo sexual. Mantimentos, cigarros, drogas, apoio moral, sexo é o que são trocados entre homens e mulheres.

De outra parte, no tópico seguinte, atenta-se para os relacionamentos homoeróticos. No PERG, as mulheres presas, que se relacionavam sexualmente com outras mulheres, não se reconheciam nas categorias de lésbicas ou homossexuais e nem em quaisquer outras que tomasse como referência a sexualidade.

Por isso, a opção teórica do conceito de relações homoeróticas para pensar os dados coletados se justifica, na medida que essa noção permite contemplar as mulheres que se relacionam sexualmente com outras mulheres independente da sua definição identitária. A este respeito, segundo Nádía Meinerz:

[...] o termo homoerotismo permite a descrição de pluralidade das práticas e desejos que não está comprometida com a pressuposição da existência de uma essência que seja o denominador comum de todos pelas suas inclinações sexuais. Além disso, ao referir-se a uma relação, o termo não permite a configuração de uma forma substantiva que indique identidade, como no caso da homossexualidade que dá origem ao termo homossexual. (MEINERZ, 2007, p. 134).

As mulheres presas no PERG, portanto, lançam mão de táticas de invisibilidade no que tange às suas relações com outras mulheres, o que contrasta com o discurso acadêmico pautado pela promoção dessa visibilidade.

4.3 Os relacionamentos homoeróticos

Na penitenciária somos levadas a sentir prazer sexual sem penetração. Sozinha ou uma com as outras, só com o estímulo do clitóris, quando nos sentimos frustradas, sozinhas. Investimos nesse prazer quando não temos parceiros e para abafar nossa ansiedade sexual. Vivemos com a colega um prazer platônico. Quando vamos nos banhar juntas, nos acariciamos, nos beijamos. Daí em diante é uma lua de mel. Tudo é feito com delicadeza até atingirmos o auge do prazer clitoral. Elevando a nossa auto-estima sem preconceitos, nem barreiras. Mesmo eu não sendo Mari-macho ou lésbica, só sentimos atração momentânea para um prazer platônico espontâneo.
(De Águida)

Quando as mulheres foram questionadas sobre a existência, no PERG, de relações homossexuais, as informações sobre a prática de sexo de mulheres com mulheres, não apareciam. Vida Louca, a este respeito, me dizia que se existisse esse tipo de relacionamento, “*o bagulho era muito esquematizado*”.

No mesmo sentido é o relato de Paula:

Declarado aqui não! Na minha cadeia tem (Camaquã). Tem uma declarada que disse que na rua andava com mulher. Mas dentro da cadeia ela não andô com nenhuma e até se ligô com um cara na cadeia. Quando ela chegou na cadeia ela era igual a um homem, aí ela foi... não sei o que aconteceu... É que ninguém deu bola aí não sei. Ela ligou com um cara. Ela é tri gente fina. Bá! Ela ia pegá a palavra contigo. Ela tinha um caderno dela, que ela puxou FEBEM, sabe? Um caderno dela das minas que ela ficou, que escreviam coisas... Cada um, cada um. Cada um cuida de si.

Durante minha incursão no campo, presenciei uma cena na qual duas mulheres riam e se abraçavam demoradamente, ao mesmo tempo em que uma delas fazia sinais para os homens que se posicionavam nas janelas da galeria masculina. Os gestos informavam que “elas podiam se abraçar, contudo, eles não podiam abraçá-las”.

Aquela provocação não parecia revelar algo que destoasse daquilo que eu observava, ou seja, os jogos de sedução entre homens e mulheres presos.

Do mesmo modo, era comum, por exemplo, as mulheres andarem, de um lado para o outro no pátio, de mãos dadas. Por vezes, essas manifestações geravam comentários que ironizavam a cena, razão pelo qual, algumas mulheres, ao serem abraçadas, se esquivavam, dizendo que gostavam de “*agarramento*” com homem e não com mulher.

Em geral, quando elas falavam sobre o assédio de outras mulheres para com elas, o discurso era no sentido de contar vantagens:

“Uma mulher logo que eu fui presa, nem me lembro nome dela... a mulher toda vez que passava por mim me passava a mão na bunda. Um dia eu fui e disse pra ela assim: Olha aqui, dessa vez vai passa, a próxima vez que tu vim me passar a mão na bunda eu vou te da um soco na boca. Ela não levou fé. Aí eu vinha vindo, aí quando eu passei por ela, ela me passou a mão na bunda e eu juntei ela. Dei! Arranquei o coró da minha mãe todinho assim ô e arranquei-lhe um dente da boca. Ela se encerrou na cela e não falou nada pra ninguém. No outro dia ela foi pro pátio de manhã e eu fui pro pátio também. Quando ela passou pertinho de mim eu botei o pé e ela caiu de boca no chão, aí olhou pra mim e disse assim: Ai, o que tu tais fazendo. E eu: Isso que tu ta vendo. Pronto! Nunca mais!” (Dona Helena)

Quando Marta, muito espalhafatosa, me erguia do chão com um abraço, eu sempre escutava insinuações, por parte de outras detentas, no sentido de que eu deveria me cuidar com os assédios de Marta. Sobre Marta, elas comentavam que a teriam flagrado, inúmeras vezes, em situações na qual ela tocava a própria genitália.

Diziam, a este respeito, para que a própria Marta pudesse ouvir, que ela era relaxada e que suas mãos cheiravam mal.

A princípio, não me dei conta do que estava por trás daquelas “brincadeiras”. Foi De Águida quem me alertou para as trocas de carinho entre as presas.

Assim como Marta, De Águida era reconhecida, por algumas detentas, como uma mulher “suja”. Apesar desse entendimento estar ligado a algumas atitudes de De Águida, como, por exemplo, colocar urina ou resíduos de menstruação no alimento de uma presa, por vingança. O que elas diziam, também estava relacionado com as práticas sexuais de De Águida. Única mulher que referiu se relacionar tanto com homens quanto com mulheres. Sobre De Águida, dona Helena diz o seguinte:

“A De Águida até... Bá! A De Águida dormiu com um cavalo. Não te contaram essa? Ela com um cavalo por R\$ 200,00 e a outra com um cachorro. Uma amiga dela. Uma que tava lá. Nem sei, eu acho que ela subiu em alguma coisa, tu já imaginou? Que horror! Às vezes eu fico pensando, mas como?”

De Águida mostrou alguns poemas que escreveu, bem como, os desenhos que os ilustrava. Na ocasião, ela se referiu a um deles e Tânia, que já havia lido, concordou que era muito bom. Duas mulheres nuas abraçadas é a figura que o ilustra. Segundo De Águida o poema conta a forma como elas se comportam dentro da cela. De Águida não gosta de ler. Então Tânia leu em voz alta. O nome do poema é “O prazer carnal”.

O prazer carnal

*Aqui nesta penitenciária, com a mente excitada,
entrego-me a volúpia, fascinação do gozo, do êxtase sensorial.
A sexualidade se perverte na busca do prazer carnal
num sexo imaginário fenomenal
como os banhos do meu corpo nu.
Minha mente registra o meu coito imaginário,
formal, nesse ambiente penal.
Sinto o meu corpo nadando em meu próprio suor.
Vivo um prazer platônico.
Sinto prazer comigo mesma com toda a minha emoção.
Extravaso, me assumo, me consumo, sem querer explicação.
Sem muito entender.
Só, só querendo sentir prazer carnal, nisso não vejo nenhum mal.
Junto com as outras colegas de cela, com as mesmas necessidades e
desejos insensatos,
desinibido, loucura, trocas de mãos pelo corpo, deslizando carinho,
trocas de beijos alucinantes.
Beijo, troca de prazer dengoso, cheio de energia e magia momentânea.
Prazer completo, sem engano e com detalhes que são e serão só meus.*

*Este proibido prazer carnal real me deu de presente nessa penitenciária
sim.
Sem sentimentos, só prazer carnal.*

De Águida

No Presídio Estadual de Rio Grande, conforme De Águida, existem mulheres que mantêm relações, tanto com homens, como com mulheres, mas não por uma contingência do encarceramento. De Águida contou que o que ocorre dentro do presídio também é o que acontece fora dele. A experiência de se relacionar sexualmente com homens e com mulheres, os toques entre elas são formas complementares de busca por prazer e apoio de “*puxar junto*” a cadeia.

4.4 - A visita³³ íntima

A visita íntima, entendida como uma modalidade de visita³⁴, não recebe, pela Lei de Execução Penal, qualquer menção. É, por essa razão, entendida como uma concessão da administração prisional, reservada ao cônjuge ou companheiro(a) estável, tendo por finalidade o estreitamento das relações conjugais e familiares. A visita íntima é a ocasião em que as(os) presas(os) e os seus(suas) companheiros(as) têm a possibilidade de um encontro privativo, em determinados dias da semana, possibilitador de intercuro sexual.

A visita íntima, contudo, tem suas normas e os seus procedimentos previstos no Regulamento Geral para Ingresso de Visitas e Materiais em Estabelecimentos Prisionais da Superintendência dos Serviços Penitenciários, revisado e atualizado em maio de 2008 (cópia em anexo).

O referido Regulamento tem por finalidade “normatizar”, “orientar” e “padronizar” os procedimentos gerais de visitação de todos os estabelecimentos prisionais do Rio Grande do Sul.

Não obstante, a visita íntima do marido, mulher, companheiro ou companheira, é sempre condicionada as seguintes questões: ao comportamento do

³³ A visita constitui um direito do preso previsto no artigo 40, inciso X e parágrafo único, da Lei 7.210, de 11 de julho de 1984, que institui a Lei de Execução Penal - LEP. É direito incontestável, que se coaduna com um dos objetivos da pena privativa de liberdade³³, a ressocialização, na medida em que serve como elemento de grande influência na manutenção dos laços afetivos.

³⁴ As visitas estão classificadas no Regulamento Geral para Ingresso de Visitas e Materiais em Estabelecimentos Prisionais da Superintendência dos Serviços Penitenciários, nas seguintes modalidades: visitas habituais e visitas íntimas (item 4 do Regulamento).

preso(a), já que a visita pode ser suspensa ou restringida a título de sanção disciplinar (item 20 e 31 do regulamento); à segurança do presídio e às condições da unidade prisional (item 2); à preservação da saúde das pessoas envolvidas (item 11) e; à defesa da família (item 11). Igualmente, são condições para as visitas: que o(a) parceiro(a) seja maior de 18 anos; o credenciamento dos(as) visitantes e; a concordância da(o) presa(o).

É com o argumento da defesa da família que, no Presídio Estadual de Rio Grande, é exigido, para a concessão das visitas íntimas, a comprovação de uma união estável, “de natureza familiar, pública e duradoura, com o objetivo de constituir família”³⁵. A comprovação da união estável, conforme o Regulamento geral para ingresso de visitas e materiais – anexo V, ocorre mediante a apresentação, por parte do(a) companheiro(a), de uma Declaração assinada por duas testemunhas, com o reconhecimento de firmas das assinaturas em cartório.

No PERG, A união estável, ainda que comprovada, deve ser anterior a situação de encarceramento, razão pelo qual não é permitida a visita íntima entre mulheres e homens presos que se conhecem na prisão³⁶. Esta proibição, como será observado no próximo tópico, é justificada pelo administrador e demais funcionários do presídio, na busca pela preservação da saúde das pessoas envolvidas na visita íntima, como, também, na defesa da família.

Não obstante, as detentas possuem autorização para se relacionar sexualmente com os sujeitos com os quais já mantinham relação afetiva-sexual antes da prisão. Nesse caso, ou as mulheres recebem a visita do “*marido*”³⁷ da rua” ou são elas que se dirigem às galerias e celas masculinas para visitar os maridos que, como elas, estão presos. Isso porque, conforme as próprias presas, com esta medida, preserva-se a segurança do presídio.

³⁵ Apesar do Regulamento não obstaculizar que o estabelecimento prisional delibere de forma favorável à concessão de visitas íntimas para casais homossexuais, na medida em que condiciona a visita íntima a preservação da família, assume, ao que parece, uma postura contrária a concessão de visita íntima para casais homossexuais. No período da realização da pesquisa no Presídio Estadual de Rio Grande, não existia nenhum caso de visita íntima entre homossexuais.

³⁶ Dos estabelecimentos prisionais da 5ª Região Penitenciária do Rio Grande do Sul que possuem homens e mulheres em seu interior, o Presídio Estadual de Rio Grande tem a particularidade de ser o único a não permitir a visita íntima entre mulheres e homens presos que não possuíam uma união estável anterior à situação de encarceramento.

³⁷ No Presídio Estadual de Rio Grande, “*marido*” refere-se ao homem que mantém relações sexuais com a mulher, exige exclusividade e a provê, independente de serem eles casados ou não.

Depois de concedida, a instituição não tem ingerência e nem controle sobre como acontece a visita íntima no interior das galerias, cabendo as(os) próprias(os) presas(os) determinarem as condições em que acontece o encontro dos casais.

Os encontros se dão nas próprias celas e toda a organização dos procedimentos fica a cargo das(os) ocupantes. Para os sujeitos que vêm “da rua”, a segurança realiza a revista pessoal e nos pertences, antes da visitação.

No Presídio Estadual de Rio Grande às visitas são organizadas de tal maneira que garante, a(o) presa(o), duas visitas por semana³⁸. Tanto as visitas habituais³⁹, quanto as íntimas, acontecem nas terças-feiras e nos sábados ou nas quartas-feiras e nos domingos – por familiares, presos ou não, que devem confeccionar carteira de visitação.

Sendo assim, caso a mulher receba visitas de pessoas “*da rua*” e tenha marido no presídio, precisa optar por um dos dois tipos de visita. Contudo, no PERG, este impasse é raro, haja vista o pequeno número de visitas que as internas recebem de pessoas “*da rua*”.

Os dias de visitas que acontecem na galeria masculina, igualmente, se alternam a cada semana. Desta forma, enquanto que em duas galerias os homens recebem visitas na terça-feira e no sábado, os homens das outras duas galerias recebem visitas na quarta-feira e no domingo.

As presas se preparam para o dia da visita íntima. Eu acompanho essa movimentação quando elas têm visita no sábado. Elas pintam as unhas e se depilam. Relatam quais as cores dos esmaltes que os maridos mais gostam. Preparam doces, como o pudim de pão, para levar no dia seguinte. Algumas me mostram os conjuntos de calcinha e sutiã. Contam sobre as visitas íntimas mais intensas e mostram qual calcinha estava usando no dia. Suzana é uma das mulheres que afirma fazer “*de tudo*” na cama de modo que têm a certeza de que se o marido lhe deixar por outra, não será porque ela recusou alguma prática sexual.

³⁸ Duas visitas por semana é, justamente, o máximo que o Regulamento garante, conforme o item 2.

³⁹ O ingresso de visitantes, no que se refere às visitas habituais, é limitado ao número máximo de duas pessoas adultas para cada preso em cada dia de visita (ver item 5 e 5.1 do regulamento). Conforme o regulamento, ficam liberados desse limite os filhos do(a) preso(a), desde que menores de 18 anos. Contudo, no PERG, só há um dia no qual é possível receber crianças. Este dia, destinado às visitas de crianças, é o último dia de visita do mês.

4.4.1 - A visita íntima na galeria feminina

No período no qual frequentei o PERG, apenas uma mulher recebia o marido na galeria feminina nos dias de visita íntima. Na circunstância, enquanto a presa “recebe” o companheiro, a outra ocupante da cela permanece do lado de fora, no corredor da galeria.

Contudo, soube de uma situação na qual um homem que, esporadicamente, visitava a mãe na galeria feminina, manteve relações sexuais com uma presa, sem a autorização da casa prisional.

Outro aspecto que me chamou à atenção foi a forma como uma nova regra, no que diz respeito as visitas íntimas, repercutiu entre as presas. O Regulamento Geral para Ingresso de Visitas e Materiais em Estabelecimentos Prisionais da Superintendência dos Serviços Penitenciários, quando de sua revisão e atualização em 2008, instituiu o seguinte regramento:

6. São condições básicas para o ingresso de visitantes:
- 6.4. Não ser egresso do Sistema Penitenciário, nos termos do artigo 26 da LEP, bem como não ter sido recolhido em estabelecimento prisional ou similar nos últimos 12 meses, **exceto para cônjuge ou companheiro(a)**.

Contudo, muitas mulheres presas, cujos companheiros haviam alcançado a liberdade, justificavam, com base nesta regra, a falta de recebimento de visitas.

Não se descarta aqui a possibilidade das presas desconhecerem a regra em sua integralidade, contudo, por certo, é mais alentador ponderar sobre a falta de visitas do companheiro pondo a culpa, não nele, mas em uma norma que o proíbe de realizar tais visitas.

A este respeito, Bruna explica que essa medida foi criada para evitar que a prisão continue sendo uma rotina para quem faz a visita (o companheiro recém liberto), já que “*a pessoa fica praticamente preso igual*”.

Giovana entendeu ter sido a primeira mulher a sofrer as conseqüências dessa medida. Ela estava grávida e o marido, segundo ela, não pôde visitá-la, já que teria sido liberto há menos de um ano.

4.4.2 - A visita íntima na galeria masculina ou “*para seguir a caravana do amor*”.

A visita íntima na galeria masculina acontece numa cela onde pode ter até quatro casais. Dona Vilma, comenta que:

*“Naquele espacinho pequeno, pode tê três, quatro casais. Aí onde tu tá tem um que pode tá conversando, mas aí ligam o rádio bem alto ou a televisão”
[...]*

Vida Louca, a este respeito, conta que: *“É tudo tranqüilo. Ligam o som a todo pau e ninguém escuta nada de ninguém. Ligam o som a todo pau e já era”*.

Não obstante isso, Vida Louca ainda revela a relação que se estabelece entre as mulheres “de dentro” e as mulheres “de fora” do presídio. Quando perguntada sobre como é a relação entre as mulheres que visitam os homens na galeria masculina, Vida Louca afirma que não conversa com as mulheres “*da rua*” e justifica: *“Eu não converso com elas porque elas não conversam com as presa. Elas são muito... elas têm muito preconceito também de preso. É muito preconceito que elas tem na real”*.

De Águida conta que conheceu uma detenta bastante idosa e doente, mas que não deixava de “*subir à galeria*”. Disse que o namorado daquela senhora era bem mais novo e que ela chegava na cela em que “*morava*”, na galeria feminina, *“toda torta, mas com sacola cheia”*. Que muitas vezes ela “*chegava andando de pernas abertas, toda machucada*”. Segundo De Águida, nem era pela comida que ela “*subia à galeria*” masculina, porque ela trazia uma sacola cheia, mas comia muito pouco de modo que acabava distribuindo para as outras presas. Conclui, então, que *“se ela subia era porque gostava mesmo”*.

Para as mulheres presas no PERG, a perda da possibilidade de receber ou fazer visitas ao marido é o pior castigo que podem receber.

Como observou Hassen (1995), a visita íntima é um instituto frágil, um dos primeiros a serem cortados em situação de represália, precisamente por ser tão valorizado e por não ser direito amparado por lei, mas por concessão.

Como elas dizem: “*Ficar na tranca*” por dez dias ou mais, ser transferida para outra penitenciária para “*pagar um castigo*”, ter uma anotação de uma falta disciplinar no prontuário, nada é pior do que a perda da visita.

4.4.3 - A proibição das visitas íntimas: prostituição, gravidez “indesejada” e vírus do HIV

A proibição da visita íntima para os casais que se conhecem na prisão, segundo o Administrador Geral do Presídio Estadual de Rio Grande, se deve ao fato de que no período em que a visita íntima, nestes casos, foi permitida, houve casos de prostituição e diversas trocas de parceiros.

“Mas isso aí é assim... Quem manda. Quem faz as regras dentro da cadeia é o diretor penitenciário, só que o diretor penitenciário não aceita esse tipo de coisa porque já teve uma vez e deu confusão. Porque as gurias... eles dizem que as gurias subiam pra se prostituir” (De Águida).

“É a lei deles, né? Tem uns que são mais bom. Tem uns que são mais ruim” (Giovana).

Suas experiências sexuais são colocadas na ordem do constrangimento e da degradação, o que elimina dessa experiência o que está na ordem do prazer, das escolhas e da liberdade.

O que caracteriza o grupo pesquisado é uma experiência comum por ele vivenciada: as praticas sexuais, envolvendo trocas materiais. O termo “prostituição” parece inadequado frente à forma como as mulheres expressaram as negociações ou “trocas sexuais”.

As mulheres presas, por vezes, reproduzem a explicação de que “a culpa” por ter acabado a possibilidade da “liga” da presa com o preso é das detentas. Sinara, contou que acontecia delas (outras presas) pedirem a “liga” com homens casados, que já recebiam visitas de suas “mulheres da rua”. A solicitação era encaminhada para a secretaria e as agentes “ficavam loucas” quando analisavam o pedido, comparando com os dados dos fichários e bancos de dados com informações sobre os visitantes. Também comentou sobre uma mulher que teve autorização para “subir à galeria” masculina para ver o filho e que aproveitou essa oportunidade para manter relações sexuais com um preso. Com o mesmo tom de desaprovação, completou a frase dizendo que porque as mulheres “ficavam mudando a todo o momento de homem, todas pagaram por uma”.

Ou seja, entre as mulheres, as imagens da prostituição refletem aquilo que é produzido pelo senso comum. As visões oscilaram entre a condenação e a tolerância.

“Elas não tem de onde tirar dinheiro, não tem nada, então, elas querem subir porque é a maneira que elas têm de ganhar dinheiro e se manter aqui dentro.” (De Àguida).

“Faziam carteirinha, liga pra um, mas chegavam lá, elas cobravam dez, quinze reais e ficavam com três, quatro. Mas tem que ver que nem todo mundo faz carteirinha pra se prostituir... pois é, mas aí eles não sabem... eles não colocaram o nome de quem fez, aí todos pagam pelo erro de duas, três... Mas tu vê, a maioria das que querem liga, são a maioria das que fazem... As que querem a liga geralmente é as cabeças” [...] (Giovana)

A constatação de que podem ser consideradas promiscuas, como em regra o são, as inibem de reivindicar as visitas íntimas. Além do mais, percebem que tal reivindicação precisaria da união do grupo, que na verdade, não se solidarizam. Nesse sentido é o argumento de Giovana:

“Eu não sei... é que aqui também... o pessoal aqui... a gente... a feminina não é unida. A feminina é totalmente desunida. Se tu fez uma coisa de errada ali, vão falar lá na frente, mas aí não diz quem é. Aí lá pelas tantas a fulana fez uma coisa de errado, mas aí não vão atrás daquela, vão atrás daquela que fez a coisa errada primeiro. Eu acho que se a gente fosse mais unida, eu acho que até que a gente conseguiria alguma coisa... Lá encima (galerias masculinas) não! Lá encima eles são unidos. É eles que mandam. Lá encima se eles não querem que entrem alguém que chegou da rua, não entra... uns tem que puxar viagem porque não deixam entrar. Se a gente fosse unida a gente podia ter várias coisas... pra galeria mesmo, pra gente mesmo... de repente eles podiam ver que... tão agindo direitinho, tão calminhas, tão serenas, de repente vamos dar uma oportunidade pra elas. Vamos fazer uma ligazinha pra ver como é que fica, mas não!...”

Não obstante, as psicólogas da mesma instituição referiram que a “liga” interna foi suspensa também em virtude dos casos de gravidez “indesejada” e de casos de contaminação de doenças sexualmente transmissíveis. A este respeito, mencionaram, ainda, que tentaram minimizar o problema, realizando palestras/encontros que tratavam sobre a importância do uso de preservativos e sobre as formas como o Vírus do HIV é contraído. Mediante a avaliação das psicólogas, a iniciativa não surtiu efeito, de modo que receberam a determinação de verificar quais mulheres teriam condições de receber a “liga”. Sentindo-se incapacitadas para realizar esse tipo de julgamento, a decisão do presídio foi no sentido de acabar, nesses casos, com tal possibilidade.

Ocorre que por mais que a administração proíba o contato entre as mulheres e os homens presos (assim como a visita íntima, também são proibidos os beijos, as conversas na janela, as trocas de cartas), esse contato existe, assim como também as trocas e acúmulos de namorados.

Vida Louca pergunta sobre Vitória: “*Ela não te contou dos namorados que ela teve antes? Não! É milagre! Milagre que ela não tenha contado sobre os namorados que ela teve antes. Namorou um, namorou dois, namorou três e mais um. Ela teve seis namorado!*”

Algumas têm um namorado em cada galeria masculina e desses homens recebem cartas e/ou “*catataus*”.

Elas não podem usar blusas sem mangas e/ou justas, só lhes sendo permitido o uso de camisetas. Por isso, as mulheres não podem portar, blusas curtas ou transparentes, shorts, bermudas ou saias acima do joelho. Gritos, danças, brincadeiras não são toleradas dependendo da equipe de agentes de plantão no dia.

Desse modo, várias são as proibições que objetivam controlar a sexualidade da mulher. As representações dos agentes penitenciários sobre a sexualidade “do outro” (a mulher presa) são estereotipadas e reforçam situações de desigualdade. Embora os(as) agentes penitenciários(as) sejam provenientes do mesmo grupo social das detentas (moram no mesmo bairro, etc.), é possível inferir que tomam uma postura e discurso diferenciado como contraste, na tentativa de se distinguirem.

Na percepção de determinadas agentes penitenciárias, as apenadas são insaciáveis, incontrolláveis e é nesse sentido que elas procuram vigiá-las. Nesse sentido, Dona Vilma comenta:

[...] uma guria vai querê um namorado ou coisa assim. Até mesmo sentá e conversá, mas nem isso. Nem na janela pode. Aqui é tudo fechadinho, tudo trancadinho. Não pode. Olhou pra lá, conversou, eles já tiram daqui e já carregam pro outro lado [...].

Vitória, que planejava casar com o namorado que conheceu no PERG, chegou a ser castigada por beijá-lo.

[...] imagina! Uma noiva não pode nem chega na grade prá da um beijo... Eu nunca tinha beijado ele, né?! Foi a primeira vez! Mas valeu a pena, né? Não tô nem aí! Foi no começo do namoro isso. No começo quando a gente começou a pensar em ficá junto. Aí eu cheguei perto da grade assim e o guarda deixou porque eu pedi pra falar com ele, né? Aí eu chamei ele pra dar um beijinho nele, né? Daqui a pouco veio ela (agente mulher) botando a boca! Eu fiquei de cara! Me botou dez dias de castigo e mais trinta... Peguei falta grave. Falta grave por causa de um beijo. Aí depois me deram um PAD! Olha só! Um PAD é falta gravíssima! Por causa que eu fui falar com ele no pátio... Me deu um PAD porque eu falei com ele no pátio gritando. Mas quer que eu faça o quê? Não posso mandá uma carta porque vocês não deixam, não posso falá com ele no pátio porque vocês não deixam. E aí, como é que eu vou ficá? Como é que eu vou falá com ele? Como é que eu vou entrá em contado com ele? Não tem como! Uma carta pelo menos tu não pode mandar pra teu marido, teu noivo, teu namorado, sei lá o quê. Isso

aí não pode. Isso aí tá errado. Se eu tivesse com quem reclamá eu ia sê a primeira a reclamá e não ia ser só eu, ia ter um monte aí.

No PERG, existe a prática da realização de casamentos entre casais que se conhecem na prisão, para que possam obter o direito da visita íntima. Somente oficializando o casamento é possível que a mulher solteira adquira o direito à “*liga*” e, assim, possa seguir “*a caravana do amor*” que para as mulheres presas no PERG, significa ir ao encontro do marido, assim como outras mulheres “de fora” do presídio. Vitória é quem explica o significado dessa expressão:

A caravana do amor. Vamos pra caravana do amor! Porque é uma fila, né? Uma galera de mulher subindo. As gurias disseram que tão louca pra ver a minha cara quando eu descê. E elas começam assim: E se não funcionar? Como é que tu vai subi sem testar antes? Ah! Se não funcionar ele apanha. Eu bato, mas eu cuido depois.

4.5 - O Casamento

O casamento, para as camadas médias, costuma ser um ritual fortemente coreografado e insuflado por uma indústria centrada em inculcar desejos de uma gama de objetos e atividades específicas que buscam proporcionar o “dia perfeito”.

De outra parte, em grupos populares, por ser o modelo familiar diferente do das camadas médias, não realizar a cerimônia do casamento, ou realizá-lo, muitas vezes, no final do ciclo doméstico, demonstra claramente que há uma escala de prioridades diferenciada (FONSECA, 2000). Essa situação facilita a compreensão sobre o motivo pelo qual o casamento, para as mulheres presas, não é uma cerimônia desejada, mas o simples cumprimento de um requisito, capaz de fazê-las receber, por parte da casa prisional, a autorização para as visitas íntimas.

Boa parte dos agentes penitenciários não aprova a realização de casamentos na cadeia, por julgarem que os casamentos que acontecem por lá são “*sem amor, só para transar*”.

Conforme um agente penitenciário: “*Sou contra esse tipo de casamento feito na cadeia. Acho horrível. Elas só pensam em sexo. Não tem sentido nenhum porque nem se conhecem*”.

De outra parte, para as mulheres presas, assim como observa De Àguida, a prática do casamento na prisão significa “*um alívio para o espírito porque a pessoa fica com mais força pra puxar cadeia*”.

Contudo, também percebem, assim como demonstra Vida Louca, que é “bobagem deles (a instituição) fazer o cara se casar porque podiam muito bem liberar a liga, né? Não é nada, não é nada, é um dinheiro que o cara gasta. Podendo gastar com tanta coisa tem que gastar com casamento”.

Vida Louca conheceu o marido por carta e como não teve oportunidade de “liga”, sentiu-se “obrigada a casar” depois de seis meses de namoro. A mãe do noivo foi quem se responsabilizou pela burocracia, fazendo toda a “correria”. Sobre a realização do casamento, contou que:

[...] simplezinha, mas pra mim foi bom, né? Veio a família dele de testemunha. Só a família dele porque da minha família não veio ninguém. Foi bom. Eu gostei. Foi às dez horas da manhã. Em vinte minutos nos casamos. Estava a família dele, a minha sogra e as guardas. Algemada ainda. Não precisava isso, mas fazer o quê? Não precisava ser algemado porque é demais porque foi aqui na frente, na portaria. Algemado. Bá! A minha sogra pediu para deixarem ela bater uma foto, mas não deixaram.

Para ela, não foi fácil participar da cerimônia, motivo pelo qual justificou a maneira como casou: “Eu fumei um, eu fumei outra, eu fumei outra. Eu sei que no fim ele tava algemado, me olhou e disse: Vai casá chapada? Eu disse: Pára! Tu acha que eu ia casá de cara!”

No entanto, apesar das adversidades, Janice não se arrepende de ter casado. Sua única reclamação é que as visitas são poucas, assim, no resto do tempo o namoro é só por janela.

Do mesmo modo, Mirela conta como ela e o namorado decidiram casar:

Vai fazer onze meses que a gente tá junto. A gente tá desde março do ano passado tentando casá. A gente queria fazer liga, mas aí a gente assinou uns papéis pro advogado, aí o advogado veio aí e aí a juíza aceitou, mas a casa não aceitou. A casa acaba negando, não adianta. Aí a gente teve que pegar e fazer tudo na moita, pedi certidão, aquela coisa toda. Nós fomos os primeiros a inventar essa história de casamento... mas aí a Karina conheceu o Bernardo também, aí ele... a gente tava brigado... aí se adiantaram e foi lá pedir para fazerem a mão e aí tá, conseguiram casar. Aí depois ele viu que o negócio tava ficando sério mesmo, né? Aí eu disse pra ele que pra fica junto mesmo tinha que casar porque o advogado falou que não adiantava. Aí ele começou a dizer que me amava, esta coisa toda, pro pai. Aí ele pegou e pediu pro pai dele fazer... Eu não acreditei, né? Quando eu cheguei aqui, um dia me chamaram aqui na frente, e aí o pai dele assim: O Mirela, eu vim pegar a tua certidão, falar com diretor daí, né? Pra fazer os papel pra vocês casar. Tu é a namorada do meu filho. E eu: Ah! Tá! Não caía a ficha, né? Aí ele pegou os documento certinho, a certidão, os meus documento, a autorização, tudo. Ai não demorou nem uma semana e veio o cartório. Lá foi eu assiná o bagulho apavorada.

Mirela tem vontade de voltar para a cidade onde mora a sua família de origem e seus filhos. Ela pensa em pedir transferência para o presídio de Santa Vitória para ficar mais perto da família, e conta que só não pediu porque os *papéis correm mais rápido* em Rio Grande. A este respeito, Mirela conta que:

Aí eu fui dizê que não queria mais, que queria cancelá tudo. Ah! Porque ele é muito loco, né? Quando eu comecei a trabalhá na cozinha, gurria! Tu não tem noção de quanto ele me enlouqueceu a cabeça. Até hoje ele me enlouquece... A minha família nem sabe, né? Nem sei o que eu vou fazê. Eles vêm duas vezes no ano. Vão vir agora no dia vinte e seis de janeiro, no dia da visita das crianças... a gurria tem seis e o guri tem quatro (filhos). A coisa mais linda!...

Foi assim que Mirela, no dia anterior à data marcada para a realização do casamento, desistiu de realizá-lo. No entanto, chegou a planejar como seria o casamento, dizendo:

Eu vou me arrumá normal. Uma roupa normal que a gente bota. Não sei como é que é. Vou botar batom, lápis, uma coisa assim. Mas eu vou está trabalhando no dia, gurria! Que horror gurria! Imagina! Não! A gente não pode se arrumá muito aqui, né? É camiseta, uma blusa, uma coisa assim que a gente pode. É, eu quero ver se eu boto uma baby-look, uma blusinha mais curtinha. Arrumadinha, o quê? Eu tenho direito de me arrumar. A... (agente penitenciária) disse: Vou comprar uma calcinha bem puta para a... Ela vai ver, disse ela. Que micão vai me fazer pagar! Deus me livre! Não sei como é que eu vou fazer. Vai saber se tem que falar palavrinhas na hora de enfiar a aliança no dedo. Aí pelo amor de Deus! Não faz isso comigo! Imagina! Todos os agentes ali, rindo, debochando! Eu morro de vergonha! Apavorada! Eu disse pra ele que eu vou matar ele se ele falá bobagem. Que ele é todo cheio de coisinha, né? [...]

O impasse de Mirela, sobre se deveria ou não casar, gerou muitas controvérsias. Dona Vilma, a este respeito, entendeu que:

[...] tem que casá! Já pensou ir no cartório, encaminhar tudo e chegá na hora não querer casamento? Ah! Não! Tem que casá! É vergonha pra mãe dele que encaminhou tudo, né? Pô! Fazer uma pessoa já de idade encaminhar tudo e chegá na hora e dizer um não. Isso aqui não é na rua que tu diz não e pronto. Vira as costas e sai caminhando. Aqui não.

Neste capítulo, observa-se o quanto a instituição busca disciplinar a sexualidade da mulher, na medida em que apresenta a impossibilidade da visita íntima da presa com o preso como uma das regras que restringe o contato afetivo-sexual, sobretudo para as mulheres. Igualmente, aponta a omissão da lei no tocante as relações homossexuais, bem como a total negação de práticas sexuais homoeróticas por parte do estabelecimento penitenciário.

As detentas assumem um discurso semelhante ao dos agentes penitenciários, no entanto, elas mesmas “*ficam com um, depois ficam com outro, depois voltam a falar com aquele um*”, num modo particular de namoro que está ligado a uma sociabilidade, cuja expressão dos afetos se dá num presídio que comporta homens e mulheres no seu interior, no qual as mulheres são minoria. O acúmulo ou as trocas de namorado, ora são condenadas, por ferir a imagem da mulher, ora são incentivadas, quando se vislumbra uma traição ou quando os namorados e/ ou maridos são reconhecidos pela pouca capacidade de “*garantir*” / prover a mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Presas têm olhos e ouvidos apurados. Olhos para enxergar seus namorados e/ou maridos nas janelas gradeadas da galeria masculina e ouvidos para ouvi-los chamar por assobios.

As mais jovens, são rápidas, ao escalarem nas camas construídas em cimento (o “*jumbo*”) e nos tanques, que além do uso para a lavagem de louças e roupas, serve para subir e alcançar as mãos e o rosto na janela da cela. As mulheres com mais idade, dormem nas camas de baixo, as mais jovens, nas camas de cima.

É privilegiadamente pela janela que elas se comunicam com os homens que “moram” nas celas da galeria masculina, localizada ao lado da galeria feminina A. Mas, também, serve para a comunicação com outras mulheres, quando se está na “*tranca*” e não se pode ir ao pátio, localizado ao lado da galeria feminina B.

Têm, também, habilidades manuais reveladas no manejo das cordas e chinelos de dedo, quando realizam trocas de objetos com os detentos, pelo “*papagaio*”.

Há períodos em que a administração e os agentes penitenciários do PERG parecem não saber sobre a realização dos “*papagaios*”, como também, do uso de entorpecentes nas galerias femininas. Contudo, outras vezes, “*batidas*” são realizadas e nestas, dentre outras coisas, as cordas são confiscadas. Mas, o que impressiona é que dependendo de quem realiza as “*batidas*”, as cartas e “*catataus*” que as mulheres recebem dos detentos, também são apreendidas.

Assim é a vida no presídio. Além da perda da liberdade, é proibido trocar objetos e afetos entre homens e mulheres, conforme uma política penitenciária heteronormativa.

Muitas são as privações por que passam homens e mulheres presos, contudo, algumas privações são maiores, entre os homens, outras entre as mulheres. No que diz respeito as mulheres, a fratura dos laços consanguíneos é sentida de forma mais aguda ao “*puxarem*” a cadeia “sozinhas”.

O abandono do marido, quando este não é preso junto com a mulher, parece não surpreender. “*Homem não tem sangue para puxar cadeia com mulher. Mulher é que tem sangue de puxar com homem*” [...] (*Vida Louca*).

Na representação de mulheres de grupos populares, é da natureza do homem ser vulnerável às más influências e não conseguir sobreviver muito tempo sem ter uma mulher (KNAUTH, 1988). Por isso, com eles, não é freqüente o abandono da família.

Daí a importância das parcerias afetivas para “*puxar junto a cadeia*”. A busca pela conquista e manutenção dos afetos, engendradas em um presídio que comportam mulheres e homens presos, apontam para isso.

Na prisão, práticas e valores como os do namoro, do casamento, do exercício da sexualidade, da família, não são perdidos quando da passagem para a situação do encarceramento. Contudo, são redimensionados. A distinção “dentro” e “fora” que pauta a perspectiva destas mulheres não reproduz somente rupturas, inversões, mas para as continuidades com o universo de grupos populares. O princípio da reciprocidade é a lógica que orienta as relações sociais das mulheres.

REFERÊNCIAS

BOFF, Adriane. **O Namoro está no ar... Na onda do outro:** um olhar sobre os afetos em grupos populares. Santa Cruz do Sul; Edunisc, 1988.

BOURDIEU, P. O Sentimento da Honra na Sociedade Cabília. In: PERISTIANY, J. G. **Honra e Vergonha:** valores das sociedades mediterrânicas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenhian, 1971.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRIGADA Militar ocupa Presídio. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 63, 26 de julho de 2008.

BRITES, Jurema. **Afeto, desigualdade e rebeldia:** bastidores do serviço doméstico. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

BRITO, Mirella Alves de. **O caldo na panela de pressão:** Um olhar etnográfico sobre o presídio para mulheres em Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

BRUMANA, Fernando Giobellina. **Antropologia dos sentidos:** introdução às idéias de Marcel Mauss. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BUGLIONE, Samantha. O Dividir da Execução Penal: Olhando Mulheres, Olhando Diferenças. In: CARVALHO, Salo de (org.) **Crítica à Execução Penal** – Doutrina,

Jurisprudência e Projetos Legislativos. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2002, p. 123-144.

CHIES, L. A. B. O presídio enquanto instituição organizacional: características e conflitos. *In*: CHIES, Luiz Antônio Bogo. **Execução Penal crítica: tópicos preliminares**. Pelotas: Educat, 1999, p.55-88.

CHIES, Luiz Antônio Bogo. BARROS, Ana Luisa Xavier. LOPES, Carmen Lúcia Alves da Silva. OLIVEIRA, Sinara Franke de. **A prisionalização do Agente Penitenciário: um estudo sobre encarcerados sem pena**. Pelotas: Educat, 2001.

CHIES, L. A. B.; PAZ, S. R.; RODRIGUES, F. L.; LOPES, C.; BARROS, A. L.; CORRÊA, A.; CZERWINSKI, E. S.; OLIVEIRA, S. **As Saídas Temporárias na Execução Penal: ambigüidades e possibilidades**. Revista do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, V.1, p.133-149, 2006.

CHIES, L. A. B.; et. al. **A prisão dentro da prisão: uma visão sobre o encarceramento feminino na 5ª Região Penitenciária do Rio Grande do Sul**. No Prelo, 2008.

CHIES, L. A. B.; et. al. **“25 minutos e a perversidade aparece: uma experiência de ‘vivências carcerárias’”**. No Prelo, 2008.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUARTE, Luís Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

ESPINOZA, Olga. **A mulher encarcerada em face do poder punitivo**. São Paulo: IBCCrim, 2004./ 2003 – Dissertação de mestrado.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". In: **Cadernos de Campo**. Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia social da USP. SP: USP, FFLCH, nº 13, ano 14, 2005.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRS, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber** (Ditos e escritos IV). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre manipulação da identidade deteriorada. 4 ed.; Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Da visita íntima na prisão**: a corporalidade negociada. In: Ondina Fachel Leal. (Org.). *Corpo e significado*. 1 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995, v. 1, p. 267-294.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **O trabalho e os dias**: enfoque antropológico sobre trabalho e prisão. *Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias*. Pelotas, v. 1, n. 1, p. 61-72, 2002.

LEMGRUBER, Julita. **Cemitério dos vivos**: análise sociológica de uma prisão de mulheres. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução-tema, método e objetivo desta pesquisa. In: **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril, 1984.

MEINERZ, Nádia Elisa. **Um olhar sexual na investigação etnográfica**: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: Entre saias justas e jogos de cintura. BONETTI, Aline; FLEISCHER, Soraya (Org.). Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 1998.

PERISTIANY, J. G. **Honra, vergonha e amigos**. In: PERISTIANY, J.G. (org.) Honra e vergonha: Valores das Sociedades Mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenhian, 1971.

PERISTIANY, J. G. **Honra e vergonha numa aldeia cipriota de montanha**. In: PERISTIANY, J.G. (Org.) Honra e vergonha: Valores das Sociedades Mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenhian, 1971.

PITT-RIVERS, J. **“Honra e Posição Social”**. In: PERISTIANY, J. G. (org.) Honra e Vergonha: Valores das sociedades Mediterrâneas. Lisboa: fundação Calouste Gulbenhian, 1971.

PITT-RIVERS, J. **A doença da honra**. In: CZECHOWSKY, N. (org.) A honra: Imagem de si ou o dom de si – um ideal (?). Porto Alegre: L&PM, 1992.

PRADO, Antônio Carlos. **Cela forte mulher**. São Paulo: Labortexto editorial, 2003.

RIO GRANDE DO SUL. **Portaria nº 012/2008 – SUSEPE** de 29 de maio de 2008. Regula o ingresso de visitas e materiais em Estabelecimentos Prisionais da Superintendência dos Serviços Penitenciários.

SANTOS, Simone Ritta dos. **Mulher de preso, mulher de respeito**: uma etnografia sobre as relações entre as mulheres e seus homens presos no sistema prisional do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SOARES, Bárbara Musumeci; ILGENFRITZ, Iara. **Prisioneiras**: vida e violência atrás das grades. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. "A Honra de Acari". In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos. **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 2000.

WOLFF, Maria Palma (coord.). **Mulheres e prisão**: a experiência do Observatório de Direitos Humanos da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Dom Quixote: Porto Alegre, 2007.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZIMBARDO, Philip G.. **El experimento de la Cárcel de Stanford**: Un estudio de simulación de la psicología del encarcelamiento llevada a cabo en la Universidad de Stanford. Disponível em <http://www.prisonexp.org/spanish/indexs.htm>, acessado em 20 de janeiro de 2008.

APÊNDICE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

O projeto de pesquisa “*A Caravana do Amor*”: Um estudo sobre sexualidade, afetos e reciprocidades em um estabelecimento prisional misto, Rio Grande/RS, está sendo desenvolvido pela mestranda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, Sabrina Rosa Paz. A referida pesquisa está sendo realizada no Presídio Estadual de Rio Grande e seu objetivo é conhecer alguns aspectos do cotidiano das mulheres que estão nesta instituição, tais como: Como são os relacionamentos afetivos das mulheres presas em um estabelecimento prisional misto? Que estratégias são criadas para manter e/ou conquistar afetos numa instituição que restringe o contato entre homens e mulheres? Como e qual é a importância do namoro, do casamento e da visita íntima?

Para garantir as informações dadas na entrevista, solicitamos a sua autorização para o uso do gravador.

Informamos que toda e qualquer informação obtida durante a realização da pesquisa será utilizada de forma a proteger sua identidade. Informamos, ainda, que aceitar participar não lhe trará quaisquer benefícios ou malefícios, principalmente, no que diz respeito à execução de sua pena. Os resultados do estudo serão divulgados na dissertação de mestrado, bem como serão apresentados às mulheres que se achem presas no Presídio Estadual de Rio Grande no período. Serão convidados para assistir à apresentação a juíza de Execução Penal da Comarca de Rio Grande, a administração do presídio e seus agentes penitenciários.

Declaração de consentimento:

Recebi as explicações sobre o estudo registradas neste Termo de Consentimento. Tive oportunidade de esclarecer minhas dúvidas, sendo que todas as minhas perguntas foram respondidas claramente. Compreendo a finalidade da pesquisa e seus procedimentos.

Nome:

Assinatura:

ANEXOS

ANEXO A – Cartas e “catataus”

* Beirgaie Você Fria Bem
 Pra Mim
 Se For Assim Quero Mais
 Ti Conhecer Foi Casual
 Eu estava tão mal
 E Você trouxe Praiz...
 Se Você disse que é Viagem Minha.
 Que eu perei, que é empogação, que
 eu vou me cansar...
 Foi obrigada a ti provar que
 por você me apaixonar...
 Dessa vez me encantei
 O teu corpo no meu calza
 Eropião
 Sua boca na minha disporta
 O teste
 Com você de zabato e morreo
 de ri
 Como é bom ti ter aqui... *
 " eu te amo "

Milhões De Beijos Da
Pessoa Que Te Ama D+.

Ass: [REDACTED]

OBS: SABIA QUE VOCÊ
É A PESSOA MAIS ESPECIAL
QUE APARECEU EM MINHA
VIDA!!

MINHA NEGA!!!

GATA

OI MEU AMOR PORQUÊ EU SOSTO
DE VÔ D+ OLHA ONTEM EU NÔO
FUI NA JANELA PORQUÊ EU NÔO
AGUENTAVA PARAR ENTE POIS
NÔO DORMI TODA NOITE! BON PAIXO
VÔ PRIMEIRO TAIS TÔO LINDA!
EU NÔO AGUENTO MAIS VER VÔ
QUE JONTADE DE TE BEIJAR
COISA BÔA E TU!!! SEMPRE VOU
ESTAR CON TIÇO LINDA TIAMO
TA! DETARDE EU MANDO ALGO
POIS TATA! DIFICIL MAIS JÁ VAI
MELHORA TIAMO MUITO MESMO BEIJO
MIL

A. Bandido

A minha bandida to loco para falar em ti só Parti
 Du-mi no chão para mim te ver todinha peladinha quero
 ver você, tenho que deixar as cartas aqui na cela
 não sei se viajo ou não mas as vezes não
 escrevo porque acho que tou de
 chaxo aí em baixo tu diz que não mas
 se tu tiver tu e cara de Pau váme para
 com esse papel tem que para com esse teu
 quiseiro que tu faz aí chamando atenção vo
 ti leva para a casa que tenho ali na
 colHob II pena que tu não sabe se não manda
 na tu entrega uma carta na minha uma
 vê se essa bandida não vai deixar se enloquece
 tem que te enloquece quando eu tiver contigo
 não te deixa bem louquinha, quando me deixasse
 levo na janela levo pra aviação a janela quero
 ter de todos os furos de frente de quatro de
 forma aberta quero ter de todos os furos
 por que não vou viver sete dias não ficar
 com saudade não da para falar contigo
 direito não posso deixar ninguém entrar em
 outra Alemanha não posso trana mas
 teu apino de oi la pro parvêto II to
 pensando ainda tu só mi conta história
 tinha falado que tinha contado a carteira conta
 se poria nenhuma, faz uma mão pra mim
 la no fero pra mim vê se ja chegou a

minha conduta, né pra mim te ligo para te
 encontra lá vou de dar um bamba de
 língua te direi bem louquinha ligo para
 te morde Tedinho te chama de rotada ma
 coma so meu para so pra comer e
 procto pra coma de novo vou para de falar
 nisso, se tu fazer a mão no fora temo que
 me ligo 12:00 até 13:00 só Parti temo só
 tu pra fazer essas mão não trevo bandido
 temo só tu e de noite me ligo da 00:00 à
 01:00 quero muito tua voz de pulinho no parti
 meu Treinho e né colá a da [redacted] diz pra
 ela se ligo não fazer babage, já né a mão
 do meu casaco né se ela vendeu disforça mão
 agredido que ela fumo o casaco, acho que
 agora falta pouco pra nos se come quando
 eu quero bandido

Vou ficando por aqui com meus sonhos
 ligo que temo contigo, me acendo na madrugada
 duro todo girado tu chupado minha feta
 eu te comendo de quatro quando nos
 bandido

Um beijo lá de língua te ligo
 pra te direi todo molhadinho

Beijo A calinha Vermelha
 Handa Retorno

AI MINHA TENIAÇÃO ESTOU LOUCO
 E SAUDADES TUA QUARTA VOU TI MANDA A
 MOEDA QUE TAIS PRESSIZANDO O LEBOLA NAO
 ME DEU NADA E VOU TI MANDA AQUELA MOED
 DE FUTURO VOU MANDA PELA CRIS AI APOIA
 ELA TEA MO DI DE VERDADE NA BOA VOCE
 E DIMAIS MINHA PAIXÃO E TO LOUCO DE SAUDA
 DES DE FAZER UMS LARINHOS EM TI MEU AMOR
 TO DI PAULCO TO ABAHA DO PISSICOLOGICA
 MENTE MAIS TO FIRMÃO NAO TENHO
 NEM PALAVRAS TUDO QUE TENHO É VOCE
 E NOSSO FILHO QUE VAI VIM PARA EU BOLAR
 NAO VIABA NA MINHA QUEM TEM 2 NAO TEM
 NEM UMA E VOU CORRE POR NOIS TRES E NOIS
 ENUNCA C ESQUESSENDO DA MIMI OS DOIS
 TINHOZO. A CONPREI 3 CAIXA DE BISS E 1 BARRA
 D' CHOCOLATE HA MAIS VOU ME ESQUESSA
 DA MULHER QUE EU AMA TU NAO ACREDITA
 CAI NATUA A VERDADE FALEI COM A MANA E ELA
 FALOU QUE IA ELA E O PAI LA PEGA A MIM
 NA SANTA DO MEIO DIA TI MANDO RETORNO
 MANDO DIRETO CATATAU MAIS NAO CHEGA NAMA
 TA 1 POLEMICA VARIOS NAO FAIS AS MÃO
 PEGO POR PEGA E NAO ENTREGA BASGO MAIS TA
 NORMAU NA QUELAS ALGUEM VAI PAGA POR ISSO
 O BARATO E LOUCO ED PROCESSO E LENTO TUDO TEM
 SEU TEMPO PODE ACREDITA MA TI FALEI QUE VOU
 FAZER IZAME PRA COMISSIONAT ESSES 10 DIA
 PARESE 1 ETERNIDADE NAO PASSA NUMCA
 VOU TI MANDA MATERIAL IGÊNICO E MANDA
 RETORNO PRA DIZER O QUE K TA PEGANDO
 VO PEDIR PRO COROA COMPRA 1 SOM
 PRA TI VO PEDI 1 FOTO MINHA PRA TI TALINTE

1/1
 Ai 100% v. da loca
 cara de Pau porque como sempre cobocinha se
 de lata quem te dá uma essa palharada se ab
 carta, foto ta tudo na casa da minha Tiã
 enuni para tu voltar nézes não enuni mais
 Porque a casa se Tranco, cara de Pau é tu
 fiquei 4 meses no externo é tu ja táas falando
 com todo mundo ta loco, táis viajando foto meu pp
 mesmo nas carta e tu mesmo também táis
 viajando mesmo tiligo não fica te envolvendo
 nesse lado te cuido ta loco porre os sete dias
 de loqueira meim te apresenta bauta curtiada
 dei variad banda dese 4 meses que fiquei
 no externo dei 3 banda Assim não, julgo
 quando jeguei me tranca assim nesse loqueira
 não tiqers mas não sei coli quando te vejo
 fico de Pau duro ma hora to indo me
 embora fiz meu escame da condicional
 apre que spato esse de [] famero quero
 saber o Porque
 to dicana contigo so vou te escreve essa
 carta e não precisa manda o meu presente
 fica ai de festinha com a galera Tudo
 normal como tu me falava não eis
 carada e contigo eu que sou cara de
 Pau vai a mente sempre quem Tranco
 e tu. to louco para ti comer de todo
 feito tu mem sabe Há ja ia me esquecerdo
 diz pra [] quando eu ir embora se ella

Tiver na sua casa em minha casa dela
 vou ficando por aqui fica ai
 de festinha com a galera de bairro depois
 eu que sou casa de e Papela mamãe do ab
 te apronseta que tem que se comporta
 e tu eu não falo ~~com~~ com ninguém
 Por que não quero já recebi umas cartas
 daí mas não tinha mamãe não sei por
 quem é

1 1
 O Que bom que gostasse do meu feio. Preciso ser o
 mais simpático possível para não sofrer e não fazer ninguém sofrer.
 Eu realmente estou em fase no meu casamento. Já gostaria
 muito de ajuda ele e já deu basee ficou que é a pedra
 das infelizesmente já tentei de tudo quanto foi feito e só me
 desapenar. Ele não me ajuda em nada e quando vem na
 visita de vez em quando que temo. Preciso de um homem
 de verdade que me apoie e caminha pra frente junto comigo.
 Tenho 3 filhos 2 meninas e 1 menino linda e muito
 esperto. Quero o melhor pra eles. E se eu ficar na volta do
 só vai patinar sem sair do lugar. Então em breve
 vou me separar de vez. Talvez em vinte dias a última
 sobre nós dois estou muito contente e cheio de vontade de

justia um momento só isso.

Coloquei bandeira para o dia 21 mas ai não, não avisei. Talvez
já tenha me falado. É claro que quero marcar contigo e te fazer
de beijar já ficou esperto pra poder ir com seu Ribeiro. Quando
chegar mais perto e eu avisei na ai te avisei e agente pode ser
melhor tá? Aqui tenho pra te dizer é que te acho todo de bom
e por o tempo quem sabe ficamos juntos. Eu também queria
muito encontrar alguém maduro e de responsabilidade frente
em ti. Vamos pulando o momento e já imaginando como vai
ser bom com você ao teu lado.

of the top. Bata em mim e me imagine todo teu com
divulga a muito pouco e um pouco de embuagem.

DATA / /

DATA / /

Na maral acho melhor nos pararmos de se falar
 por como tu disse não se cria e nada sempre te falei
 que você estava pegando ~~minha~~ minha cabeça falando
 que ia vir não acredito mais nada do que você
 fala não sei queri se tu quiser eu te pago lá
 embora vamos para a refeição todo mundo já tá
 ligado e não me apav tens que ficar esperta com
 as linguas não sei de nada em te liga ficar falando
 que nãois embora talvez venha mi ver para de
 minti tens que vir para cá quando o []
 ficar sozinho aí sim tudo era tens que vir
 mais vezes vamos pararmos com esse papo. tu só parti
 na colônia que você usa não está bomitiza quero
 usada não nova tá loco pra pode não aguenta
 mais loco pra gente em tá em todo seu corpo
 tá loco ~~para~~ para te morde Tadinho mete a lingua
 em varios lugar tá só parti tens que se numa
 quarta menos movimento te espere me refecturas
 tens que dizer que Tavar mal e não deu para
 ir mar no domingo era vou tá molto o que
 e fude tá loco para varios não vejo direto o
 magrao no consider tá pedindo mesmo tá loco
 pra tá comer toda tu ~~me~~ meim saber no parti se
 e pra mi queima em tá tens que ser assim se
 tu não querir vou para de falar contigo tá certo
 não achar vou mi queima se falando contigo então
 tenho que Tava tá loco tá tri corante e quero me dor
 na minha cara tá certo bicho feroz ti chamus porque
 sei que tu e minha se não não ti chamus acho
 que é eu que sei desse lombo tenho se uma coisa

DATA / /

DATA / /

pra te dizer to loco pra te comer em vezão
 tens que me mostra di vez em quando a marquinha
 da calvinha quando tu tiver no palio só te liga
 se no palio da feminina tens que esticar uma
 cordinha e botar um lençol na frente so pra
 minha mãe gente daquele sala três azul que tu
 táva ficava lá gata puta merda se for a
 a do refeitório tens que explica pra mim
 que sabe ai contigo ai no A sua que ela
 não conta pra casa dela se tu digir que
 não na fala mais contigo variad me exereção
 e nunca exere, desculpa mais meus pensamentos são
 só esse to loco pra te dar com o pau na tua cara
 bota ele na tua boca não vai me machuca
 tenho que te mandar o me frati tens que
 grave ele pra quando tu for embora liga
 pra mim se tu for embora é entra dentro
 da pedra meim me liga láis tri gata bonita
 não quer se a mesma tem que ser caminhada
 pra frente en não quero assim não é
 mulher de todo mundo se te uma pedra
 que já tá comendo se quando eu sair
 e tu tiver numa forma meim me procura
 lá no redio no ti cone da minha
 netta nó ti chamar de pedra eu tá na
 pura contigo não se se táis na pura
 contigo as vezes acho que não pra que
 fala com muita gente tá certo que não mando
 ainda Há é aquelas não mando no eu
 querer, tu manda beijo pra mim e pra variad
 por isso quando mandar eu não quero beijo falso
 não é verdadens Manda Beijo Verdadeiro

Possi Pais

Oi Pôssi minha a miço
 Como você está lembra
 de mim da cadeira de Rio Grande
 e minha mãe
 você teve na minha casa
 mas mãe ficou lembra
 que pedi para você deixar
 seu em direção daí para
 escrever para você pois
 estou escrevendo o livro
 para com apegúço e
 me escreva tá minha a
 miço como está as coisas
 para o melhor está
 mas a situação você está legal
 tá bem, minha condessa
 ainda nada aqui as manas
 têm ~~me~~ me no dia a dia as brigadas
 galês na transe como
 sempre tá normal fazer
 o que me dá minha
 1ª parte

Rosé Reis

pois é minha amiga
 mas sei que Leduís
 mais é por que nunca
 escrevi nada nem uma
 carta para ninguém
 não sei que fazer des
 culpe por a letra mais estão
 com saudades de você
 você é muito legal
 adorei um pouco com
 você e pouco tempo que
 tivemos juntos se se
 me escreva tá Rose

Ai um abraço
 e não se esqueça
 de mim me escreva
 CP. 96200,00
~~_____~~ Rio grande
 RS
 Sua amiga
 Presídio Estadual
 Vila Daguinta BR, 392.

Oi meu amor: como estais, consigo
 tudo normal, e espero que estejas bem 
 estou louca de saudades tua. faz um favor
 pra mim só por ti minha tentação
 coração da um toque no teu coração
 na paula pra vê se da de ir 2a vez
 aquela mão pra mim, amor só por
 essa moeda lembra teu pai edilson
 de por essa mão pede pra paula com
 pra umas compras pra mim tá,
 preciso de: orno Brilhante, 1 creme
 seda, 3.0.5 Anti Friss, 1 P+ de marga
 rina Quality. e 1 prestar barba ----
 Meu amor só por ti Te amo muito
 não por quanto amor espero que goste
 da música que escrevi pra ti, dei
 o máximo de mim para melhorar a
 letra.

Minha tentação. todos os dias escuto
 tuí gritando, ainda  te quero muito
 só eu que sei o quanto.

e tá quando tuí for da um grito
 espera um pouco que vou te dar
 um assubio. tá, não tá dando de
 gritar na janela tá torrado + vai
 de assubiar para te dar boa noite

Ainda um beijaõ
 Te amo  +  +  +

Para alguém muito especial:

Quero minha musena linda quero quero
 que tu saibas que gostei um monte de ter
 ficado contigo até mesmo achei que você
 fosse a mulher ideal para mim só que não
 gostei me falaste uma coisa lá fora e
 cheguei aqui e era outra, pois fiquei muito
 triste mas como tu fala a vida continua se
 quiseres continua a que começamos da minha
 parte vai adorar até porque como você mesmo
 disse para nós nos acertamos em tudo pois
 gata eu sei que foi apenas só 3 dias mais
 para mim foi o suficiente para gostar de ti
 e quero que saibas que eu também ti vejo e
 sinto um clima no ar algo muito bom não
 quero dizer que mi apeguei mais tu quise
 pega falta pouco

Gato ^é uma língua de mãe

Outro significa um pouco de carinho
 só mesmo um pouco de carinho o
 quanto ti adoro

Eu não vou te dar com ninguém

meu amor você tem minha palavra porque

tudo que um homem precisa eu

~~me~~ tenho em casa só dependi de ti

dois beijos nesse corpo lindo e

Gostoso e maciuzinho

Pois sobre aquela mãe eu parei tá sereno
 pois só mi atrasar e quero sair e só adquirir
 alguma coisa pra mim ou talvez para nós
 né!

Ai meu AMOR pois hoje
 eu não tenho mais
 nada para te mandar
 mas o mundo eu vou
 mandar como mistério
 do para ti meu mundo
 13 chocolate e pedaço de
 para ti como amor.
 vou sempre como o
 mundo aí para ti e
 eu de o mundo para
 eu ir aí com certeza eu
 te louco para te encher
 de beijos neste corpo
 lindo que faz tempo
 que eu te amo e agora
 não vai ficar só na
 vontade eu vou fazer
 tudo o que eu posso

meu beijo A.S.P

Ai gostei de saber tudo isso
 que escreveu na carta só não
 gostei da parte que você falou
 que gostou do meu jeitinho que
 jeitinho é... eu em Junho 31
 sou de leão tu acha tu gostou
 na moral botei lombo puta... gost
 pena que não pode ter se
 pudesse tu ia ver uma coisa
 ia te deixar louquinho já faz
 uma cara que não faço isso
 vai fazer dois anos quando tu
 vejo fico assim logo gostei da
 calça cinza ficou assim, o meu
 não ficou espremado exasado tu
 liga não sei de nada Tenho
 um romance Também com uma
 do exterior não deixa ela saber
 acho que sabes ^{com quem}
 conheci sua filha ^(daquela criança)
~~hoje~~ brinquei com
 ela pelas grades uma gatinha
 se gostasse da carta te esperando
 outra

ANEXO B – Poemas de De Águida

De Águida estudou até a terceira série do ensino fundamental e na época da realização do trabalho de campo, estava escrevendo um livro, composto por poemas e desenhos, que trata sobre a sua vivência no cárcere. Os poemas anexados a este trabalho foram redigidos em folhas de papel retiradas do meu diário de campo. Ela os escolheu dentre tantos outros, tendo sido entregues a mim, com a intenção de obter o meu apoio para a publicação do livro. Não fiz promessas à De Águida nesse sentido, embora entenda que seus apontamentos mereçam ser publicados.

De Águida possui vários nomes. Além do nome do registro civil, no presídio é chamada de uma maneira, na boate em que trabalha fazendo programas sexuais, quando recebe o direito/"benefício" da saída temporária, possui mais de um nome e as pessoas que a conhecem em virtude da sua participação como líder comunitária lhe identificam como De Águida. Cidade de Águida é o nome do bairro onde ela está construindo uma casa, no Município de Rio Grande – Rio Grande do Sul. Nesta pesquisa, ela escolheu ser chamada assim.

Poema 1

ns 03:43

Quando Ilusório
 Vito dias melusa
 Em profunda depressão
 Foi transportada para
 O mundo Ilusório da escrita
 Cheia de conturbações mentais
 Sensibilidades e Sentimentos
 misturados
 Comecei a escrever
 palavras sem sentidos
 para escapar do sofrimento
 forense
 Comecei o mundo da escrita
 Comecei a escrever meus
 pensamentos, sonhos, emoções e
 saudades.
 É todo meu cotidiano forense
 Abri minha mente com
 Simplicidade
 Comecei a escrever com
 experiências vividas no
 isolamento
 É dezo a descoberta

do mundo da escrita
 Se desordenarem em
 meu cérebro
 Sem um roteiro
 para me orientar
 fico na esperança de
 encontrar alguém
 para prefacionar
 Meu pequeno grande
 Caderno de
 Pensamentos do Vida em
 Tempo Real na Penitenciária.

Jenn

Poema 2

15-01-08 (25)

Amargurada

da penitenciaría a coraçom é também
 quietude;
 É a insônia pelo o sono
 E as horas se arrastam pela madrugada
 De espiando monologar com uma
 Esfotográfica na mão, fico a
 desenhá-lo tudo que sinto neste lugar
 Com o espírito entristecido
 Penso que deixei Meivolar
 O Deus posses na criminalidade
 Porque imbejora o poder
 E o dinheiro dos traficantes
 E suas prosperidades, e não os
 Via afligidos pela messeria
 Só não imaginaria que suas ambições
 Os cingia como um colar
 Nem que a violência os envolvia
 Como um manto
 Pareciam sempre tranqüilos
 Aumentando suas riquezas
 E deixando os mãos na inocência
 Das necessidades dos desempregados

Se escondendo atrás da
 Ignorância dos viciados
 E através de mulas e latroçães
 Se refugiam da justiça
 Também sou am mulla ~~de~~
 hoje vivo na prisão amargurada
 No terror da solidão abandono
 Com a vida numa perpetua
 ruína
 Pela minha ambição e cobiça
 Fui ~~para~~ sociedade excluído

fim

Poema 3

ns 19:02

Penitenciária

Nesta cela macabra umida e fria
 Onde agonizo por culpa e culpa
 Comigo estão outros viventes
 errantes
 Resíduos de uma sociedade
 omissa e cruel que um
 dia fizemos parte
 Ficamos submisos humilhados
 na penitenciária
 Ouço o bater das cadeias
 Fechando as portas de ferro
 dos celos pelo lado de fora
 Escuto os passos apressados
 dos agentes penitenciários
 No corredor que balança
 As chaves penduradas em
 suas cinturas
 E me sinto aflito e angustiado e
 Recorro a Deus em oração
 Olhando o esboço fecho de luz
 da lua que entra pela janela
 gradeada da minha cela

Deitada em meu beche
 de concreto
 com a tristeza invadindo
 meus sentimentos
 O frio e a solidão
 que fazem companhia
 com o corpo dolorido
 e a alma dilacerada
 Busco a Deus semhar
 da minha alma
 procurando no meu instinto
 ser uma pessoa marginada
 no carcere privado.

fim

Poema 4

ns:00:00 (29)

Método da metóde
 Oca noite no meio da noite
 Perdida na solidão da cela quieta
 Olfato pela janela da gradeada
 O infinito negro do céu
 Sem estrelas nem luar
 Sem sono tentando destruir
 a tristeza
 Viagem física e psíquica
 Na escuridão nadando na imaginação
 Sem conseguir atingir a
 saudade que tenho em fazer
 hora extra em meu peito
 Sem piedade
~~o que eu sinto~~
 É ficar desafiado por um
 instante ter
 A metóde da metóde
 Da liberdade que tenho
 De outrora
 Tudo escondido muitos
 Segredos presentes das
 Sem poder ser relatados

Não vai ser fácil esquecer isto
 Minha história carcerária
 Nem apagar as lembranças
 Eivadas no confinamento
 Nem esquecer o tempo que
 Vivi no isolamento
 Já me assemelho a faca
 que mesmo cega
 Segue cortando e eu
 A furio e fogo neste lugar
 Sigo sobrevivendo
 Com a escuridão me
 Acompanhando

-fim-

Poema 5

ns 10:15 (28)

Polixarquia

Sou comandada por uma polixarquia
 fatidada
 Dentro de um cuculo arcaico
 Carcerário
 Com a existência arduamente
 me sentindo anulada
 E com uma vigilância aguçada
 Por tudo que acontece a minha volta
 Que deixa cicatrizes pelo escrito
 Quasi rimado, numa esuberância
 de poético
 Profético e amanhão com a mente
 espreitada e a vida encarcerada
 Numa ~~esuberância~~ tradução poética
 traduzo o que vivo na prisão
 Numa interpretação de escritora
 Num poder imaginário de ~~escritora~~
 historiadora
 Deito a imaginação num
 aparência calma, chorando
 para levar a alma
 vivendo esolada meus dias
 confinada.

Venerável me torno ~~capa~~
 surpreendente fico
 forjando uma história no
 passado
 Espreitando o futuro
 E vigiando o presente
 Como um diplomata
 Vigio as lembranças
 tatuadas em minha mente
 Assim vou obtendo meus anos
 no confinamento
 É meu dia-a-dia carcerário
 escrevendo.

flm

Poema 6

15:05:45

Torturados
 Acorda pela manhã barulhento
 Com os agentes penitenciários
 Abando os Cabeços dos celos
 Para começar mais uma rotina
 Turbulhento
 É sinto a dor de estar preso
 Está quimada no tempo
 Acorda depois de uma noite
 Longa de insônia e pequenos
 cochilos que são bruscamente
 interrompidos pelos pesadelos
 Transfigurados através dos
 sonhos dos colegas
 E gritos dos Torturados
 adormecidos na madrugada
 Que tem seus orgulhos de
 homens esmagados a pauladas
 E muitos são até por outros
 presos subjugados
 Se tornam insignificante e
 perdem suas personalidades
 E são pela polícia silenciados

Com Crueldade
 E andam pelo celo Soeudinda
 Suas passadas carceças
 de ossos e carne machucada
 E os que protegem esta
 crueldade se sentem superior
 E o homem para seus torturados
 com arripêndio
 E os torturados avostão seus
 passadas fardes. Que mil
 homens não corriguam no
 ombros
 Gargegam na alma o que
 mil homens não corriguam
 nos mões.
 fins

Poema 7

ns 00:10 (3)

Peregrinação do pensamento
 da peregrinação do meu pensamento
 Escorvo malacável uma estrofe
 Fluxo no estrofo contendo
 Unisinos transitórios do passado
 Em glória que vivi em liberdade
 Escorvo em forma de poemas
 Relatos lançantes meus pensamentos
 Globalizando o bom e o mal num
 Plausível depoimento poético
 Escorvo meus melodramas
 Carcerários

Desfendo dar um significado
 a minha vida prisioneira
 Escorvando de forma suberba
 Singela agressiva
 É com impacto unido
 Deus e o diabo num círculo
 Concentrões do tempo e do
 Espaço mental produzindo
 Uma expressiva interpretação
 Do que vivo, sinto, vejo na prisão
 É para o papel transereno

imitando a arte escrita
 Medusa me tornei
 Um ser tolerante
 De servidão a solidão
 Assum vou vivendo na prisão
 Com o pensamento
 Em constante peregrinação

fins

Poema 8

NS: 02: 49 (34)

Sonho Mal
 Ela madrugada Sabonosa
 Acorda de subto
 Depois de um pesadelo um Sonho mal
 Tompa um amargo suspiro
 Que mais parece
 Uma bomba Sonhenta
 Jogada na noite negra
 De solidão eterna
 É na escuridão da minha cela
 abate sobre mim
 A Sombra da tristeza que sorri
 Da minha boca um grito de
 desespero e pavor porque
 Acorda de subto de um Sonho mal
 É ali minha realidade atroz
 Atraz das grades e atreii - me
 Nos braços do vazio e o silêncio
 absorveu meu grito de agonia
 Apoiada em meu colchão
 Estendido no chão
 Junto a alma com a matéria
 Disturado com desespero

NS: 50: 37

Do que vi quando acordei
 Tentei bater os braços e voar
 Como um passarinho
 Que bate as asas e sai do ninho

Fim

Poema 9

hs:06:38 (39)

Clarim da Alvorada
 Pela janela gradeada da cela
 Olho o céu clariando aos poucos
 Para mais um parir do dia
 Com a terração se levantando denegar
 É o amendoá vai se iluminando
 Luzo as agentes penitenciárias
 Andando apressadas pelo corredor
 Abrindo os cadeados
 Para mais uma conferência
 É minha mente começo a
 Trazer moralizismo com
 As palavras que escrevo
 Ao som de uma reverenda de
 Passadros que parecem tocar
 O clarim da alvorada
 Usando em bando por cima
 Da penitenciária e meu
 Pensamento galopeia nos
 Mal troçados binhos que
 Escrevo quase rimados
 É com os olhos morrendo
 Lagrimas de saudade

pela liberdade escutando
 O canto do bem-de-vi.
 fiasquento que ecoa no
 silêncio da minha cela
 desejando minha imaginação
 Acuçando minha inspiração
 Assim vou vivendo na prisão

sábado fim